VOLUME 1

CIÊNCIA I

CAPÍTULO I

A "INFALIBILIDADE" DA CIÊNCIA MODERNA COISAS NOVAS COM NOMES VELHOS.

A CABALA ORIENTAL. (L.1. pág. 101).

Existem em algum lugar, neste vasto mundo, um livro antigo - tão antigo que os nossos modernos arqueólogos poderiam examinar-lhe as páginas durante um tempo infinito sem contudo chegarem a um acordo quanto à natureza do tecido sobre o qual ele foi escrito. É a única cópia original que existe atualmente. O mais antigo documento hebraico sobre a ciência secreta - a **Siphra Dzeniouta** foi compilado a partir desse livro, e isso numa época em que já o consideravam uma relíquia literária. Uma de suas ilustrações representa a Essência Divina emanada de Adão como um arco luminoso que tende a formar um circulo; depois de atingir o ponto mais alto dessa circunferência. a glória inefável endireita-se novamente, e volta à Terra, trazendo no vórtice um tipo superior de Humanidade. Quanto mais se aproxima de nosso planeta, mais a Emanação se torna sombria, até que, ao tocar o solo, ela é tão negra como a noite.

Os filósofos herméticos de todos os tempos têm sustentado a convicção, baseada, como alegam, em setenta mil anos de experiência, de que a matéria, devido ao pecado, torna-se, como o passar do tempo, mais grosseira e mais densa do que era quando da primitiva formação do homem; de que, no princípio, o corpo humano era de natureza semi-aérea; e de que, antes da queda, a humanidade comunicava-se livremente com os universos invisíveis. Mas, depois, a matéria tornou-se uma formidável barreira entre nós e o mundo dos espíritos. As mais antigas tradições esotéricas também ensinavam que, antes do Adão místico, muitas raças de seres humanos viveram e morreram, cada uma dando por sua vez lugar a outra. Teriam sido os tipos precedentes mais perfeito? Teriam alguns deles pertencido à raça alada de homens mencionada por Platão no *Fedro?*

À medida que o ciclo prosseguia, os olhos dos homens foram mais e mais se abrindo, até o momento em que ele veio, tanto quanto os próprios Elohim (Elohim Deuses ou Senhores) são idênticos aos Devas, Dhyâni-Buddhas ou Homens celestes.-, a conhecer "o bem e o mal". Depois de alcançar o seu apogeu, o ciclo começa a retroceder. Quando o arco atingiu um certo ponto que o colocou em paralelo com a linha fixa de nosso plano terrestre, a Natureza forneceu ao homem "vestes de *pele"*, e o Senhor Deus "os vestiu".

Essa crença na preexistência de uma raça mais espiritual do que aquela a que pertencemos atualmente pode ser reconstituída desde as mais antigas tradições de quase todos os povos. No antigo manuscrito quíxua, publicado por Brasseur de Bourbourg - o Popol Vuh - , os primeiros homens figuravam como uma raça dotada de razão e de fala, que possuía uma visão ilimitada e que conhecia de imediato todas as coisas. De acordo com Filon, o Judeu, o ar está repleto de uma hoste de espíritos invisíveis, alguns dos quais são livres do mal e imortais, e outros são perniciosos e mortais. "Dos filhos de EL nós descendemos, e filhos de EL voltaremos a ser." E a declaração inequívoca do gnóstico anônimo que escreveu *O evangelho segundo São João*, de acordo com a qual "todos os que O receberam", isto é todos os que seguiram praticamente a doutrina de Jesus, tornar-se-iam "filhos de Deus", aponta para a mesma crença. "Não sabeis que sois *deuses?*, exclamou o Mestre. Platão descreve admiravelmente no *Fedro* o estado anterior do homem, e aquele ao qual ele há de retornar: antes e depois da "perda das asas"; quando "ele vivia entre os deuses, e ele próprio era um deus no mundo aéreo". Desde a mais remota Antigüidade, as filosofias religiosas ensinaram que todo o universo estava repleto de seres divinos e espirituais de diversas raças. De uma delas, no correr do tempo, proveio ADÃO, o homem primitivo.

O PROGRESSO DA HUMANIDADE CARACTERIZADOS POR CICLOS. (L.1.pág.104).

Para um homem de Ciência, recusar a oportunidade de investigar um novo fenômeno, venha este na forma de um homem da Lua, ou na de um fantasma da quinta de Eddy, é igualmente repreensível.

Provenha este resultado do método de Aristóteles ou do método de Platão, não devemos nos demorar para investigá-lo; mas é um fato que as naturezas internas e externa do homem eram perfeitamente conhecidas

pelos antigos andrólogos (que estudavam as ciências do homem). Sem embargo das hipóteses superficiais dos geólogos, estamos começando a recolher quase diariamente as provas que corroboram as asserções desses filósofos.

Eles dividiam os intermináveis períodos da existência humana sobre este planeta em ciclos, durante um dos quais a Humanidade gradualmente atingiu o ponto culminante da mais alta civilização e gradualmente recaiu no mais abjeto barbarismo. A altura à qual a raça, em sua fase progressiva, muitas vezes chegou, pode ser francamente presumida pelo maravilhoso monumento da Antigüidade, ainda visíveis, e pelas descrições dadas por Heródoto de outras maravilhas de que não restou nenhum traço. Mesmo em sua época as gigantescas estruturas de muitas pirâmides e de templos mundialmente famosos eram apenas montes de ruínas. Dispersados pela infatigável mão do tempo, eles foram descritos pelo Pai da História como "as testemunhas veneráveis da glória antiguíssima de ancestrais mortos". Ele "evita falar das coisas divinas" e dá à posteridade apenas uma descrição imperfeita de oitava de algumas extraordinárias câmaras subterrâneas do Labirinto, onde jaziam - e ainda jazem - ocultos os restos sagrados dos Reis Iniciados.

Podemos ainda fazer uma idéia da alta civilização atingida em alguns períodos da Antigüidade pelas descrições históricas da época dos ptolomeus, embora nesse tempo se considerasse que as artes e as ciências estavam em decadência, e que muitos dos seus segredos já perdidos. Nas recentes escavações de Mariette-bey, aos pés das pirâmides, estátuas de madeira e outras relíquias foram exumadas, mostrando que muito tempo antes das primeiras dinastias os egípcios tinham atingido uma perfeição e um refinamento artístico capazes de excitar a admiração dos mais ardentes apreciadores da arte grega. Bayard Taylor descreve tais estátuas numa de suas conferência, e conta-nos que a beleza das cabeças, ornamentadas com olhos de pedras preciosas e sobrancelhas de cobre, é insuperável. Bem abaixo da camada de areia na qual repousavam os restos que figuram nas coleções de Lepsius, de Abbott e do Museu Britânico, encontram-se ocultas as provas tangíveis da doutrina hermética dos ciclos de que já falamos.

Todo verdadeiro *savante* admite que em muitos aspetos o conhecimento humano ainda está em sua infância. Será porque nosso ciclo começou numa época relativamente recente? *Estes ciclos*, segundo a filosofia caldaica, *não abrangem toda a humanidade num único e mesmo tempo.* O Prof. Draper confirma parcialmente esta teoria ao dizer que os períodos em que a Geologia "julgou conveniente dividir o progresso do homem na civilização não são épocas abruptas (intransponíveis) que se mantêm simultaneamente para toda a raça humana"; ele dá como exemplo os "índios nômades da América", que "só estão emergindo da idade da pedra". Assim, mais de uma vez os homens de Ciência confirmaram involuntariamente o testemunho dos antigos.

Qualquer cabalista que esteja a par do sistema pitagórico dos números e da Geometria pode demonstrar que as idéias metafísicas de Platão se basearam em princípios estritamente matemáticos. "As verdadeiras matemáticas", "são algo com que as ciências superiores têm estreita relação; as matemáticas ordinárias não passam de uma fantasmagoria ilusória, cuja tão louvada infalibilidade provém apenas disso - dos materiais, das condições e das referências em que elas se fundamentaram". Cientista que acreditam adotaram o método aristotélico apenas porque se esquivam, quando não fogem, dos particulares demonstrados nos universais, glorificam o método da filosofia indutiva, e rejeitam o de Platão, que consideram insubstancial. O Prof. Draper lamenta que alguns místicos especulativos como Amônio Saca e Plotino tenham tomado o lugar "de muitos geômetras do antigo museu". Ele esquece que a Geometria, a única dentre todas as ciências a proceder dos universais para os particulares, foi precisamente o método empregado por Platão em sua filosofia. Desde que a ciência exata confirme as suas observações às condições físicas e proceda como Aristóteles, ela certamente não poderá errar. Mas embora o mundo da matéria seja iluminado para nós, ele ainda é finito; e assim o materialismo girará para sempre num círculo vicioso, incapaz de elevar-se acima do que a circunferência permitir. A teoria cosmologia dos números que Pitágoras aprendeu dos Hierofante egípcios é a única capaz de reconciliar as duas unidades, matéria e espírito, e de fazer com que uma demonstre matematicamente a outra.

Os números sagrados do universo em sua combinação esotérica resolveram os grandes problemas e explicam a teoria da radiação e o ciclo de emanações. As ordens inferiores, antes de se transformarem nas ordens superiores, devem emanar das ordens espirituais superiores, e, ao chegarem ao ponto de retorno, devem reabsorver-se novamente no infinito.

A Filosofia, como tudo neste mundo de constante evolução, está sujeita à revolução cíclica. Como ela parece atualmente emergir com dificuldades das sombras do arco inferior, um dia poderá ser demonstrando que ela atingiu o ponto mais alto da circunferência muito tempo antes da época de Pitágoras.

CIÊNCIA SECRETA ANTIGA. (L.1.pág.106).

Mochus, o Sidônio, fisiólogo e professor da ciência anatômica, floresceu muito antes do Sábio de Samos - antes da época de Tróia -; e este recebeu as instruções sagradas dos discípulos e descendentes daqueles. Pitágoras, o filósofo puro, versado profundamente nos maiores fenômenos da Natureza, nobre herdeiro das tradições antigas, cuja grande contribuição foi libertar a lama dos grilhões dos sentidos e força-la a realizar os seus podres, deverá viver eternamente na memória humana.

A doutrina de *Metempsicose* - É a passagem da alma de um estado de existência para outro.- foi amplamente ridicularizada pelos homens da Ciência e rejeitada pelos teólogos; entretanto, se ela fosse convenientemente compreendida em sua aplicação à indestrutibilidade da matéria e à imortalidade do espírito, ter-se-ia reconhecido que ela é uma concepção sublime. Não deveríamos estudar a questão colocando-nos no ponto de vista dos antigos, antes de nos aventurarmos a desacreditar os seus mestres? A solução do grande problema da *eternidade* não diz respeito nem à superstição religiosa nem ao materialismo grosseiro. A harmonia e a uniformidade matemática da dupla evolução - espiritual e física - foram elucidadas exclusivamente nos números universais de Pitágoras, que construiu seu sistema inteiramente com base na chamada "fala métrica" dos *Vedas* hindus. Foi só recentemente que um dos mais zelosos eruditos sanscritistas, Martin Haug, empreendeu a tradução do *Aitareya-Brâhmana do Rig-Veda*, que era até então completamente desconhecido; estas explicações estabelecem, incontestavelmente, a identidade entre os sistemas pitagórico e bramânico. Em ambos, a significação esotérica deriva do número: no primeiro, da relação mística de cada número com tudo que é inteligível para a mente do homem; no segundo, do número de sílabas com que cada verso dos *Mantras* é formado. Platão, ardente discípulo de Pitágoras, adotou tão completamente este sistema a ponto de sustentar que o dodecaedro foi a figura geométrica empregada pelo *Demiurgo - ou Artífice; o supremo Poder que construiu o Universo.-* para edificar o universo. Algumas dessas figuras tinham uma significação particularmente solene. Por exemplo, o número *quatro*, de que o dodecaedro é triplo, era tido como sagrado pelos pitagóricos. É o quadrado perfeito e nenhuma das linhas que o limitavam cruza outra em qualquer ponto. É o problema da justiça moral e da eqüidade divina geometricamente expressas. Todos os poderes e todas as grandes harmonias da natureza física e espiritual repousam no quadrado perfeito, e o nome inefável daquele que, de outro modo, permaneceria indizível era substituído pelo número sagrado **"4"**, o mais inviolável e solene juramento entre os antigos místicos - a *Tetraktys.*

Se a metempsicose pitagórica pudesse ser completamente explicada e comparada com a moderna teoria da evolução, seria possível suprir todos os "elos perdidos" da corrente desta última.

O VALOR INESTIMÁVEL DOS VEDAS. (L.1.pág.108).

Nos *vedas*, por exemplo, encontramos prova positiva de que já em 2000 a.C. os sábios hindus e os eruditos devem ter tido conhecimento da rotundidade de nosso globo e do sistema heliocêntrico. Eis por que Pitágoras e Platão tão bem conheceram esta verdade astronômica; pois Pitágoras obteve seu conhecimento na Índia, ou de homens que lá estiveram, e Platão repetia fielmente os seus ensinamentos.

Há fatos que provam que certos cálculos astronômicos eram tão corretos entre os caldeus da época de Júlio César como o são hoje. Quando o calendário foi reformado pelo Conquistador, descobriu-se que o ano civil se coadunava tão pouco com as estações, que o verão adentrava pelos meses de outono e os meses de outono por todo o inverno. Foi Sosígenes, o astrônomo caldeu, quem restabeleceu a ordem na confusão, recuando em noventa dias o dia 25 de Março, e assim fazendo este dia corresponder ao equinócio da primavera; e foi Sosígenes ainda que fixou a duração dos meses tal como ela existe ainda hoje.

Na América, o exército de Montezuma descobriu que o calendário dos astecas concedia um número igual de dias e de semanas a cada mês. A extrema correção de seus cálculos astronômicos era tão grande, que nenhum erro foi neles descoberto durante as verificações posteriores, ao passo que os europeus que desembarcaram no México em 1519 estavam, graças ao calendário juliano, aproximadamente dez dias adiantados em relação ao tempo correto.

É às traduções escrupulosas e inestimáveis dos livros védicos e às pesquisas pessoais do Dr. Haug, que devemos a corroboração das pretensões dos filósofos herméticos. Pode-se facilmente provar a época de Zaratusta Spitama (Zoroastro) é de uma antigüidade incalculável. Os brâmanas, aos quais Haug atribui quatro mil anos, descrevem a disputa religiosa entre os antigos hindus que viveram no período pré-védico e os iranianos. Os combates entre os devas e os asuras - os primeiros representado os hindus e os últimos os iranianos - são minuciosamente descritos nos livro sagrados.

A DOUTIRNA DA MENTEMPSICOSE. (L. 1. pág. 109).

Não houve um só filósofo de alguma notoriedade que não tenha sustentado a doutrina da metempsicose - tal como foi ensinada pelos brâmanes, pelos budistas e mais tarde pelos pitagóricos, em seu sentido esotérico -, quer ele a tenha ou não expresso de maneira inteligível. Orígenes e Clemente de Alexandria, Sinésio e Calcídio, todos acreditavam nela; e os gnósticos, reconhecidos incontestavelmente pela

História como um grupo de muito refinados, eruditos e esclarecidos homens, todos professavam a crença na metempsicose. Sócrates comungava doutrinas idênticas às de Pitágoras; e ambos, para expiar a sua filosofia divina, morreram de morte violenta. O vulgo sempre foi o mesmo em todos os tempos. O materialismo foi e será sempre cego às verdades espirituais. Esses filósofos sustentavam, com os hindus, que Deus infundiu na matéria uma porção de seu próprio Espírito Divino, que anima e move cada uma das partículas. Eles ensinavam que o homem tem *duas almas*, de natureza diversa e totalmente distinta: uma perecível - a Alma Astral, ou o corpo fluídico interno - e outra incorruptível e imortal - a *Augoeides*, ou porção do Espírito Divino; que a alma astral ou mortal morre a cada mudança gradual no limite de toda nova esfera, tornando-se com cada transmigração mais purificada. O homem astral, por mais intangível e invisível que possa ser aos nossos sentidos mortais e terrestres, é ainda constituído de matéria, embora sublimada. Aristóteles acreditava que as almas humanas são emanações de Deus e que elas são finalmente reabsorvidas na Divindade. Zenão, o fundador do Estoismo, ensina que existem "duas qualidades eternas em toda a natureza; uma, ativa, ou masculina, e outra, passiva, ou feminina: a primeira é éter puro e sutil, ou Espírito Divino; a outra é em si mesma totalmente inerte até a sua união com o princípio ativo. O Espírito Divino, ao agir sobre a matéria, produz o fogo, a água, a terra e o ar; e é o único princípio motor de toda a natureza. Os estóicos, como os sábios hindus, acreditavam na absorção final. São Justino acreditava que as almas emanam do seio da divindade, e Tatiano, o Assírio, seu discípulo, declarava que "o homem é tão imortal quanto o próprio Deus".

MUTILAÇÕES DOS LIVROS SAGRADOS JUDAICOS TRADUZIDOS. (L.1.pág.110).

O versículo profundamente significativo do *Gênese*: "E a todos os animais da terra e a todas as aves dos céus e a todos os répteis da terra eu dei uma *Alma Viva* (...)" deveria chamar a atenção de todos os eruditos hebreus capazes de ler a Escritura no original, e demovê-los de seguir a tradução errada, na qual se lê: "em que *há vida*" (*Gênese, I, 30*.)

Desde o primeiro capítulo até o último, os tradutores dos Livros Sagrados judaicos interpretaram mal este significado. Eles mudaram a ortografia do nome de Deus, como prova Sir W. Drummond. Assim, *El* se corretamente escrito, deveria ler-se *Al*, e, segundo Higgins, esta palavra significa o deus Mitra, *o Sol*, o conservador e o salvador. Sir W. Drummond mostra que *Beth-El* significa a Casa do *Sol*. " Foi assim que a Teologia desfigurou a antiga Teosofia e a Ciência, a antiga Filosofia.

Por não compreendermos este grande princípio filosófico, os métodos da Ciência moderna, embora exatos, a nada levarão. Não há um só de seus ramos que possa demonstrar a origem e o fim das coisas. Em vez de investigar o efeito a partir de sua fonte primeiro, o seus progresso se dá ao inverso. Os tipos superiores, como ele ensina, resultam da evolução dos tipos inferiores. Ela parte do fundo do ciclo, conduzida passo a passo no grande labirinto da natureza por um fio de matéria. Assim que este se rompe e a pista se perde, ela recua, assustada, diante do Incompreensível, e confessa a sua *impotência*. Não procediam assim Platão e seus discípulos. Para eles, *os tipos inferiores são simplesmente as imagens concretas dos tipos abstratos superiores.* A alma, que é imortal, tem uma origem aritmética, assim como o corpo tem uma origem geométrica. Esta origem, enquanto reflexo do grande ARCHAEUS universal, é dotada de movimento próprio e difunde-se a partir do centro sobre cada corpo do microcosmos.

A figura geométrica fundamental da Cabala - essa figura que a tradição e as doutrinas esotéricas nos dizem ter sido dada pela própria Divindade a Moisés no Monte Sinais (*Êxodo, xxv, 40* - "Cuida para que se execute este trabalho segundo o modelo que te mostrei no monte") - contém em sua grandiosa, porque simples, combinação a chave do problema universal. Essa figura contem em si todas as outras. Para aqueles que são capazes de dominá-la, não há necessidade de exercitar a imaginação. Nenhum microscópio pode ser comparado à intensidade de percepção espiritual.

DAS DOUTRINAS DO ESPIRITUALISMO. (L.1.pág.111).

As doutrinas fundamentais do Espiritualismo, diz Huxley, "estão fora dos limites da investigação filosófica". Seremos bastantes audazes para contradizer tal asserção, e dizemos que elas estão muito mais dentro desses limites do que o protoplasma de Huxley. Ainda mais que elas oferecem fatos palpáveis e evidentes da existência do *espírito*, e as células protoplasmáticas, uma vez mortas, não apresentam absolutamente nada das origens ou das bases da vida, como este autor, um dos poucos "pensadores de proa do presente", nos quer fazer acreditar.

Os antigos cabalistas não se demoravam numa hipótese, se a base desta não estivesse estabelecida sobre a rocha sólida das experiências comprovadas.

Mas a exagerada subordinação aos fatos físicos ocasiona a pujança do materialismo e a decadência da espiritualidade e da fé. Ao tempo de Aristóteles, era essa a tendência de pensamento dominante. E embora

o preceito délfico ainda não tivesse sido completamente eliminado do pensamento grego, e alguns filósofos ainda sustentassem que "para saber o que o homem *é*, devemos saber o que o homem *foi*, o materialismo já tinha começado a corroer a fé pela raiz. Os próprios mistérios haviam se degenerado ao extremo em meras especulações sacerdotais e fraudes religiosas. Poucos eram os verdadeiros adeptos e iniciados, os herdeiros e os descendentes daqueles que foram dispersados pelas espadas conquistadoras de vários invasores do Antigo Egito.

O tempo predito pelo Hermes em seu diálogo com Esculápio tinha deveras chegado; o tempo em que estrangeiros ímpios iriam acusar o Egito de adorar monstros, em que nada iria sobreviver de suas instituições, a não ser as inscrições gravadas na pedra sobre os monumentos - enigmas incríveis para a posteridade. Seus escribas e seus hierofantes erravam sobre a Terra. Obrigados pelo medo da profanação dos santos mistérios a procurar refúgio entre as confrarias herméticas - conhecidas mais tarde sob o nome de *essênios*, seus conhecimentos esotéricos foram então mais do que nunca sepultados profundamente. A espada triunfante do discípulo de Aristóteles removera de sua trilha de conquista todo vestígio de uma outrora pura religião, e o próprio Aristóteles, tipo e protótipo de sua época, embora instruído na ciência secreta dos egípcios, pouco conheceu desses soberano redundados de milênios esotéricos.

Nossa ciência moderna reconhece um Poder Supremo, de um Deus pessoal. Logicamente, pode-se contestar que existe uma diferença entre as duas idéias, pois, no presente caso, *o Poder e o Ser são idênticos.* A razão humana imagina com dificuldade um Poder Supremo inteligente, se não o associa à idéia de um Ser Inteligente. Não esperamos que as massas ignorantes tenham uma clara concepção da onipotência e da onipresença de um Deus Supremo sem dotar tais atributos de uma gigantesca projeção de sua própria personalidade. Mas os cabalistas jamais consideraram o invisível UNSOPH EN-SOPH, O infinito ou ilimitado. senão como um *Poder.*

A MAGIA VISTA SEMPRE COMO UMA CIÊNCIA DIVINA. (L.1.pág.113).

Maimônides, o grande teólogo e historiador judeu que, numa certa época, foi quase deificado por seus concidadãos e, mais tarde, tratado como herético assinala que quanto mais o *Talmud* parece absurdo e vazio de sentido, mais sublime é o seu significado secreto. Este homem sábio demonstrou vitoriosamente que a Magia Caldaica, a ciência de Moisés e de outros sábios taumaturgos, baseava-se totalmente num extenso conhecimento dos diversos e hoje esquecidos ramos da ciência natural. Perfeitamente a par dos recursos dos reinos vegetal, animal e mineral, versados na Química e na Física ocultas, psicólogos e fisiólogos, por que ficarmos espantados se os iniciados e os adeptos instruídos nos santuários misteriosos dos templos podiam operar maravilhas que, mesmo em nossos dias esclarecidos, parecem sobrenaturais? É um insulto à natureza humana difamar a Magia e as ciências ocultas tratando-as como imposturas. Acreditar que durante tantos milhares de anos uma metade do gênero humano praticou o embuste e a fraude com a outra metade equivalente a dizer que a raça humana é composta quase exclusivamente de malfeitores e de idiotas incuráveis.

Nos mais antigos documentos que hoje possuímos - os *Vedas e as Leis de Manu*, mais antigas ainda -, encontramos muitos ritos mágicos praticados e permitidos pelos brâmanes. O Tibete, o Japão e China ensinam até hoje o que ensinavam os antigos caldeus. O clero desses respectivos países prova, além disso, o que eles ensinam, ou seja: que a prática da pureza moral e física, e de algumas austeridade, desenvolve o poder total da alma para a auto-iluminação. Concedendo ao homem o controle sobre o seu próprio espírito mortal, tais práticas lhe dão verdadeiro poder sobre os espíritos elementares que lhe são inferiores. No Ocidente, descobriremos que a Magia remonta a uma época tão recuada como a do Oriente. Os druidas da Grã-Bretanha a praticavam nas criptas silenciosas de suas grutas profundas; e Plínio consagrava mais de um capítulo à "sabedoria" dos líderes celtas. Os semoteus - os druidas gálicos - professavam tanto as ciências espirituais como as ciências físicas. Eles ensinavam os segredos do universos, a marcha harmoniosa dos corpos celestes, a formação da Terra e, sobretudo, a imortalidade da alma. Em seus bosques sagrados - academias naturais construídas pela mão do Arquiteto Invisível - os iniciados se reuniam, na hora tranqüila da meia-noite, para aprender o que o homem foi e o que será. Não precisavam de iluminação artificial, nem de gás malsão, para alumiar os seus templos, pois a casta deusa da noite projetava os raios mais prateados sobre as suas cabeças coroadas de folhas de carvalho; e os bardos sagrados vestidos de branco sabiam como conversar com a rainha solitária da voluta estrelada.

A Magia é tão antiga quanto a Humanidade. É tão impossível indicar a época de seus início como fixar o dia em que o primeiro homem nasceu.

Consideraram alguns que Odin, o sacerdote e monarca escandinavo, teria dado início à pratica da Magia por volta de setenta anos antes da era cristã. Mas demostrou-se facilmente que os ritos misteriosos das

sacerdotisa chamadas *voilers, valas,* eram muito anteriores a essa época. Alguns autores modernos procuraram provar que Zoroastro foi o fundador da Magia, porquanto foi ele o fundador da religião dos magos. Amiano Marcelino, Arnóbio, Plínio e outros historiadores antigos demonstraram conclusivamente que ele foi apenas um reformador da arte mágica tal como era praticada pelos caldeus e pelos egípcios.

A LINHAGEM SIMBÓLICA USADA NOS LIVROS ANTIGOS. OS FENÔMENOS MEDIÚNICOS. (L. 1. pág.114).

Os maiores professores de Teologia concordam em reconhecer que todos os livros antigos foram escritos simbolicamente e numa linguagem inteligível apenas aos iniciados. O esboço biográfico de Apolônio de Tiana é um exemplo disso. Como qualquer cabalista o sabe, tal esboço enfeixa toda a Filosofia Hermética e forma, em muitos aspectos, a contrapartida das tradições que nos foram deixadas pelo rei Salomão. Ele se assemelha a um conto de fadas, mas, como no caso deste, às vezes os fatos e os acontecimentos históricos são apresentado ao mundo sob as cores da ficção. A viagem à Índia representa alegoricamente as provas de um neófito. Seus longos diálogos com os brâmanes, os sábios conselhos destes e os diálogos com o corinto Menipo, se interpretados, reproduziriam o catecismo esotérico. Sua visita ao império dos sábios, sua entrevista com o rei Hiarchas, o oráculo de Anfiarau, explicam de maneira simbólica muitos dos dogmas secretos de Hermes. Bem compreendidos, eles nos abririam alguns dos segredos mais importantes da natureza. Éliphas Lévi assinala a grande semelhança que existe entre o rei Hiarchas e o fabuloso Hiram, de quem Salomão obteve os cedros do Líbano e o ouro de Ofir.
Assim, os babilônios determinaram a duração do ano tropical com um erro de 25 segundos; seu cálculo do ano sideral acusa a diferença de apenas dois segundos a mais. Eles descobriram a precessão dos equinócios. Conheciam as causas dos eclipses e, com a ajuda de seu ciclo, chamado *saros*, podiam predizê-los. Seus cálculos do valor desse ciclo, que compreendia mais de 6.585 dias, tinha um erro de dezenove minutos e trinta segundos".

"Tais fatos fornecem a prova irrefutável da paciência e da habilidade com as quais a Astronomia foi cultivada na mesopotâmia e de que, apesar dos instrumentos inadequados, esta ciência atingiu um perfeição que não se deve desprezar. Esses antigos observadores fizeram um catálogo das estrelas, dividiram o zodíaco em doze signos; separaram o dia e a noite em doze horas. Devotaram-se, por longo tempo, como diz Aristóteles, à observação das ocultações das estrelas pela Lua. Corrigiram as idéias a respeito da estrutura do sistema solar, e conheceram a ordem de localização dos planetas. Construíram relógios solares, clepsidras, astrolábios, gnomos."

Falando do mundo das verdades eternas que se ocultam "no mundo das ilusões transitórias e das não-realidades", diz o Prof. Draper: "Esse mundo não será descoberto graças às vãs tradições que nos transmitiram a opinião dos homens que viveram nos albores da civilização, nem no *sonhos dos místicos* que se acreditavam inspirados. Ele será descoberto através das investigações *da Geometria, e das interrogações práticas à Natureza.*

Exatamente. A conclusão não poderia estar mais bem expressa. Esse eloqüente escritor fala-nos uma verdade profunda. Contudo, ele não nos fala *toda* a verdade, pois não a conhece. Ele não descreveu a natureza e a extensão dos conhecimentos ensinados nos mistérios. Nenhum povo posterior foi tão proficiente na Geometria quanto os construtores das pirâmides e de outros monumentos gigantescos antediluvianos e pós-diluvianos. Por outro lado, ninguém jamais os igualou na interrogação prática à Natureza.

Uma prova inegável disso é o significado de seus incontáveis símbolos. *Cada um desses símbolos é uma idéia concretizada - que combina a concepção do Divino Invisível com o terreno e o visível.* Um deriva do outro, por analogia, de acordo com a fórmula hermética - "como embaixo, assim é em cima". Seus símbolos mostram grande conhecimento das ciências naturais e um estudo prático do poder cósmico.

Schweigger prova que os símbolos de todas as mitologias têm base e essência cientificas. Foi apenas através das recentes descobertas das forças físicas eletromagnéticas da Natureza que alguns entendidos em Mesmerismo, como Ennemoser, Schweigger e Bart, na Alemanha, o Barão Du Potet e Regazzoni, na França e na Itália, conseguiram estabelecer, com rigorosa precisão, a verdadeira correlação que existe entre cada *Theomythos* e uma dessas forças. O dedo idéico, que tantã importância teve na arte mágica de curar, consiste num dedo de ferro que é alternativamente atraído e repelido por forças magnéticas naturais. Na Samotrácia, ele produziu prodígios de cura, devolvendo os órgão afetados ao seu estado normal

Bart vai mais longe do que Schweigger, ele trata extensamente dos dáctilos frígios, esses "mágicos e exorcistas das doenças", e dos teurgistas cabírios. E diz: "Enquanto tratamos da íntima união dos dáctilos com as forças magnéticas, não nos limitamos necessariamente à pedra magnética e nossas idéias a respeito da Natureza não fazem mais do que uma vista d'olhos sobre o magnetismo em conjunto. Assim se

compreende, então, como os iniciados, que a si próprios se chamavam *dáctilo*, despertam o assombro das gestantes com as suas artes mágicas, operando, como fizeram, milagres de natureza curativa. A isto eles próprios acrescentaram muitos outros conhecimentos que o clero da Antigüidade tinha o hábito de praticar: o cultivo da terra e da moralidade, o progresso da arte e da ciência, os mistérios e as consagrações secretas. Tudo isso foi feito pelos sacerdotes cabíros, " *e por que não guiados e ajudados pelos misteriosos espíritos da Natureza*?" Schweigger é da mesma opinião, e demonstra que os fenômenos da antiga teurgia eram produzidos por poderes magnéticos "sob a orientação dos espíritos".

Apesar do seu aparente politeísmo, os antigos - pelo menos os das classes esclarecidas - eram totalmente monoteístas; e isso, séculos e séculos antes dos dias de Moisés. Nos *Papiros de Ebers* esse fato é mostrado de maneira definitiva nas seguintes palavras, traduzidas das primeiras quatro linhas da Lâmina I: "Eu vim de Heliópolis com os grandes seres de Het-aat, os Senhores da Proteção, os mestres da eternidade e da salvação. Eu vim de Sais com as Deusas-Mães, que me protegeram. *O Senhor do Universo* disse-me como libertar os deuses de todas as doenças mortais". *Os homens eminentes eram chamados de deuses pelos antigos.*

Ninguém contesta o mérito de Champollion como egiptólogo. Ele declara que tudo faz crer que os antigos egípcios eram profundamente monoteístas. E confirma em seus mínimos detalhes a exatidão das obras do misterioso Hermes Trimegistro, cuja antigüidade se perde na noite dos tempos. Ennemoser diz também: "Heródoto, Tales, Parmênides, Empédocres, Orfeu e Pitágoras foram ao Egito e ao Oriente a fim de se instruírem na Filosofia Natural e na Teologia". Foi lá também que Moisés adquiriu seus conhecimentos, e Jesus passou os primeiros anos de sua vida.

Lá se reuniam os estudantes de todas as nações antes da fundação de Alexandria. "Por que razão", acrescenta Ennemoser, "se veio o conhecer tão pouco dos mistérios? A resposta está no silêncio universalmente rigoroso do iniciado. Outra causa se acha na destruição e perda completa de todos os relatos escritos do conhecimento secreto da mais remota Antigüidade." Os livros de Numa, descritos por Tito Lívio, que consistiam de tratados sobre a Filosofia Natural, foram encontrados em seu túmulo; não se permitiu divulgá-los, por receio de que revelassem os mais secretos mistérios da religião do Estado. O senado e os tribunos do povo determinaram que esses livros fossem queimados e tal decisão foi publicamente executada.

A Magia era considerada uma ciência divina que permitia a participação nos atributos da própria Divindade. "Ela desvenda as operações da Natureza", diz Fílon, o Judeu, ":e conduz à contemplação dos poderes celestiais". Mais tarde, o abuso e a sua degeneração em feitiçaria a transformaram num objeto de abominação geral. Devemos, por isso, considerá-la apenas como era no passado remoto, quando toda religião verdadeira se baseava no conhecimento das forças ocultas da Natureza. Não foi a classe sacerdotal da Pérsia antiga que institui a Magia, como se acreditava comumente, mas sim os magi, que dela derivam o nome. Os mobeds, sacerdotes dos pârsis - os antigos ghebers -, chamam-se, ainda hoje, *magoï*, no dialeto dos pehlvis. *A Magia surgiu no mundo com as primeiras raças de homens*. Cassino menciona um tratado, muito conhecido nos séculos IV e V, que se atribuía a Cam, o filho de Noé, que por sua vez o teria recebido de Jared, a quarta geração após Seth, o filho de Adão.

Moisés devia seus conhecimentos à mãe da princesa egípcia Termutis, que o salvou das águas do Nilo. A mulher do Faraó, Batria, era ela própria uma iniciada e os judeus lhe deram a guarda de seu profeta, "educado em toda a ciência dos egípcios e poderoso em palavras e ações". Justino, o Mártire, baseando-se na autoridade de Trogo Pompeu, apresenta José como alguém que adquiriu um grande conhecimento das artes mágicas entre os sacerdotes do Egito.

Origines, que pertenceu à escola platônica de Alexandria, declara que Moisés, além dos ensinamentos da aliança, divulgou alguns importantíssimos segredos "provindos das profundezas mais ocultas da lei" aos setenta anciãos. Ele lhes ordenou que transmitissem tais segredos apenas àqueles que julgassem dignos.

O clero das três principais igrejas cristã, a grega, a romana e a protestante, confunde-se com todos os fenômenos espirituais que se manifestam através dos chamados "médiuns". E de fato há não muito tempo as duas últimas igrejas queimaram, enforcaram e de muitas maneiras assassinaram todas as vítimas indefesas através de cujos corpos os espíritos - e às vezes as forças cegas ainda inexplicadas da Natureza - se manifestavam. À testa das três igrejas, sobressai a Igreja de Roma. Ela está pronta e ansiosa para recomeçar. Mas os seus pés e mãos estão atados pelo espírito de progresso e de liberdade religiosa do século XIX que ela condena e amaldiçoa diariamente. A Igreja grego-russa é a mais doce e a mais cristã em sua simples e primitiva, ainda que cega, fé.

Os fenômenos mediúnicos ocorreram em todos os tempos, na Rússia como em outros países. Essa força ignora diferenças religiosas, ri-se das nacionalidades e invade, sem convite, qualquer individualidade, seja esta a de uma cabeça coroada ou a de um pobre mendigo.

O Príncipe de Holenlohe, tão célebre durante o primeiro quarto deste século por seus poderes de cura, era um grande médium. De fato, esses fenômenos e poderes não pertencem a nenhum país em particular. Fazem parte dos atributos psicológicos do homem - o microcosmo.

A DIVISÃO DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE EM CICLOS. (L. 1. pág. 122).

Para demonstrar que as nações sustentadas pelos antigos a respeito da divisão da História humana em ciclos não careciam inteiramente de bases filosóficas, apresentaremos ao leitor uma das mais antigas tradições da Antigüidade concernentes à evolução de nosso planeta.

Ao término de cada "grande ano", que Aristóletes - de acordo com Densorino - chamava *o maior*, e que consiste de seus *sars* (BERROSO, Astrólogo CALDEU, FIXA A DURAÇÃO DE UM SAR, EM 3.600 ANOS.), nosso planeta está sujeito a uma completa revolução física. Os climas polares e equatoriais mudam gradualmente de lugar. Os primeiros avançam lentamente para a linho equatorial, e a zona equatorial (com sua vegetação exuberante e seus enxames de vida animal) toma o lugar dos desertos gelados dos pólos. Essa mudança de clima é necessariamente acompanhada por cataclismos, tremores de terra e outras convulsões cósmicas. (Antes de rejeitarem essa teoria por mais tradicional que seja -, os Cientistas deveriam explicar por que, ao fim do Período Terciário, o hemisfério norte sofreou uma redução de temperatura de tal ordem que transformou completamente a zona tórrida num clima siberiano. Tenhamos em mente que o sistema Heliocêntrico nos vem da Índia setentrional; e que os germes de todas as grandes verdades astronômicas foram trazidos de lá por Pitágoras. Como não temos uma demonstração matemática correta , uma Hipótese é tão boa quanto a outra.) Visto que os leitos dos oceanos se deslocam, ao final de cada decamilênio e por volta de um *Neros*, ocorre um dilúvio semi-universal como o dilúvio legendário de Noé. Os gregos chamavam esse ano de *helíaco*, mas ninguém, fora do santuário, tinha com detalhes uma idéia exata de sua duração. O inverno desse ano chamava-se cataclismo ou dilúvio - o verão, *ecpyrosus*. As tradições populares ensinam que durante essas estações o mundo é alternativamente queimado e depois inundado. Isso é pelo menos o que ensinam os *Fragmentos astronômicos* de Censorino e Sêneca. A incerteza dos comentadores a respeito da duração desse ano era tantã que nenhum deles exceto Heráclito e Lino, que lhe atribuíram, o primeiro 10.800 anos e o segundo 13.984 anos, se aproximou da verdade. De acordo com a opinião dos sacerdotes babilônicos, corroborada por Eupolemo, "a cidade de Babilônia foi fundada pelos que se salvaram da catástrofe do dilúvio; *eram os gigante*, e construíram a torre de que se fala na História". Esses girantes, que eram grandes astrólogos e receberam de seus pais, "os filhos de Deus", uma completa instrução nas coisas secretas, instruíram por sua vez, os sacerdotes a deixaram nos templos todos os registros do cataclismo periódico de que eles próprios eram testemunhas. Foi assim que os altos sacerdotes chegaram ao conhecimento dos *grandes* anos. Quando lembramos, além disso, que Platão no *Timeu* fala de um velho sacerdote egípcio que representa a Sólon por ignorar o fato de que houve vários desses dilúvios, como o grande dilúvio de Ogyges, podemos facilmente compreender que essa fé no *heliakos* era uma doutrina sustentada pelos sacerdotes iniciados de todo o mundo.

Os *Neros,* o Brihaspati ou os períodos chamados yugas (A milésima parte de um Kalpa. Uma das quatro idades do Mundo e cuja série continua em sucessão durante o ciclo o ciclo Manvantárico. [Ou kalpasNoite de período de uma revolução do mundo, geralmente um ciclo de tempo, porém comumente representa um “Dia e uma Noite” de Brahmâ, um Período de 4.320 milhões de anos.), são problemas vitais a resolver. O Satya-yuga e os ciclos budistas de cronologia se traduzem por números que fariam arrepiar um matemático. O Mahâ-kalpa ("Grande era". "Ou "GRANDE CICLO".) abarca um número incontável de período que remontam a muito antes das eras antediluvianas.

Como nosso planeta gira todos os anos uma vez em redor do Sol e ao mesmo tempo uma vez a cada vinte e quatro horas sobre o seu próprio eixo, atravessando assim círculos menores dentro de outro maior, a obra dos períodos cíclicos menores se cumpre e se reinicia nos limites do Grande Saros (GRANDE CICLO).

A revolução do mundo físico, segundo a antiga doutrina, é acompanhada de uma revolução análoga no mundo do intelecto - uma vez que tanto o mundo espiritual como o físico caminham por ciclos.

Vemos, dessarte, na História, uma sucessão alternada de fluxos e de refluxo na maré do progresso humano. Os grandes reinos e impérios do mundo, depois de atingirem o ponto culminante de sua grandeza, declinam, de acordo com a mesma lei que os faz acenderem; até que, ao atingir o ponto mais baixo, a Humanidade se reafirma e sobe novamente, e a altura de seu esforço, devido a essa lei de progresso ascendente por ciclos, é um pouco mais elevada do que o ponto do qual ela tinha antes descido.

A divisão da História da Humanidade em Idades do Ouro, da Prata, do Cobre e do Ferro não é uma ficção. Vemos o mesmo fenômeno reproduzir-se na literatura dos povos. Uma idade de grande inspiração e de produção inconsciente é invariavelmente seguida de uma idade de crítica e de consciência. Uma fornece os materiais para o intelecto analítico e crítico da outra.

Assim, todas as grandes personalidades que se erguem como gigantes na história do gênero humano, como Buddha-Siddharta, e Jesus, no reino das conquistas espirituais, bom como Alexandre, o Macedônio, e Napoleão, o Grande, no reino das conquistas físicas, são apenas imagens refletidas de tipos humanos que viveram há dez mil anos, no decemilênio precedente, reproduzidas pelos misteriosos poderes que controlam os destinos de nosso mundo. Não existe uma única personalidade proeminente nos anais da história sagrada ou profana cujo protótipo não se possa encontrar nas tradições, metade fictícias, metade reais, das religiões e das mitologias de outrora. Tal como a estrela que, brilhando a uma distância incomensurável acima de nossas cabeças, na imensidade sem limites do céu, se reflete nas águas límpidas de um lago, assim a imagem dos homens antediluvianos se reflete nos períodos que podemos enfeixar num retrospecto histórico.

" *Como em cima, assim é embaixo. O que foi retornará novamente. Como no céu, assim na terra."*

É pois, sem dúvida, apenas à Antigüidade que devemos nos dirigir para conhecer a origem de todas as coisas.

O ANSEIO DO HOMEM PELA IMORTALIDADE.(L. 1. pág. 127).

A natureza humana é como a Natureza universal em seu horror ao vácuo. Ela sente uma aspiração intuitiva pelo Poder Supremo. Sem um Deus, o cosmo lhe pareceria semelhante a um mero cadáver sem alma. Proibido de buscá-lo onde apenas os Seus vestígios seriam encontrados, o homem preencheu o penoso vazio com o Deus pessoal que os seus mestres lhe edificaram com as ruínas esparsas dos mitos pagãos e com as filosofias encanecidas da Antigüidade. A Humanidade tem uma necessidade inata e irrefreável que *deve* ser satisfeita em qualquer religião que suplante a teologia dogmática indemonstrada e indemostrável de nossos séculos cristãos. Trata-se do anseio pelas provas da imortalidade.

Muitos sacerdotes cristão foram forçados a reconhecer que *não* existe uma fonte *autêntica* da qual a certeza numa existência futura possa ser extraída pelo homem. Como poderia, então, ter-se mantido essa crença, durante séculos incontáveis, senão porque, entre todas as nações, civilizadas ou bárbaras, homens *forneceram* as provas demonstrativas?

Os maiores pensadores da Grécia e de Roma consideravam tais "aparições espectrais" como fatos demonstrados. Eles distinguiam as aparições pelos nomes de *manes, anima e umbra: os manes* descem, após a morte do indivíduo, ao mundo inferior; a *anima*, ou espírito puro, sobe ao céu; e a *umbra* (o espírito ligado a Terra), sem repouso, vaga ao redor de seu túmulo, já que a atração da matéria e a afeição pelo seu corpo nele predominam e lhe impedem a ascensão às regiões superiores.

Mas todas essas definições devem ser submetidas à cuidadosa análise da Filosofia. Muitos de nossos pensadores não consideram que as numerosas modificações na linguagem, a fraseologia alegórica e a evidente discrição dos antigos escritores místicos, que eram obrigados a jamais divulgar os segredos solenes do santuário, puderam infelizmente iludir os tradutores e comentadores.

O esquecimento e a recusa dessas provas conduziram algumas mentes elevadas como Hare e Wallace, e outros homens de poder, para o rebanho do moderno espiritualismo. Ao mesmo tempo, compeliram outros, congenitamente desprovidos de intuições espirituais, para um materialismo grosseiro que figura sob vários nomes.

O momento é mais oportuno do que nunca para revisar as filosofias antigas. Arqueólogos, filósofos, astrônomos, químicos e físicos estão cada vez mais se aproximando do ponto em que serão forçados a levá-las em consideração. A ciência física já atingiu os seus limites de exploração; a teologia dogmática vê secaram as suas fontes de inspiração. A menos que os sinais nos enganem, aproxima-se o dia em que o mundo receberá as provas de que apenas as religiões antigas estavam em harmonia com a Natureza, e de que a ciência abarcava tudo o que pode ser conhecido. Segredos longamente mantidos poderão ser revelados, livros longamente esquecidos e artes, durante muito tempo perdidas, poderão ser novamente trazidos à luz; papiros e pergaminhos de importância inestimável surgirão nas mãos de homens que pretenderão tê-los desenrolado das múmias, ou tê-los encontrado nas criptas soterradas; tábuas e colunas, cujas revelações esculpidas desconcertarão os teólogos e confundirão os cientistas, poderão ser desterradas e interpretadas. Quem conhece as possibilidades do futuro? Uma era de desilusão e de reconstrução vai começar - não, já começou. O ciclo quase cumpriu o seu curso; um novo ciclo está prestes a começar, e as futuras páginas da história do homem não só conterão a plena evidência, como também conduzirão à plena prova de que:

"Se devemos acreditar em algo dos ancestrais
É que os espíritos desceram para conversar com o homem,
E lhes revelaram segredos do mundo desconhecido."

CAPÍTULO II

FENÔMENOS E FORÇAS

O HOMEM E AS INFLUÊNCIAS DOMINANTES (L.1 pág.133).

Basta ao homem saber que ele existe? Basta que se forme um ser humano para que mereça o nome de HOMEM? É nossa firme opinião e convicção de que para ser uma genuína entidade espiritual, na verdadeira acepção da palavra, o homem deve inicialmente, por assim dizer, *criar-se* de novo - isto é, eliminar por completo de sua mente e de seu espírito não só a influência dominante do egoísmo e de outras impurezas, mas também a infecção da superstição e do preconceito. O preconceito difere bastante do que comumente chamamos *antipatia*. No princípio, somo irresistível e energicamente arrastados à sua roda negra pela influência peculiar, pela poderosa corrente de magnetismo que emana tanto das idéias como dos corpos físicos. Somos cercados per ela, e finalmente impedidos pela covardia moral - pelo medo da opinião pública - de escapar-lhe. É raro os homens considerarem uma coisa sob o seu verdadeiro ou falso aspecto, aceitando a conclusão por um ato livre do seu próprio julgamento. Muito ao contrário. Por via de regra, a conclusão procede da cega adoção do modo de ver que predomina momentaneamente entre aqueles com quem se associam.

A ciência está diária e rapidamente avançando rumo às grandes descobertas na Química e na Física, na Organologia e na Antropologia. Os homens esclarecidos deveriam estar livres de preconceitos e superstições de toda espécie; entretanto, embora o pensamento e a opinião sejam agora livres, os cientistas ainda são os mesmos homens de outrora.

O MODERNO ESPIRITISMO. (L.1.pág.134).

Durante muitos anos, vigiamos o desenvolvimento e o crescimento desse pomo de discórdia - O MODERNO ESPIRITISMO. Familiarizados com a sua literatura na Europa e na América, testemunhas estreitas e ansiosamente as suas intermináveis controvérsias comparamos as suas hipóteses contraditórias. Muitos homens e mulheres instruídos - espiritualmente heterodoxos, naturalmente - tentaram compreender o fenômeno profético. Como único, resultado, eles chegaram à seguinte conclusão: qualquer que seja a razão desses fracassos constantes - atribuam-nos quer à inexperiência dos próprios investigadores, quer à Força secreta em ação -, ficou ao final provado que, à medida que as manifestações psicológicas crescem em freqüência e em variedades, a escuridão que cerca a sua origem torna-se mais e mais impenetrável.

Que os fenômenos são efetivamente testemunhados, misteriosos em sua natureza - geralmente e talvez erradamente chamados de espiritistas - é inútil agora negar. Concedendo um grande desconto à fraude inteligente, o que resta é muito sério para exigir o cuidadoso exame da ciência. Precisamos agora da coragem de Galileu para lançá-la ao rosto da Academia. Os fenômenos psicológicos já estão na ofensiva.

A posição assumida pelo cientistas modernos é a de que, sendo embora um fato a ocorrência de fenômenos misteriosos na presença de médiuns, não há provas de que eles não são devidos a algum estado nervoso anormal desses indivíduos. A possibilidade de que eles sejam produzidos por espíritos humanos que retornam não deve ser considerada antes de se dedicar a outra questão. Uma outra exceção se pode registrar quanto a esse posicionamento. Inquestionavelmente, o ônus da prova incumbe àqueles que afirmam a intervenção dos espíritos. Na verdade, a grande maioria das comunicações "espirituais" é de natureza a indignar até mesmo os investigadores de inteligência média. Mesmo quando autênticas, elas são triviais, convencionais e amiúde vulgares. Durante os últimos vinte anos recebemos por intermédio de vários médiuns mensagens diversas que passam por ser de Shakespeare, Byron, Benjamim Franklin, Pedro, o Grande, Napoleão e Josefina, e até de Voltarie. A impressão geral que nos fica é a de que o conquistador francês e a sua consorte parecem ter esquecido a maneira de grafar corretamente as palavras; que Shakespeare e Byron se tornaram bêbados contumazes; e Voltaire se tornou um imbecil. O tráfico de nomes célebres vinculados a comunicações idiotas causou no estômago dos cientistas uma tal indigestão que este não pode assimilar nem mesmo a grande verdade que repousa nos *plateaux* telegráficos desde oceano de fenômenos psicológicos. Mas poderiam, com igual propriedade, negar que existe uma água clara nas profundezas do mar quando o limo do óleo flutua na superfície. Por conseguinte, se por um lado não podemos em verdade censurá-los por recuarem ao primeiro sinal do que parece realmente repulsivo, nós o fazemos, e temos direito de censurá-los por sua má vontade em explorar mais fundo.

Numa recente obra filosófica, *The Unseen World,* ao mostrar que a partir da definição mesma dos termos *matéria e espírito* a existência do espírito não pode ser demonstrada aos sentidos, e que por isso nenhuma teoria está sujeita aos *testes científicos*, ele desfere, nas seguintes linhas, um severo golpe em seus colegas:

"A prova num caso assim", diz ele, "será, de acordo com as condições da presente vida, para sempre inacessíveis. Ela está completamente fora do âmbito da experiência. Por abundante que seja, não podemos esperar encontrá-la. E, por conseguinte, nosso fracasso em produzi-la não deve suscitar a menor presunção contra a nossa teoria. Assim concebida, a crença na vida futura não tem base científica, mas ao mesmo tempo ela está situada além da necessidade da base científica e do âmbito da critica científica.

Nenhuma exigência é proposta para uma audição das opiniões contidas na presente obra, a não ser a de que elas se baseiam no estudo de muitos anos da antiga Magia e da sua forma moderna, o Espiritismo. A primeira, mesmo agora, quando os fenômenos da mesma natureza se tornaram tão familiares a todos, é comumente descrita como uma hábil prestidigitação. A última, quando a evidência esmagadora exclui a possibilidade de sinceramente declará-la charlatanesca, é designada como uma alucinação universal.

Anos e anos de peregrinação entre mágicos, ocultistas, mesmerizadores "pagãs" e "cristãos" e o *tutti quanti* das artes brancas e negra, foram suficientes, acreditamos, para autorizar-nos a praticamente considerar esta questão duvidosa e muitos complicada. Nós nos juntamos aos faquires, os homens santos da Índia, e os vimos quando em comunicação com os *Pitris* (Antepassados). Vigiamos os procedimentos e *modus operandi* dos dervixes rodopiantes e dançantes; entretivemos relações amistosas com os marabuts da Turquia européia e asiática; e os encantadores de serpente de Damasco e Benares têm pouquíssimos segredos que não tivemos a sorte de estudar. Por isso, quando os cientistas que jamais tiveram uma oportunidade de viver entre prestidigitadores orientais que jamais tiveram um oportunidade de viver entre estes prestidigitadores orientais e que, além disso, só podem julgar superficialmente nos dizem que nada há em suas ações a não ser meros truques de prestidigitação, não podemos deixar de sentir uma profunda tristeza por tais conclusões apressadas. Exigir pretensiosamente uma análise profunda dos poderes da Natureza, e ao mesmo tempo exibir uma negligência imperdível para com as questões de caráter puramente fisiológico e psicológico, e rejeitar sem exame ou apelação fenômenos surpreendentes é fazer mostra de inconseqüência, fortemente tingida de timidez, se não obliqüidade moral.

TEORIA DO SR. CROOKES SOBRE OS FENÔMENOS OBSERVADOS. (L 1 pág. 139)

Os Cientistas deveriam ter aprendido, por sua vez, na escola da amarga experiência, que podem confiar na auto-suficiência das ciências positivas apenas até um certo ponto; e que, enquanto um único mistérios inexplicado existir na Natureza, lhes é perigoso pronunciar a palavra *impossível*.

Nas *Researches on the Phenomena of spiritualism*, o Sr. Crookes submete à opinião do leitor oito teorias "para explicar os fenômenos observados".

São as seguintes:

" *Primeira teoria.* - Todos os fenômenos são o resultado de truques, hábeis arranjos mecânicos ou prestidigitação; os médiuns são impostores, e os demais observadores, tolos (...)

" *Segunda Teoria.* - As pessoas numa sessão são vítimas de uma espécie de obsessão ou ilusão, e imaginam que ocorrem fenômenos que não têm qualquer existência objetiva.

" *Terceira Teoria.* - Tudo é o resultado de uma ação cerebral consciente ou inconsciente.

" *Quarta Teoria.* - O resultado do espírito do médium, talvez em associação com os espíritos de alguns ou de todas as pessoal presentes.

" *Quinta Teoria.* - As ações de espíritos maus, ou de demônios, que personificam as pessoas ou as coisas que lhes agradam, a fim de minar a cristandade, e de perder as almas dos homens. [Teoria de nossos teólogos.]

" *Sexta Teoria.* - As ações de uma ordem distinta de seres que vivem nesta Terra mas são invisíveis e imateriais para nós. Capazes, contudo, ocasionalmente, de manifestar a sua presença. Conhecidos em quase todos os países e épocas como demônios (não necessariamente maus), gnomos, fadas, kobolds, elfos, duendes, *Puch*, etc. [Uma das opiniões dos cabalistas.]

" *Sétima Teoria.* - As ações de seres humanos mortos - a teoria espiritual *par excellence.*

" *Oitava Teoria.* - (A Teoria da Força Psíquica)... um auxiliar da quarta, quinta, sexta e sétima teorias.

Como a primeira dessas teorias só se mostrou válida em casos excepcionais, embora infelizmente muito freqüentes, ela deve ser rejeitada por não ter nenhuma influencia material sobre os fenômenos em si. A *segunda e a terceira* teorias são as últimas esboroantes trincheiras da guerrilha dos cépticos e materialistas, e

permanecem, como dizem os advogados, *adhuc sub judice lis est.* Portanto, podemos nos ocupar nesta obra apenas com as quatro teorias restantes, já que a última, a oitava, é, segundo a opinião do Sr. Crookes, apenas "um auxiliar necessário" das outras.

Podemos ver quão sujeita está a erros mesmo um opinião cientifica, apenas se compararmos os vários artigos sobre os fenômenos espirituais, oriundos da hábeis pena de certo cavalheiro, que apareceram de 1870 a 1875. Lemos um dos primeiros: "(...) o emprego continuo de métodos científicos promoverá observações exatas e um respeito maior pela Verdade entre os pesquisadores, e produzirá uma raça de observadores *que lançarão desprezível resíduo do espiritismo no limbo desconhecido da Magia e da necromancia*". E em 1875, nós lemos, acima de sua própria assinatura, minúcias e muito interessantes descrições de um espírito materializado - Katie King!

É difícil imaginar que o Sr. Crookes tenha estado sob influência eletrobiológica ou sob alucinação durante dois ou três anos consecutivos. O "espírito" apareceu em sua própria casa, em sua biblioteca, sob os mais severos testes, e foi visto, apalpado e ouvido por centenas de pessoas.

Mas o Sr. Crookes nega jamais ter tomado Katie King por um espírito desencarnado. O que era ela então? Se não era a Srta. Florence Cook, e a sua palavra é uma garantia suficiente para nós - então era o espírito de alguém que viveu na Terra ou de um daqueles que se classificam diretamente na sexta teoria das oito que o eminente cientista oferece à escola do público. Seria um dos seres classificados sob os nomes de: fadas, *kobolds*, gnomos, duendes, ou um *puck*.

FENÔMENO PSÍQUICO PROVOCADO PELO SR. CROOKES.

Sim; Keite King deve ter sido um fada - uma titânia. Pois só a uma fada poderia aplicar-se com propriedade a seguinte efusão poética que o Sr. Crookes cita para descrever este maravilhoso espírito:

"Ao seu redor ela criou uma atmosfera de vida;
O próprio ar parecia mais brilhante nos seus olhos,
Eles eram doces, belos e cheios
De tudo que podemos imaginar dos céus;

Sua presença irresistível nos faz sentir;
Que *não seria idolatria ficar de joelhos* !"

Assim, após ter escrito, em 1870, a sua severa sentença contra o Espiritismo e a Magia, após ter mesmo dito então que ele acreditava "que tudo não passa de superstição, ou, pelo menos, de um truque inexplicado - uma ilusão dos sentidos", o Sr. Crookes, em 1875, fecha sua carta com as seguintes memoráveis palavras: - "Imaginar, digo, que a Katie King dos três últimos anos possa ser o resultado de uma impostura constitui uma violência maior para a razão e o senso comum do que acreditar que ela é o que pretende ser". Esta última observação, por outro lado, prova conclusivamente que:1º) Apesar da firme convicção do Sr. Crookes de que o alguém que se chamava Katie King não era nem um médium nem algum cúmplice, mas, ao contrário, uma força desconhecida da Natureza, que - como o amor - "ri-se dos obstáculos"; 2º) Que era uma espécie de Força ainda não identificada, embora para ele se tenha tornado "não uma questão de opinião, mas de conhecimento absoluto". O eminente investigador não abandonou até o fim a sua atitude céptica a respeito da questão. Em suma, ele acreditava firmemente no fenômeno, mas não podia aceitar a idéia de que se tratava do espírito humano de *alguém* morto.

Parece-nos que, até onde *vai o preconceito público*, o Sr. Crookes soluciona um Mistério para citar um outro ainda mais profundo: o *obscurum per obscurius.* Em outras palavras, rejeitando " *o indigno resíduo do Espiritismo"*, o corajoso cientista arroja-se intrepidamente no seu próprio "*limbo desconhecido da Magia e da necromancia!".*

AS ARTES PERDIDAS. (L. 1. pág. 141).

As leis reconhecidas da ciência física explicam apenas alguns dos mais objetivos dos chamados fenômenos espiritistas. Embora provem a realidade de alguns efeitos visíveis de uma força desconhecida, elas não permitem aos cientistas controlarem livremente sequer esta parte dos fenômenos. A verdade é que os professores ainda não descobriram as condições necessárias para a sua ocorrência. Cumpre-lhes estudar profundamente a natureza tripla do homem - fisiólogos, psicólogos e *divina* - como o fizeram os seus predecessores, os magos, os teurgistas e os taumaturgos da Antigüidade. Até o presente, mesmo aqueles que investigaram os fenômenos completa e imparcialmente, como o Sr. Crookes, deixaram de lado a causa, como se nada houvesse para ser descoberto agora, ou sempre. Eles se incomodam tanto com isso quanto com a

causa primeira dos fenômenos cósmicos da correlação de forças, a observação e classificação de cujos efeitos lhes custam tanto esforço.

Se os cientistas estudassem os chamados "milagres" em lugar de negá-los, muitas leis secretas da Natureza - que os antigos compreendiam - seriam novamente descobertos. "A certeza", diz Bacon, "não provêm dos argumentos, mas das experiências".

A fabricação de uma taça de vidro que foi trazida a Roma por um exilado no reino de Tibério - uma taça "que ele atirou no passeio de mármore e não trincou nem quebrou com a queda", e que, por ter ficado "um pouco amolgada", foi facilmente restaurada com um martelo - é um fato histórico. Paracelso e Van Helmont sustentam ser este agente algum fluído da Natureza, "capaz de reduzir todos os corpos sublunares, homogêneos ou mistos, ao se *ens primun*, ou à matéria original de que são compostos; ou ao seu licor uniforme, estável e potável, que unirá com a água, e os sucos de todos os corpos, sem perder as suas virtudes radicais; e, se misturando novamente com ele mesmo, será assim convertido em água elementar". Mas pode-se facilmente conceber, sem qualquer grande esforço de imaginação, que todos os corpos devem ter sido originalmente formados de alguma matéria primeira, e que esta matéria, segundo as lições da Astronomia, da Geologia e da Física, deve ter sido um fluído. Por que o ouro - cujo gênese os nossos cientistas conhecem tão pouco - não teria sido originalmente uma *matéria de ouro primitiva ou básica*, um fluído ponderoso que, como diz Van Helmont, "devido à sua própria natureza, ou a uma forte coesão entre as suas partículas, adquiriu mais tarde uma forma sólida?" Van Helmont chama-o "o maior e o mais eficaz de todos os sais, o qual, tendo obtido o grau supremo de simplicidade, pureza e sutileza, goza sozinho da faculdade de permanecer inalterado e ileso no contato com as substâncias sobre as quais age, e de dissolver os corpos mais duros e mais refratários, como pedras, gemas, vidros, terra, enxofre, metais, etc., num sal vermelho, de peso igual ao da matéria dissolvida; e isso tão facilmente como a água quente derrete a neve".

É nesse fluído que os fabricantes do vidro maleável pretenderam, e ainda hoje pretendem, ter emergido o vidro comum durante horas, para adquirir a propriedade da maleabilidade.

Esta "terra adâmica" é vizinha próxima do *alkahest*, e um dos segredos mais importantes dos alquimistas. Nenhum cabalista revela-lo-á ao mundo, pois, como ele o diz no bem-conhecido adágio: "seria explicar *as águias* dos alquimistas, e como as asas das águias são aparadas", um segredo que Thomas Vaughan (Eugênio Filaletes) levou vinte anos para aprender.

O mundo caminha em círculos. As raças vindouras serão apenas a reprodução de raças há muito tempo desaparecidas; como nós, talvez, somos as imagens que viveram há séculos. Tempo virá em que aqueles que agora caluniam publicamente os hermetistas, mas estudam em segredo os seus volumes cobertos d pó; que plagiam suas idéias, assimilando-as e dando-as como suas próprias - receberão a sua paga. Paracelso foi o intrépido criador dos remédios químicos; o fundador de grupos corajosos; controversista vitorioso, que pertence àqueles espíritos que criaram entre nós um novo modo de pensar na existência natural das coisas. O que dissemos através de seus escritos sobre a pedra filosofal, sobre os pigmeus e os espíritos das minas, sobre os símbolos, sobre os homúnculos, e sobre o elixir da vida, que são empregados por muitos para baixar sua estima, não pode extinguir a nossa recordação agraciada de suas obras gerais, nem a nossa admiração por seus intrépidos e livres esforços, e sua vida nobre e intelectual."

Mas nossas modernas luzes pretendem saber mais, e as idéias dos Rosa-cruzes sobre os espíritos elementares, os duendes e os elfos, afundaram no "limbo da Magia" e dos contos de fada para a infância.

Concedemos de bom grado aos cépticos que metade, ou talvez mais, desses supostos fenômenos não passam de fraudes mais ou menos hábeis. As recentes revelações, especialmente dos médiuns "materializados", apenas comprovam este fato.

O que pensariam os espiritistas sensíveis do caráter dos guias *angélicos*, que, depois de monopolizar, às vezes por anos, o tempo, a saúde e os recursos de um pobre médium, o abandonam de repente quando ele mais precisa de sua ajuda? Somente as criaturas *sem alma ou consciência* poderiam ser culpadas de tamanha injustiça. As condições? - Mero sofisma. Que espíritos são esses que não convocariam, se necessário, um exército de espíritos amigos (se é que existem) para arrancar o inocente médium do abismo aberto aos seus pés? Tais coisas aconteceram nos tempos antigos, e podem acontecer agora. *Houve aparições antes do Espiritismo moderno e fenômenos como os nossos em todos os séculos passados.* Se as manifestações modernas são uma realidade e fatos palpáveis, então também devem tê-lo sido os pretensos "milagres" e as façanhas palpáveis de outrora; e se estas não passam de ficções supersticiosas, então também o são aquelas, pois não repousam sobre provas melhores.

Mas, nesta torrente diariamente crescente dos fenômenos ocultos que se precipitam de um lado a outro do globo, embora dois terços das manifestações se tenham revelado espúrios, o que dizer daqueles que são comprovadamente autênticos, acima de dúvidas ou de sofismas? Entre estes é possível encontrar

comunicações que chegam através de médiuns profissionais ou não, as quais são sublimes e divinamente elevadas. Às vezes, através de crianças e de indivíduos ignorantes e simples, recebemos ensinamentos filosóficos e preceitos, orações poéticas e inspiradas, músicas e pinturas que são totalmente dignas das reputações de seus alegados autores. As suas profecias realizam-se com freqüência e as suas explicações morais são benfazejas, embora estas últimas ocorram mais raramente. Quem são esses espíritos, o que são esses poderes ou inteligências que são evidentemente *exteriores* ao próprio médium e que são entidades *per se*? Essas *inteligências merecem* o nome; e diferem tão completamente da generalidade de fantasmas e duendes que erram em redor dos gabinetes das manifestações físicas como o dia da noite.

Devemos confessar que a situação parece ser muito séria. O controle de médiuns por tais "espíritos" inescrupulosos e falazes está se generalizando cada vez mais; e os efeitos perniciosos de *semelhante* diabolismo multiplica-se constantemente. Alguns dos melhores médiuns estão abandonando as sessões públicas e se afastando dessa influência; e o movimento espírita tem cariz de igreja. Arriscamo-nos a predizer que a menos que os espíritas se disponham ao estudo da filosofia antiga de modo a aprender a discernir os espíritos e a proteger-se dos da mais baixa espécie, dentro de vinte e cinco anos eles terão que voar para a comunidade romana a fim de escapar a esses "guias" e "diretores" que animaram durante tanto tempo.

Diz Henry More, o respeito platônico inglês, em sua resposta a um ataque contra os que acreditam nos fenômenos espíritas e mágicos feito por um céptico dessa época, chamado Webster. "Quando àquela outra opinião, segundo a qual a maior parte dos Ministros reformistas sustenta que foi o demônio que apareceu sob a forma de Samuel, [ela está abaixo da crítica]; pois embora eu não duvide que em muitas dessas aparições necromânticas sejam os *espíritos burlescos*, não as almas dos mortos, que aparecem, não obstante estou convencido da aparição da alma de Samuel, como estou convencido de que em outras necromancias devem ser o demônio ou tais espécies de espíritos, como acima descreve Porfírio, *que se transformam em formas e figuras oniformes, desempenhando uma a parte dos demônios, outro a dos anjos ou desses, e outro ainda a das almas dos mortos*: E eu reconheço que um desses espíritos poderia nesse caso personificar Samuel, pois Webster nada alegou em contrário. Pois seus argumentos são deveras extraordinariamente frágeis e canhestros..."

Quando um metafísico e filósofo como Henry More dá um testemunho como este, podemos dizer que a nossa opinião está bem fundamentada.

O UNIVERSO CRIADO PELA VONTADE ETERNA. **(L 1 pág. 145)**

Anos atrás o velho filósofo alemão Schopenhauer tratou simultaneamente dessa força e dessa matéria; e desde a conversão do Sr, Wallace o grande antropólogo adotou evidentemente as duas idéias. A doutrina de Schopenhauer é a de que o universo é apenas a manifestação da vontade. Toda força da Natureza é também um efeito da vontade, que representa um grau maior ou menor de sua objetividade. É o que ensinava Platão, que afirmou claramente que tudo que é visível foi criado ou desenvolvido pela VONTADE invisível e eterna, e à sua maneira. Nosso Céu - diz ele - foi produzido de acordo com o padrão eterno do "Mundo Ideal", contido, como tudo o mais, no dodecaedro, o modelo geométrico utilizado pela Divindade. Para Platão, o Ser Primordial é uma emanação do Espírito Demiúrgico *(Nous)*, que contém em si, desde a eternidade, a "idéia" do "mundo a criar", a qual idéia ele retira de si mesmo. As leis da Natureza são as relações estabelecidas desta *idéia* com as formas de suas manifestações; "estas formas", diz Schopenhauer, "são o tempo, o espaço e a causalidade. Através do tempo e do espaço, a idéia varia em suas inumeráveis manifestações".

Esta idéias estão longe de ser novas, e mesmo para Platão elas não eram originais. Eis o que lemos nos *Oráculos Caldeus*: "As obras da Natureza coexistem com a Luz espiritual e intelectual do Pai. Pois ela é a alma que adornou o grande céu e que o adorna depois do Pai".

"O mundo incorpóreo, portanto, já estava terminado, tendo sua sede na Razão Divina", diz Fílon, que é erradamente acusado de derivar sua filosofia da de Platão.

Na *Teogonia* de Mochus temos em primeiro lugar o éter, e depois o ar; os dois primeiros dos quais Olam, o Deus *intangível* (o universo visível da matéria), nasceu.

Nos hinos órficos, o Eros-Phanes origina-se do Ovo Espiritual, que os ventos etéreos fecundam, o Vento sendo "o espírito de Deus", que, segundo se diz se move no éter, "planando sobre o caos" - a "Idéia" Divina. "Na *Kathakopanishad* hindu, Purusha, O Espírito Divino, precede a matéria original, de cuja união brota a grande alma do mundo *Mahan-âtma*, o Espírito da Vida"; estas últimas denominações são idênticas às da alma universal, ou *anima mundi*, e da luz astral dos teurgistas e cabalistas.

Pitágoras tomou as suas doutrinas dos santuários orientais, e Platão as reproduziu numa forma mais inteligível que a dos números misteriosos do sábio - cujas doutrinas ele adotou integralmente - para os

espíritos não iniciados. Assim, para Platão, *o Cosmos* é "o Filho" tendo como pai e mãe o Pensamento Divino e a Matéria.

"Os egípcios", diz Dunlap, "fazem uma distinção entre um velho e um jovem Horus, o primeiro sendo o *irmão* de Osíris e o segundo o *filho* de Ísis e de Osíris," O primeiro é a *Idéia* do mundo que permanece no Espírito Demiurgo, "nascido nas trevas antes da criação do mundo". O segundo Horus é esta "Idéia" que emana do *Logos*, revestindo-se de matéria e assumindo uma existência real.

"O Deus mundano, eterno, ilimitado, jovem e velho, de forma sinuosa", dizem os *Oráculos caldeus*.

O PODER DA VONTADE. (L.1.pág.146).

A "Forma sinuosa" é uma figura para expressar o movimento vibratório da luz astral, que os antigos sacerdotes conheciam perfeitamente bem, embora elas tenham divergido dos modernos cientistas na sua concepção do éter; pois no éter colocaram a Idéia Eterna que impregna o universo, ou o *desejo* que se torna *força* e cria ou organiza a *matéria*.

"A vontade", diz Van Helmont, "é o primeiro de todos os poderes. Pois, através da vontade do Criador, todas as coisas foram feitas e postas em movimento (...). A vontade é a propriedade de todos os seres espirituais, e revela-se neles tanto mais ativamente quanto mais eles se libertam da matéria".

E Paracelso, "o divino", como era chamado, acrescenta no mesmo tom: "A fé deve confirmar a imaginação, pois pela fé estabelece-se a *vontade*. (...) Determinada imaginação é um começo de todas as operações mágicas (...). Porque os homens não imaginam perfeitamente, nem crêem, o resultado é que as artes são inexatas, ao passo que poderiam ser perfeitamente exatas".

Somente o poder oposto da incredulidade e do ceticismo, se projetando numa corrente de força igual, pode refrear o outro, e às vezes neutralizá-lo completamente. Por que se espantariam os espiritistas com o fato de a presença de alguns cépticos enérgicos, ou daqueles que, mostrando-se asperamente contrários ao fenômeno, exercem inconscientemente a sua força de vontade em sentido inverso, impedir e amiúde deter por completo as manifestações? Se não existe nenhum poder consciente na Terra que não encontre às vezes um outro para nele interferir ou mesmo para contrabalança-lo, o que há de surpreendente quanto o poder *inconsciente*, passivo de um médium é de repente paralisado em seus efeitos por um outro inverso, embora também exercido inconscientemente? Os Profs. Faraday e Tyndall orgulham-se de que a sua presença num círculo impediria imediatamente qualquer manifestação. Somente este fato bastaria para provar os eminentes cientistas que havia alguma força neste fenômeno capaz de prender a sua atenção. Como cientista, o Prof. Tyndall era talvez a pessoa mais importante no círculo daqueles que estavam presente à *séance*; como observador arguto, alguém não facilmente iludido por um médium ardiloso, ele talvez não foi melhor, ou então mais sagaz, do que os outros na sala, e se as manifestações foram apenas uma fraude tão engenhosa para enganar os outros, elas não teriam parado, mesmo com a *sua* importância. Que médium pode vangloriar-se de fenômenos como os que foram produzidos por Jesus e depois dele pelo apóstolo Paulo? No entanto, mesmo Jesus se deparou com casos em que a força inconsciente da resistência sobrepujou até mesmo a sua tão bem dirigida corrente de vontade. "E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles."

Existe um reflexo de cada uma destas idéias na filosofia de Schopenhauer. Nossos cientistas "investigadores" poderiam consultar suas obras com proveito. Eles encontrariam nelas muitas hipóteses baseadas em idéias antigas, especulações sobre os "novos" fenômenos, que podem revelar-se tão razoáveis como qualquer outra, e poupar o inútil trabalho de investigar novas teorias. As forças psíquicas e ectênicas, o "ideomotor" e os "poderes eletrobiológicos"; as teorias do "pensamento latente" e mesmo a da "celebração inconsciente" podem ser condensadas em duas palavras: a LUZ ASTRAL cabalista.

As corajosas teorias e opiniões expressas nas obras de Schopenhauer diferem completamente das da maioria de nossos ortodoxos. "Na realidade", assinala este audacioso especulador, "não existe nem *matéria* nem *espírito*. A tendência para a gravitação numa pedra é tão inexplicável quanto o pensamento num cérebro humano. (...) Se a matéria pode - ninguém sabe por quê - cair no chão, então ela pode também - ninguém sabe por quê - pensar. (...) Assim que, mesmo na mecânica, ultrapassamos o que é puramente mecânico, assim que atingimos o inescrutável, a adesão, a gravitação, etc., estaremos em presença de fenômenos que são tão misteriosos para os nossos sentidos quanto a VONTADE e o PENSAMENTO no homem - nós nos veremos defrontando o incompreensível, pois assim é toda a Natureza. Onde está portanto essa *matéria* que todos vós pretendeis conhecer tão bem; da qual - estando tão familiarizados com ela - retirais todas as vossas conclusões e explicações, e à qual atribuís todas as coisas? (...) Isso, que pode ser totalmente compreendido por nossa razão e pelos sentidos, é apenas o superficial: eles jamais podem atingir a verdadeira substância interior das coisas. Tal era a opinião de Kant. Se considerais que existe, numa cabeça humana, alguma espécie de *espírito*, então sereis obrigado a conceder o mesmo para uma pedra. Se a

vossa matéria morta e completamente passiva pode manifestar uma tendência para a gravitação, ou, como a eletricidade, atrair e repelir, e lançar chispas - então, como o cérebro, ela também pode pensar. Em suma, toda partícula do chamado espírito pode ser substituída por um equivalente de matéria, e toda partícula de matéria pode ser substituída pelo espírito. (...) Portanto, não é a divisão cartesiana de todos os seres em matéria e espírito que se deve considerar filosoficamente exata; mas apenas se os dividirmos em *vontade e manifestação*, uma forma de divisão que nada tem a ver com a primeira, pois ela espiritualiza todas as coisas: tudo aquilo que no primeiro caso é real e objetivo - corpo e matéria -, ela transforma numa representação, e toda manifestação em vontade".

Essas idéias corroboram o que dissemos a respeito dos vários nomes dados à mesma coisa. Os adversários batem-se apenas por palavras. Chamai o fenômeno de força, energia, eletricidade ou magnetismo, vontade, ou poder do espírito, ele será sempre a manifestação parcial da *alma*, desencarnada ou aprisionada por um tempo em seu corpo - de uma porção daquela *VONTADE* inteligente, onipotente e individual que penetra toda a natureza, e conhecida, devido à insuficiência da linguagem humana para expressar corretamente imagens psicológicas, como - *DEUS*.

As idéias de alguns de nossos sábios a respeito da matéria são, do ponto de vista cabalístico, de muitas maneiras errôneas

FENÔMENOS MEDIÚNICOS A QUE ATRIBUI-LOS. (L.1.pág.148).

Ninguém pode tratar este assunto com mais competência do que o fez Schopenhauer no seu *Parerga*. Nesta obra, ele discute extensamente o Magnetismo animal, a clarividência, a terapêutica simpatética, a profecia, a Magia, os presságios, as visões de fantasmas e outros fenômenos psíquicos. "Todas essas manifestações", diz ele, "são ramos de uma mesma árvore", e fornecem-nos as provas irrefutáveis de existência de uma cadeia de seres pertencentes a uma ordem de natureza muito distinta daquela que se baseia nas leis de espaço, tempo e adaptabilidade. Esta outra ordem de coisa é muito mais profunda, pois é a ordem original e direta; na sua presença, as leis comuns da Natureza, que são meramente formais, são inúteis; por conseguinte, sob a sua ação imediata, nem o tempo nem o espaço podem separa os indivíduos, e a separação determinada por aquelas formas não apresenta quaisquer barreiras intransponíveis para a relação entre os pensamentos e a ação imediata da vontade. Dessa maneira, as mudanças podem ser produzidas por um procedimento completamente diferente da causalidade física, isto é, através de uma ação da manifestação da vontade exibida num caminho peculiar e externo ao próprio indivíduo. Portanto, o caráter peculiar de todas as manifestações mencionadas é a *visio in distais et acotio in distais* (visão e ação à distância), tanto em sua relação com o tempo como em sua relação com o espaço. Uma tal ação à distância é justamente o que constitui o caráter fundamental do que se chama *mágico*; pois tal é a ação imediata de nossa vontade, uma ação liberada das condições causais da ação física, ou seja, do contato material".

"Além disso", continua Schopenhauer, "tais manifestações nos apresentam uma oposição substancial e perfeitamente lógica ao materialismo, e mesmo ao naturalismo (...) porque à luz de tais manifestações aquela ordem de coisas da Natureza que estas duas filosofias procuram apresentar como absoluta e como a única genuína surge diante de nós ao contrário como simplesmente fenomênica e superficial, contendo, no fundo, um conjunto de coisas *à parte* e perfeitamente independente de suas próprias leis. Eis por que aquelas manifestações - pelo menos de um ponto de vista puramente filosófico -, entre todos os fatos que nos são apresentados do domínio da experiência, são, sem qualquer comparação, as mais importantes. Portanto, é dever de todo cientista familiarizar-se com elas".

Sabemos que toda aplicação da vontade resulta em *força*, e, as manifestações das forças atômicas são ações individuais da vontade, que têm como resultado a aglomeração inconsciente de átomos numa imagem concreta já criada subjetivamente pela vontade. Demócrito ensinou, seguindo seu mestre Leucipo, que os primeiros princípios de todas as coisas no universo são os átomos e um vácuo. No seu sentido cabalístico, o *vácuo* significa neste caso a Divindade *latente*, ou força latente, que em sua primeira manifestação se tornou VONTADE, e assim comunicou o primeiro impulso àqueles átomos - cuja aglomeração é a matéria. Este vácuo é apenas um outro nome para o caos, e pouco satisfatório, pois, de acordo com os peripatéticos, "a natureza tem horror ao vácuo".

Que antes de Demócrito os antigos estavam familiarizados com a idéia da indestrutibilidade da matéria prova-se por suas alegorias outros fatos. Movers dá uma definição da idéia fenícia da luz solar ideal como uma influência espiritual provinda do DEUS superior, IAÔ, "a luz que só o intelecto pode conceber - o Princípio físico e espiritual de todas as coisas; do qual a alma emana". Era a Essência masculina, ou Sabedoria, ao passo que a matéria primitiva ou *Caos* era a feminina. Assim, os dois primeiros - coeternos e infinitos - eram, já para os fenícios primitivos, espírito e matéria. conseqüentemente, a teoria é tão velha

quanto o mundo; pois Demócrito não foi o primeiro filósofo a professá-la; e a intuição existiu no homem antes do desenvolvimento final de sua razão. Mas é na negação da Entidade infinita e eterna, possuidora da Vontade invisível, que nós por falta de um termo melhor chamamos DEUS, que reside a impotência de toda ciência materialista para explicar os fenômenos ocultos. É na sua rejeição *a priori* de tudo que poderia forcá-los a cruzar a fronteira da ciência exata e entrar no domínio da fisiologia psicológica, ou, se preferirmos, metafísica, que encontramos a causa secreta de sua confusão em face das manifestações, e das suas teorias absurdas para explicá-las. A filosofia antiga afirmou que é em conseqüência da manifestação daquela Vontade - designada por Platão como a *Idéia Divina* - que todas as coisas visíveis e invisíveis vieram à existência. Da mesma maneira que essa Idéia Inteligente, que, dirigindo apenas a sua força de vontade para o centro das forças concentradas, chamou as forças objetivas à existência, assim pode o homem, o microcosmo do grande macrocosmo, fazer o mesmo na proporção do desenvolvimento da sua força de vontade. Os átomos imaginários - uma figura de linguagem empregada por Demócrito, e que os materialistas adotaram reconhecidamente - são como operários automáticos movidos interiormente pelo influxo daquela Vontade Universal dirigida sobre eles, e que, por se manifestar como força, os coloca em movimento. O plano da estrutura a ser erigida está no cérebro do Arquiteto, e reflete a sua vontade; ainda abstrato, desde o instante da concepção ele se torna concreto graças àqueles átomos que seguem fielmente toda linha, ponto e figura traçados na imaginação do Geômetro Divino.

O PODER DE CRIAÇÃO DO HOMEM. A MAGIA E SUAS MANIFESTAÇÕES (L. 1. pág. 150).

Assim como Deus cria, também o homem pode criar. Dando-se uma certa intensidade de vontade, as formas criadas pela mente tornam-se subjetivas. Alucinações, elas são chamadas, embora para o seu criador elas sejam tão reais como qualquer outro objeto visível o é para os demais. Dando-se uma concentração mais intensa e mais inteligente dessa vontade, a forma se torna concreta, visível, objetiva; o homem aprendeu o segredo dos segredos; ele é um mago.

Uma força, cujos poderes secretos eram totalmente familiares aos antigos teurgistas, é negada pelos cépticos modernos. As crianças antediluvianas - que talvez brincaram com ela, utilizando-a como os meninos do *The Coming Race de Bulwer-Lytton,* utilizam o terrível *"vril"* - chamavam-na "Água de Ptah"; seus descendentes designaram-na como *anima mundi*, a alma do universo; e mais tarde os hermestistas medievais denominaram-na luz sideral, ou leite da Virgem Celeste, ou magnés, e muitos outros nomes. Mas os nossos modernos homens eruditos não aceitarão nem a reconhecerão sob tais designações; pois ela pertence à *Magia*, e a Magia é, na sua concepção, uma vergonhosa superstição.

Apolônio e Jâmblico sustentaram que não é "no conhecimento das coisas *exteriores*, mas na perfeição da alma *interior*, que repousa o império do homem que aspira a ser mais do que homem". Eles chegaram assim ao perfeito conhecimento de suas almas divinas, cujo poder utilizaram com sabedoria, fruto de estudo esotérico da tradição hermética, herdada por eles de seus ancestrais. Mas nosso filósofos, fechando-se compactamente em suas conchas de carne, não podem ou não ousam dirigir seus tímidos olhares além do *compreensível*.

Diz um provérbio persa: "Quanto mais escuro estiver o céu, mais as estrelas brilharão". Assim, no negro firmamento da época medieval começaram a surgir os misteriosos Irmãos da Rosa-cruz. Eles não formaram associações, nem construíram colégios; pois, caçados e encurralados como feras selvagens, quando a Igreja Católica os apanhou, eles foram queimados sem cerimônia.

Muitos desses místicos, seguindo os ensinamentos de alguns tratados, preservados secretamente de uma geração a outra, fizeram descobertas que não seriam desprezíveis mesmo em nossos dias das ciências exatas. Roger Bacon, o monge, foi ridicularizado como um charlatão, e é hoje incluído entre os "pretendentes" à arte mágica; mas suas descobertas foram não obstante aceitas, e são hoje utilizadas por aqueles que mais o ridicularizaram. Roger Bacon pertencia, de fato senão de direito, àquela Irmandade que inclui todos os que estudam as ciências ocultas. Vivendo no século XIII, quase como um contemporâneo, portanto, de Alberto Magno e Tamáz de Aquino, suas descobertas - como a pólvora de canhão e os vidros ópticos, e seus trabalhos mecânicos - forma considerados por todos como milagres. Ele foi acusado de ter feito um pacto com o diabo.

Na história legendária do monge Bacon, conta-se que, convocado pelo rei, o monge foi convidado a mostrar algumas de suas habilidades diante de sua majestade, a rainha. Ele então agitou sua mão (seu bastão, diz o texto), e "rapidamente ouviu-se uma belíssima música, que eles afirmaram jamais ter ouvido igual". Ouviu-se em seguida uma música ainda mais alta e quatro aparições de repente apresentaram e dançaram até se dissiparem e desaparecerem no ar. Então ele agitou novamente o bastão, e de repente um odor "como se todos os ricos perfumes do mundo tivessem sido preparados no local da melhor maneira que a arte pudesse

fazê-lo". Então Roges Bacon, após ter prometido mostrar a um dos cortesãos a sua amada, apanhou um enfeite do apartamento real vizinho e todos na sala viram "uma criada da cozinha com uma concha nas mãos". O orgulhoso cavalheiro, embora reconhecesse a criada que desapareceu tão rapidamente quanto surgiu, irritou-se com o espetáculo humilhante, e ameaçou o monge com a sua vingança. Que fez o mágico? Ele simplesmente respondeu: "Não me ameaceis, para que eu não vos envergonhe mais; e guardai-vos de desmentir novamente os *eruditos*!".

Como um comentário a esse respeito, um historiador moderno assinala: "Isto deve ser visto como uma espécie de exemplificação do gênero de exibições que eram provavelmente o resultado de um *conhecimento superior* das ciências naturais". Ninguém jamais duvidou de que isto foi o resultado de um tal conhecimento, e os hermetistas, os mágicos, os astrólogos e os alquimistas jamais pretenderam outra coisa.

Os seus próprios escritos provam que eles sustentavam passivos, por meio da qual muitos efeitos extraordinariamente surpreendentes, mas no entanto naturais, foram produzidos".

Os fenômenos dos odores místicos e da música, exibidos por Roger Bacon, foram freqüentemente observados em nossa própria época. Para não falar de nossa experiência pessoal, fomos informados por correspondentes ingleses da Sociedade Teosófica que eles ouviram acordes da música mais extasiante não originados de qualquer instrumento visível, e inalaram uma sucessão de odores deliciosos produzidos, como acreditam, pela intervenção dos espíritos. Um correspondente relata-nos que um desses odores familiares - o de sândalo - era tão poderoso que a casa teria sido impregnada com ele por semanas após a sessão. O médium neste caso era membro de uma família fechada, e as experiências foram todas feitas com o círculo doméstico. Outro descreve o que ele chama de uma "pancada *musical*". As potências que são agora capazes de produzir estes fenômenos devem ter existido e ter sido igualmente eficazes nos dias de Roger Bacon. Quando às aparições, basta dizer que elas são agora evocadas nos círculos espiritistas, e abonadas por cientistas, e a sua evocação por Roger Bacon se torna, portanto, mais provável do que nunca.

Baptista Porta, no seu tratado sobre *Magia Natural*, enumera todo um catálogo de fórmulas secretas para produzir efeitos extraordinários mediante o emprego dos poderes da Natureza. Embora os "magos" acreditassem tão firmemente quanto os nossos espiritistas num mundo de espíritos invisíveis, nenhum deles pretendeu produzir seus efeitos sob o controle deles ou apenas com o seu concurso. Sabiam muito bem quão difícil é manter à distância as criaturas elementares assim que elas descobrem uma porta aberta. Mesmo a magia dos antigos caldeus era apenas um profundo conhecimentos dos poderes das plantas medicinais e dos minerais. Foi apenas quando o teurgista desejou a ajuda *divina* nos assuntos espirituais e terrestres que ele procurou a comunicação direta, através dos ritos religiosos, com os seres espirituais. Mesmo para eles, aqueles espíritos que permanecem invisíveis e se comunicam com os mortais através dos seus sentidos internos despertados, como na clarividência, na clariaudiência e no transe, só podiam ser evocados *subjetivamente* e como resultado da pureza de vida e da oração. Mas todos os fenômenos físicos foram produzidos simplesmente pela aplicação de um conhecimento das forças naturais, embora certamente não pelo método da prestidigitação, praticado em nossos dias pelos ilusionistas.

Se os espiritistas estão ansiosos por se manter rigorosamente dogmáticos em suas noções do "mundo dos espíritos", eles não devem convidar os *cientistas* a investigar os seus fenômenos como verdadeiro espírito experimental. A tentativa conduziria seguramente a uma redescoberta parcial da Magia antiga - a de Moisés e de Paracelso. Sob a decepcionante beleza de algumas dessas aparições, eles poderiam encontrar, um dia, os silfos e as belas ondinas dos Rosa-cruzes brincando nas correntes da força *psíquica e ódica.*

OS ELEMENTAIS E OS ELEMENTARES. (L.1.pág.154).

Estamos longe de acreditar que todos os espíritos que se comunicam nas sessões são das classes "Elementais" e "Elementares". Muitos especialmente entre aqueles que controlam o médium subjetivamente para falar, escrever e agir de diferente maneiras - são espíritos humanos desencarnados. Se a maioria de tais espíritos é boa ou *má*, depende largamente da moralidade privada do médium, bastante do círculo presente, e muito da intensidade e objetivo de seu propósito. Se este objeto é meramente satisfazer a curiosidade e passar o tempo, é inútil esperar qualquer coisa de sério. Mas, seja como for, os espíritos humanos *jamais* se podem materializar *in própria persona*. Eles jamais podem aparecer ao investigador vestido com uma carne sólida e quente, com mãos e faces suarentas e corpos grosseiramente materiais. O mais que eles podem fazer é projetar seu reflexo etéreo na onda atmosférica, e se o toque de suas mãos e vestes em algumas raras ocasiões pode tornar-se objetivo aos sentidos de um mortal vivo, ele será sentido como uma brisa que passa acariciando gentilmente pelo ponto tocado, não como uma mão humana ou um corpo material. É inútil alegar que os "espíritos materializados" que se exibem com coração pulsante e vozes fortes (com ou sem

trombetas) são espíritos *humanos*. Uma vez ouvidas as vozes - se tais podem ser designados como vozes - de uma aparição espiritual, dificilmente se consegue esquecê-las. A de um espírito puro é como um murmúrio trêmulo da harpa eólica ecoando à distância; a voz de um espírito sofredor, portanto impuro, se não totalmente maus, pode ser assimilada à voz humana produzida dentro de um tonel vazio.

Essa não é a *nossa* filosofia, mas a de numerosas gerações de teurgistas e de mágicos, e baseada em sua experiência prática. O testemunho da antigüidade é positivo a este respeito. As vozes dos espíritos não são articuladas. A voz do espírito consiste numa série de sons que produz a impressão de uma coluna de ar comprimido subindo de baixo para cima, e espalhando-se ao redor do interlocutor vivo.

Por enquanto repetiremos apenas que nenhum espírito que os espiritistas afirmam ser humano conseguiu prová-l o com testemunhos suficientes. A influência dos espíritos *desencarnados* pode ser sentida e comunicada *subjetivamente* por eles aos sensitivos. Eles podem produzir manifestações *objetivas*, mas não podem manifestar-se senão da maneira acima descrita. Podem controlar o corpo de um médium, e expressar seus desejos e idéias por meio das diversas maneiras bem conhecidas pelos espiritistas; mas não *materializar* o que é imaterial e puramente espiritual - a sua *essência divina*. Assim, toda pertença "materialização" - quando genuína - é produzida (talvez) pela vontade daquele espírito que a "aparição" procura ser mas que no máximo pode apenas personificar, ou pelos próprios duendes elementares, que são geralmente demasiado embotados para merecer a honra de serem chamados de demônios. Em raras ocasiões, os espíritos são capazes de subjugar e controlar estes seres sem alma, que estão sempre prestes a assumir nomes pomposos quando deixados à vontade, casos em que o espírito turbulento "do ar", figurando na imagem real do espírito *humano*, será movido pelo último como uma marionete, incapaz de agir ou pronunciar outras palavras que não as impostas a ele pela "alma imortal". Mas isto requer muitas condições geralmente desconhecidas até mesmo dos círculos espiritistas mais habituados a freqüentar as sessões. Nem todos são capazes de atrair os espíritos *humanos* que desejam. Uma das mais poderosas atrações de nossos finados é a sua forte afeição por aqueles que deixaram na Terra, e que os impele irresistivelmente, pouco a pouco, para a corrente da luz astral que vibra entre as pessoas simpáticas a eles e a alma universal. Outra condição muito importante é a harmonia e a pureza magnética das pessoas presentes.

AS FORÇAS MATERIALIZADAS. (L. 1. pág. 155).

Se esta filosofia é errada, se todas as formas "materializadas" que emergem nos quartos *escurecidos* de gabinetes ainda *mais escuros* são os espíritos de homens que uma vez viveram nesta Terra, por que uma tal diferença entre eles e os *fantasmas* que aparecem inopinadamente - *ex abrupto* - sem gabinete ou médium? Quem nunca ouviu falar das aparições, "almas" sem descanso, que erram em torno dos locais em que foram assassinadas, ou que retornaram, por outras misteriosas razões próprias, com as "mãos tão quentes" que *parecem carne viva*, e que embora se saiba que morreram e foram enterradas, não se distinguem dos mortais vivos? Temos fatos bem atestados dessas aparições que se fazem freqüentemente visíveis, mas nunca, desde o começo da era das "materializações", vimos algo que se lhes assemelhasse.

A *autora certificou publicamente ter visto essas formas materializadas*. Reconhecemos tais formas como as representações visíveis dos conhecidos, amigos e mesmo parentes. Em companhia de muitos outros espectadores, ouvimo-las pronunciar palavras em língua desconhecidas não apenas do médium e de todos na sala, exceto nós, mas, em alguns casos, de quase todos senão todos os médium da América e da Europa, pois eram os idiomas de tribos e povos orientais. Não obstante, essas figuras não eram as formas das pessoas que elas pretendiam ser. Elas eram simplesmente os seus retratos-estátuas, construídas, animados e operados pelos elementares. Se não elucidamos anteriormente este ponto, foi porque a massa espiritista não estava preparada então para dar ouvidos à proposição fundamental de que existem espíritos Elementais e elementares.

Pausânias escreve que quatrocentos anos após a batalha de Maratona ainda era possível ouvir no lugar em que ela foi travada o *relinchar dos cavalos* e os gritos dos soldados espectrais. Os fantasmas dos cachorros, gatos e muitos outros animais foram vistos repetidamente, e o testemunho universal é tão exato sobre este ponto quanto o referente a aparições humanas. Quem ou *o que* personifica, se assim podemos nos exprimir, os fantasmas dos animais mortos? Tratar-se-ia novamente de espíritos humanos? Assim proposta, a questão não dá margem a dúvidas; devemos admitir que os animais têm espíritos e almas como o homem ou sustentar, com Porfírio, que há no mundo *invisível* uma classe de demônios velhacos e maliciosos, seres intermediários entre os homens vivos e os "deuses", espíritos que se deleitam em aparecer sob todas as formas imagináveis, começando com a forma humana e terminando com a dos animais multifálicos.

Antes de nos arriscarmos a decidir se as formas animais espectrais vistas e atestadas com freqüência são os espíritos retornados das feras mortas, devemos considerar cuidadosamente o seu comportamento

descrito. Agem esses espectros de acordo com os hábitos e revelam os mesmos instintos animais vivos? As feras de rapina permanecem à cata de vítimas, e os animais tímidos fogem na presença do homem; ou estes últimos mostram uma malignidade e um disposição para atormentar, completamente estranhas às suas naturezas? Muitas vítimas dessas obsessões - notadamente as pessoas atormentadas de Salem e outras feiticeiras históricas - testemunham ter visto cachorros, gatos, porcos e outros animais invadindo os seus quartos, modelando-os, andando sobre seus corpos adormecidos, e *falando-lhes; às vezes incitando-os ao suicídio e outros crimes.* E a menos que desacreditemos do testemunho de milhares de espectadores, em todas as parte do mundo e em todas as épocas, e concedemos o monopólio da vidência aos médiuns modernos, animais espectrais aparecem e manifestam todos os traços mais característicos da natureza humana depravada, sem serem eles próprios humanos. O que então, podem eles ser, se não Elementais?

****
***

CAPÍTULO III

CONDUTORES SEGOS DOS SEGOS

FATOS E FENÔMENOS PSÍQUICOS. O PAPEL DA PSICOLOGIA. (L.1.pág.160).

Acreditamos que apenas alguns dos fenômenos físicos genuínos são produzidos por espíritos humanos desencarnados. Entretanto, mesmo aqueles que são causados por forças ocultas da Natureza, tal como se manifestam através de poucos médiuns genuínos e são conseqüentemente empregados pelos chamados "prestidigitadores" da Índia e do Egito, merecem uma investigação cuidadosa e séria por parte da ciência, especialmente agora que muitas autoridades respeitáveis comprovaram em muitos casos a impossibilidade de fraudes. Sem dúvida alguma, existem "conjuradores" profissionais que podem executar façanhas mais incríveis do que todos os "John King" ingleses e americanos juntos: Robert-Hodin podia fazê-lo, incontestavelmente, mas isso não evitou que ele, sem rodeios, risse na cara dos acadêmicos quando estes lhe exigiram que declarasse nos jornais que *podia fazer* uma mesa se mover, ou fazê-la dar respostas a perguntas por meio de pequenas batidas, *sem contato de mãos,* a menos que a mesa tivesse sido preparada anteriormente. Só o fato de uma célebre prestidigitador de Londres ter recusado uma aposta de mil libras esterlinas oferecidas pelo Sr. Algernon Joy para que ele produzisse as mesmas manifestações obtidas usualmente através de médiuns - tendo ele estipulado que ficaria *solto e livre* das mãos de uma comissão -, só este fato desmente o seu *exposé* dos fenômenos ocultos.

Afirmamos novamente, com toda segurança, que não existe feiticeiro profissional - do Norte, do Sul ou do Ocidente - que possa rivalizar nem mesmo em termos de êxito aproximado com esses filhos ignorantes e nus do Oriente. Estes não necessitam de preparativos ou ensaios; mas estão sempre prontos, feita uma comunicação, a evocar em seu socorro os poderes ocultos da Natureza, que, tanto para os prestidigitadores quanto para os cientistas da Europa, são um livro fechado. Na verdade, como diz Eliú, "não são os sábios de muita idade, nem os anciãos os que julgam o que é justo".

O desenvolvimento da ciência psicológica foi retardado mais pelo ridículo dessa classe de pretensiosos do que pelas dificuldades inerentes a esse estudo. O riso de mofa dos cientistas iniciados ou dos tolos do modismo têm contribuído para manter o homem na ignorância de seus poderes psíquicos soberanos do que as obscuridades, os obstáculos e os perigos que se acumulam sobre o assunto. Isto é válido sobretudo para os fenômenos espiritistas.

Assim, passo a passo, a Humanidade move-se no círculo restrito do conhecimento, reparando a ciência constantemente os seus erros e reajustes no dia seguinte as suas teorias errôneas da véspera. Esse foi o caso, não somente para as questões relativas à Psicologia, tais como o Mesmerismo no seu duplo sentido de fenômeno ao mesmo tempo físico e espiritual, mas também para as descobertas diretamente relacionadas com as ciências exatas - e elas têm sido fáceis de demonstrar.

Um dos escritos mais hábeis que devemos ao punho do Prof. Tyndall é o seu cáustico ensaio sobre o "Materialismo científico". Consideramos o que ele tem a dizer sobre o fenômeno da consciência. Ele cita a seguinte pergunta feita por Martineau: "Um homem pode (...) dizer 'eu sinto, eu penso, eu amo'; mas como é que a *consciência* se imiscuiu no problema?". E logo responde: "A passagem da parte física do cérebro aos fatos correspondentes da consciência é inconcebível. Dado que um pensamento definido e uma ação molecular definida ocorrem simultaneamente no cérebro, não possuímos o órgão intelectual nem aparentemente nenhum rudimento desse órgão que os permitiria passar, por um processo de raciocínio, de um a outro. Eles surgem juntos, mas *não sabemos por quê*. Se as nossas mentes e os nossos sentidos fossem muito extensos, fortificados e esclarecidos de maneira que pudéssemos ver e sentir as mínimas moléculas do cérebro; fôssemos nós capazes de seguir todos os seus movimentos, todos os seus agrupamentos, todas as suas descargas elétricas, se tais coisas existirem; e estivéssemos nós intimamente familiarizados com os estados correspondentes do pensamento e do sentimento, nós nos encontraríamos ainda mais longe do que nunca da solução do problema `Como estão esses processos físicos ligados aos fatos da consciência?'. O abismo entre as duas classes de fenômenos ainda continua a ser intelectualmente intransponível".

Esse abismo, tão intransponível para Tyndall quanto o nevoeiro de fogo em que o cientista se defronta com sua causa desconhecida, é uma barreira apenas para os homens desprovidos de intuições espirituais. O livro *Outlines of Lectures on the Neurological Sistem of Antlopology,* do Prof. Buchanan,

obra que remonta a 1.854, contém sugestões que, se os saberetes as considerassem, mostrariam como se pode construir uma ponte sobre este abismo apavorante.

Mas o edifício do materialismo foi todo ele baseado sobre este alicerce grosseiro - a razão. *Quando eles estirarem até os seus limites externos, os seus mestres podem, quando muito, nos revelar um universo de moléculas animadas por um impulso oculto.* Que melhor diagnóstico da enfermidade de nossos cientistas pode ser deduzido da análise do Prof. Tyndall do estado mental do clero transmontano por meio de uma ligeira modificação de nomes? Em vez de "guias espirituais", leia-se "presente materialista"; leia-se "espírito" em vez de "ciência" e, no parágrafo seguinte, temos o retrato vívido do moderno homem de ciência desenhado pela mão de um mestre:

"(...) os seus guias espirituais vivem tão exclusivamente no passado pré-científico, que mesmo os intelectos verdadeiramente forte entre eles estão reduzidos à atrofia no que diz respeito à verdade científica. Eles têm olhos, e não vêem; têm ouvidos, e não ouvem; com efeito, os seus olhos e os seus ouvidos são prisioneiros das visões e dos sons de uma outra era. Em relação à ciência, o cérebro dos transmontanos, por falta de exercício, é virtualmente o cérebro infantil não-desenvolvido. É assim que são como crianças em termos de conhecimento científico, mas, como detentores poderosos de uma poder espiritual entre os ignorantes, eles encorajam e impõem práticas tais que o vermelho da vergonha sobre às faces dos mais inteligentes dentre eles". O ocultista estende esse espelho à ciência para que nele ela se reconheça a si mesma.

Desde que a História registrou as primeiras leis estabelecidas pelo homem, não existiu até agora um único povo cujo código não faça depender a vida e a morte dos seus cidadãos do depoimento de duas ou três testemunhas dignas de fé. "Sobre o depoimento de duas ou três testemunhas. morrerá aquele que houver de ser castigado de morte", diz o legislador do povo hebreu. "As leis que enviam um homem à morte pela declaração de uma única testemunha são fatais à liberdade" - diz Montesquieu. "A razão exige que existam duas testemunhas."

Assim, o valor da prova testemunhal foi tacitamente reconhecida e aceito em todos os países. Mas os cientistas não aceitam a prova baseada no testemunho de um milhão de homens que se pronunciaram contra apenas um. É em vão que centenas de milhares de homens testemunhem fatos. *Óculos habent et no vident*! Eles estão determinados a continuar sendo cegos e surdos. Trinta anos de demonstração prática e o testemunho de alguns milhões de crentes da América e da Europa certamente merecem, até certo ponto, o respeito e a atenção.

"A ciência *é a compreensão da verdade ou dos fatos"*, diz Wesbster; ela é "uma investigação da verdade *por si mesma*; a busca do conhecimento puro". Se a definição está correta, então a maioria dos nossos modernos eruditos mostraram-se infiéis à sua deusa. "A verdade por si mesma!" E onde procurar, na Natureza, as chaves de cada uma das verdades se não nos mistérios ainda inexplorados da Psicologia?

A Psicologia não tem inimigos piores do que a escola médica denominada *alopata*. É perder tempo lembrar-lhes que, de todas as ciências supostamente exatas, é a Medicina, reconhecidamente, a que menos direitos tem a esse nome. Embora dentre todos os ramos do conhecimento médico a psicologia devesse mais do que qualquer outro ser estudada pelos médicos, dado que sem a ajuda desta a sua prática degenera em meras conjecturas e intuições fortuitas, eles, a desprezam. A mínima discordância de suas doutrinas promulgadas é repudiada como uma heresia, e embora um método curativo impopular e não-reconhecido possa salvar milhares de vidas, eles parecem, em bloco, dispostos a se agarrar a hipótese e a prescrições tradicionais para condenar o inovador e a inovação até que estes obtenham o timbre oficial. Milhares de pacientes desafortunados podem morrer enquanto isso, defendida a honra profissional, o resto é de importância secundária.

ORIENTE, A TERRA DO CONHECIMENTO. **(L. 1. pág. 172).**

Teoricamente a mais benigna, nenhuma outra escola da Ciência, entretanto, exibe tantos exemplos de preconceito mesquinho, de materialismo, de ateísmo e de obstinação malévola quanto a Medicina. As predileções e a tutela dos principais médicos são raramente medidas pela utilidade de uma descoberta. A sangria por sanguessugas e por ventosas e a lanceta tiveram a sua epidemia de popularidade, mas finalmente caíram em desgraça merecida; a água livremente administrada aos pacientes febris, foi-lhes, durante muito tempo, negada; os banhos quentes foram suplantados pela água fria e, durante um período de vários anos, a hidroterapia se tornou uma mania. A quina. A quina - que um paladino moderno da autoridade bíblica se esforça seriamente em identificar à paradisíaca "Árvore da Vida", e que foi trazida à Espanha em 1632 - foi desprezada durante muito tempo.

Admite-se desde tempos imemoriais que o distante Oriente era a terra do conhecimento. Nem mesmo no Egito foram a Botânica e a Mineralogia tão profundamente estudadas quanto pelos sábios da Ásia Central arcaica.

No entanto, todas as vezes em que se discute o assunto Magia, a Índia raramente se insinua a alguém, pois que a sua prática geral nesse país é menos conhecida que a de qualquer outro povo da Antigüidade. Entre os hindus, ela foi e é mais esotérica, se possível, do que foi mesmo para os próprios sacerdotes egípcios. Era considerada tão sagrada que a sua existência sé era admitida pela metade e era praticada apenas em casos de emergência públicas. *Ela era mais do que uma matéria religiosa, pois era considerada divina.* Os hierofantes egípcios, apesar da prática de uma moralidade rígida e pura, não podiam ser comparados aos ascetas ginosofistas, nem pela santidade de sua vida nem pelos poderes miraculosos desenvolvidos neles pela abjuração sobrenatural de coisas terrenas. Todos os que conheciam bem os tinham em reverência maior do que aos feiticeiros da Caldéia. "Recusando os confortos mais simples da vida, eles habitavam em florestas e aí levavam a vida dos eremitas mais isolados", ao passo que os seus irmãos egípcios ao menos formavam comunidades. A despeito da censura feita pela História a todos os que praticaram a magia e a adivinhação, foram eles proclamados possuidores dos maiores segredos do conhecimento médico e de habilidade insuperada em sua prática. Inúmeras são as obras conservadas nos mosteiros hindus em que estão registradas as provas da sua erudição. Tentar dizer se esses ginosofistas foram os verdadeiros fundadores da magia na Índia, ou se eles apenas praticavam o que fora transmitido por herança dos *Rishis* (os sete sábios primordiais) seria considerado como uma mera especulação pelos eruditos exatos. "O cuidado que eles tinham em instruir a juventude, em familiarizá-la com os sentimentos generosos em virtuosos, concedeu-lhes uma honra peculiar, e suas máximas e os seus discursos, tal como registrados pelos historiadores, provam que eles eram peritos em assuntos de Filosofia, Metafísica, Astronomia, Moral e Religião", diz um autor moderno. Eles preservaram a sua dignidade sob o domínio dos príncipes mais poderosos, que eles *não* condescenderam em visitar, ou que eles não perturbaram para obter deles o mínimo favor. Se estes últimos desejassem o conselho ou as preces desses homens santos eram obrigados a ir até eles, ou a lhes enviar mensageiros. Para esses homens não havia poder secreto das plantas ou dos minerais que lhes fosse desconhecido. Eles haviam sondado a Natureza até as suas profundezas, ao passo que a Psicologia e a Fisiologia eram para eles livros abertos, e o resultado foi aquela ciência ou *machagiotia* que agora é denominada, desdenhosamente, de *Magia*.

Enquanto os milagres registrados pela Bíblia - dos quais desacreditar é visto como infidelidade - tornaram-se fatos aceitos pelos cristãos, as narrativas de maravilhas e de prodígios no *Atharva-Veda* - (O QUARTO VEDA) ora provocam o seu desprezo, ora são vistas como provas de diabolismo. E entretanto, em mais de um aspeto, e apenas da relutância de certos eruditos sânscritos, podemos provar a identidade das duas tradições. Além disso, como foi provado pelos eruditos que os *Vedas* antecedem de muitos séculos a *Bíblia* judaica, é fácil inferir que, se um dos dois livros fez empréstimos ao outro, não são os livros sagrados hindus que devem ser acusados de plágio.

EMANAÇÃO DO UNIVERSO OBJETIVO. **(L. 1. pág. 174).**

Em primeiro lugar, a sua cosmogonia prova até que ponto foi errônea a opinião que prevaleceu nas nações civilizadas de que Brahmâ foi sempre considerado pelos hindus como o seu chefe ou seu Deus Supremo. Brahmâ é um divindade secundária e, como Jeová, é *"um ser que move as águas"*. Ele é o deus *criador* e, nas suas representações alegóricas possui quatro cabeças, correspondentes aos quatro pontos cardeais. Ele é o demiurgo, o *arquiteto* do mundo. "No estado primordial da criação", diz Polier, em sua *Mythologie dês Indous*, "o universo rudimentar, submerso na água, repousava no seio Eterno. Emanado desse caos e dessas trevas. Brahmâ, o arquiteto do mundo, repousava sobre uma folha de lótus, flutuava [movia-se?] sobre as águas, incapaz de nada discernir entre águas e trevas". Isto é idêntico quanto possível à cosmogonia egípcia, que mostra, nas suas frases de abertura, Hathor ou a Mãe Noite (que representa as trevas incomensuráveis) como o elemento primordial, que recobria o abismo infinito, animado pela água e pelo espírito universal do Eterno, que habitava sozinho no caos. Como nas escrituras judaicas, a história da criação abre-se com o espírito de Deus e sua emanação criadora - uma outra divindade. Percebendo um estado de coisas tão lúgubre, Brahmâ, consternado, assim se exprime: "Quem sou? Donde vim?". Ouve então uma voz: "Dirige tua voz a Bhagavat - O Eterno, conhecido também como Parabrahman", Brahmâ, abandonando a sua posição natatória, senta-se sobre o lótus numa atitude de contemplação e medita sobre o Eterno, que, satisfeito com essa prova de piedade, dispersa as trevas primordiais e abre o seu entendimento. "Depois disso, Brahmâ sai do ovo universal [o caos infinito] sob a forma de *luz*, pois e seu entendimento agora está aberto, e se põe a trabalhar, *move-se* sobre as águas eternas, com o espírito de Deus nele; em sua capacidade

de *ser que move* as águas eternas, com o espírito de Deus nele; em sua capacidade de *ser que move* as águas ele é Nârâyana (*)e, por serem elas o primeiro lugar do movimento (ayana) de Nara, este foi denominado de Nārayana (o que se move sobre as águas). (* Na simbologia esotérica, representa a primeira manifestação do princípio vital, difundindo-se no Espaço Infinito. ["As águas foram chamadas de nârās porque foram produzidas por Nara (o Espírito Divino, o Espírito nascido de si mesmo)

Para os hindus, o lótus é o emblema do poder produtivo da Natureza, pela ação do fogo e da água (o espírito e a matéria). "Eterno", diz uma estrofe da *Bhagavad-Gîtâ* [cap. XI], "eu vejo Brahmâ, o criador, entronizado em *ti* sobre o lógus!" e Sir W. Jones nos diz que as sementes do lótus contêm - mesmo antes de germinarem - folhas perfeitamente formadas, formas miniaturas daquilo em que, como plantas perfeitas, elas se transformarão um dia; ou, como diz o autor de *The Hearthen Religion* - "a Natureza nos dá assim um espécime da *pré-formação* das suas produções"; acrescentando que "a semente de todas as plantas *fanerógamas* que trazem flores propriamente ditas contêm *um embrião de plantas já formado*".

Para os budistas, ele tem a mesma significação. Mahâ-Mâyâ, ou Mahâ-Devi, a mãe de Gautama Buddha, deu à luz o seu filho anunciado pelo Boddhisattva (o espírito de Buddha), que apareceu ao pé do seu leito com um *lótus* em sua mão. Assim, também Osíris e Hórus são representados pelos egípcios constantemente em associação com a flor de lótus.

Todos estes fatos tendem a provar o parentesco comum deste símbolo nos três sistemas religiosos - hindu, egípcio e judaico-cristão. Em qualquer lugar em que o lírio da água mística (lótus) seja representado, ele significa a emanação do objetivo para fora do oculto ou do subjetivo - o pensamento eterno da Divindade sempre invisível que passa do abstrato ao concreto ou forma visível. Assim, logo que as trevas foram dissipadas e que "havia luz", o entendimento de Brahmâ foi aberto, e ele viu no mundo ideal (até então eternamente oculto no pensamento Divino) as formas arquetípicas de todas as coisas infinitas futuras que devem ser chamadas à existência e, assim tornadas visíveis. Nesse primeiro estágio da ação, Brahmâ ainda se tornou o arquiteto, o construtor do universo, pois lhe será preciso, como um arquiteto, familiarizar-se primeiramente com o plano e compreender as formas ideais que repousavam no seio do Uno Eterno, tal como as folhas futuras do lótus estão ocultadas na semente dessa planta. E é nessa idéia que devemos procurar a origem e explicação do versículo da cosmogonia judaica em que se lê: "E Deus disse: Produza a terra (...) árvores frutíferas que dêem fruto, segundo a sua espécie, e que *contenham a sua semente em si mesma*". Em todas as religiões primitivas, o "Filho do Pai" é o Deus Criador - isto é, Seu pensamento tornado visível; e antes da era cristã, desde a *Trimûrti* dos hindus até as tríades das escrituras judaicas, segundo a interpretação cabalística, todas as nações velaram simbolicamente a trina natureza de sua Divindade suprema. No credo cristão vemos apenas o enxerto artificial de um ramo novo num tronco velho; e a adoção pelas Igrejas grega e romana do símbolo do lírio, que o arcanjo segura no momento da Anunciação, mostra um pensamento que possui precisamente a mesma significação simbólica.

O lótus é o produto do fogo (calor) e da água, daí um símbolo dual do espírito e matéria. O Deus Brahmâ é a primeira pessoa da trindade, assim como Jeová (Adão-Cadmo) e Osíris, ou antes Poemandro, ou o Poder do Divino Pensamento, de Hermes; pois é Poemandro quem representa a raiz de todos os deuses solares egípcios. O Eterno é o Espírito de Fogo, que desperta e frutifica e desenvolve numa forma concreta tudo o que nasce da água ou da terra primordial, que evolui de Brahmâ; mas o universo é o próprio Brahmâ, e este é o universo. Esta é a filosofia de Spinoza, extraída por ele da de Pitágoras; e é a mesma pela qual Bruno morreu como mártir. Este fato histórico demonstra quanto a Teologia cristã se afastou do seu ponto de partida. Bruno foi massacrado pela exegese de um símbolo que fora adotado pelos primitivos cristãos e interpretado pelos apóstolos! O ramo de lírio do Boddhisattva, e mais tarde de Gabriel, que representa o fogo e a água, ou a idéia de criação e de geração, se põe de manifesto no primeiro sacramento batismal.

As doutrinas de Bruno e de Spinoza são quase idênticas. Bruno, que reconhece que Pitágoras é a fonte de sua informação, e Spinoza, que, sem com ela concordar tão francamente, permite que a sua filosofia traia o segredo, enceram a Causa primária do mesmo ponto de vista. Para eles, Deus é uma Entidade plenamente *per se*, um Espírito Infinito, e o único Ser inteiramente livre e independente dos efeitos e de outras causas; que, por essa mesma Vontade que engendrou todas as coisas e deu o primeiro impulso a toda lei cósmica, mantém perpetuamente em existência e em ordem todas as coisas do universo. Assim como os svâvhâvikas hindus - A mais antiga escola de budismo existente. Seus partidários atribuíram a manifestação do Universo e os fenômenos da vida ao Svabhâva ou natureza respectiva das coisas -, chamados erroneamente de ateus, que pretendem que todas as coisas, tanto os homens quanto os deuses e os espíritos, tenham nascidos de Svabhâva ou de sua própria natureza, Spinoza e Bruno foram ambos levados à conclusão de que *Deus deve ser procurado na Natureza e não fora dela.* Com efeito, sendo a criação proporcional ao poder

do Criador, tanto o Universo quanto o Criador devem ser infinitos e eternos, uma forma que emana da sua própria essência e que, por sua vez, cria uma outra forma

O PROF. DOMÊNICO BERTI, EM SUA *Life of Bruno*, e compilada de documentos originais recentemente publicados, provam, sem que dúvida alguma possa subsistir, quais foram as suas *verdadeiras* filosofia, crença e doutrinas. Em comum com os platônicos de Alexandria, e com os cabalistas de época mais recente, ele estima que Jesus fosse um mago no sentido atribuído a essa palavra por Porfírio e por Cícero, que a chama de *divina sapiênci* (conhecimento divino), e por Fílon, o Judeu, que descreveu os magos como os investigadores mais assombrosos dos mistérios ocultos da Natureza, não no sentido aviltado dado à palavra magia em nosso século. Na sua nobre concepção, *os magos eram homens santos que, isolando-se de qualquer outra preocupação terrestre, contemplaram as virtudes divinas e compreenderam mais claramente a natureza divina dos deuses e dos espíritos; e então iniciaram outros nos mesmos mistérios, que consistem numa conservação de um intercâmbio ininterrupto com os seres invisíveis durante a vida.*

****

***

CAPÍTULO IV

TEORIAS A RESPEITO DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS

AS TEORIAS DE FENÔMENOS PSÍQUICOS. (L.1pág.181).

O Conde de Gasperin é um protestante devotado. A sua batalha contra dês Mousseaux, de Mirville e outros fanáticos, que atribuem todos os fenômenos espiritistas a Satã, foi longa e feroz.

As afirmações seguintes, relativas aos fenômenos psíquicos de que ele próprio foi testemunha, bem como o Prof. Thury, podem ser encontradas na volumosa obra de de Gasparin.

“Os experimentadores viram freqüentemente os pés da mesa *colados,* por assim dizer, ao assoalho e, apesar da excitação das pessoas presentes, recusarem-se a mudar de lugar,. Em outras ocasiões, eles viram as mesas levitarem de uma maneira bastante enérgica. Ouviram, com os seus próprios ouvidos, algumas batidas fortes e outras muito suaves; as primeiras ameaçavam, por sua violência, fazer a mesma em pedaços; as outras eram ligeiras, a ponto de mal serem percebidas. (...) Quanto a LEVITAÇÃO SEM CONTATO, encontramos um meio de produzi-la facilmente com sucesso. (...) E essas levitações não são resultados isolados. Nós as produzimos mas de TRINTA vezes. (...) Um dia a mesa se moverá e erguerá sucessivamente os seus pés, mesmo que o seu peso seja acrescentado o de um homem sentado sobre ela, que pesasse 88 quilos; num outro dia, ela ficará imóvel e *imovível*, embora a pessoa colocada sobre ela pese somente 60 quilos. Numa determinada ocasião, queríamos que ela se virasse de pernas para o ar e ela se virou, com as pernas para cima, embora nossos dedos não a tivessem tocado *sequer uma única vez*.

A partir de 1850, dês Mousseaux e de Miville, católicos romanos intransigentes, publicaram vários volumes cujos títulos foram habilmente escolhidos para chamar a atenção pública. Eles denunciam, da parte dos seus autores, uma inquietude muito séria que, além disso, não se preocupam em ocultar. Se fosse possível considerar os fenômenos como espúrios, a Igreja de Roma não se esforçaria tanto em reprimi-los.

Estando as duas partes de acordo em relação aos fatos, ficando os cépticos fora do problema, o público dividiu-se em dois partidos: os que acreditam na ação direta do diabo e os que acreditam nos espíritos desencarnados e em outros. A Igreja de Roma nunca foi crédula nem covarde, como o prova abundantemente o maquiavelismo que caracteriza a sua política. Além disso, ela nunca se preocupou muito com os incríveis prestidigitadores que ela *sabia* serem apenas adeptos da trapaça. Robert-Houdin, Comte, Hamilton e Bosco puderam dormir seguros nos seus leitos enquanto ela perseguia homens como Paracelso, Cagliostro e Mesmer, os filósofos herméticos e os místicos - e fazia cessar efetivamente toda manifestação genuína da natureza oculta pela morte, da parte dos médiuns.

Mas o melhor testemunho em favor da realidade dessa força foi fornecido pelo próprio Robert-Houdin, o rei dos prestidigitadores, que, tendo como perito sido chamado pela Academia para ser testemunha dos poderes maravilhosos de *clarividentes* e de erros ocasionais de uma mesa, disse: "Nós, prestidigitadores, jamais cometemos erros e minha segunda visão jamais me falhou".

“O problema do sobrenatural”, diz de Gasparin, “tal como foi apresentado na Idade Média, e tal como se apresenta hoje, não está no conjunto daqueles de que podemos desdenhar; a sua extensão e a sua grandeza não escapam a ninguém(...) Nele, tudo é profundamente sério, tanto o mal quanto o remédio, a recrudescência supersticiosas e o fato físico que deve finalmente levar vantagem sobre ela.”

Entre a multidão de livros publicados contra o Espiritismo, proveniente de fontes católicas e protestantes, nenhum produziu uma sensação mais aterradora do que as obras de Mirville e de dês Mousseaus: *La magie au XIX sècle; Moeus et pratiques dês démons; Les hauts phénomènes de la magie; Les Médiateur et les moyens de la magie; Pneumatologie. De Esprits et de leur manifestations diversesfoi um.* Elas constituem a biografia mais enciclopédica do diabo e dos seus diabretes que apareceu para o deleite secreto dos bons católicos desde a Idade Média.

Negando que a Igreja tivesse algo a ver com seus livros, dês Mousseaux gratificou a Academia, em acréscimo ao seu *Mémoire*, com os seguintes pensamentos interessantes e profundamente filosóficos sobre Satã:

" *O Diabo é coluna fundamental da Fé.* É uma das grandes personagem cuja vida está intimamente ligada à Igreja; e sem a sua fala, que saiu tão triunfante da boca da Serpente, o *seu médium*, a queda do homem não teria ocorrido. Assim, se não fosse por ele, o Salvador, o Crucificado, o Redentor seria apenas um ente ridículo e a Cruz, um insulto ao bom senso!"

Este escritor, lembrai-vos, é apenas o eco fiel da Igreja, que anatematiza ao mesmo tempo aquele que nega Deus e aquele que duvida da existência objetiva de Satã.

Esta guerrilha entre os campeões do clero e a materialista Academia de Ciências prova abundantemente quão pouco esta última fizera para desarraigar o fanatismo cego das mentes mesmo das pessoas mais instruídas. *Evidentemente a ciência não venceu, nem sequer refreou a Teologia*

Babinet, Rayer e Jobert de Lamballe - todos membros do Instituto - distinguiram-se particularmente na sua batalha entre o ceticismo e o sobrenaturalismo e muito seguramente não colheram louros.

Babinet começou por aceitar *a priori* a rotação e os movimentos das mesas, fato que declarou estar *"hors de doute"*. "Esta rotação", disse ele, "pode manifestar-se com uma energia considerável, seja por uma velocidade muito grande, seja por uma forte resistência quando se deseja que ela se interrompa."

Agora temos a explicação do eminente cientista: "Suavemente empurrada por pequenas impulsões concordantes das mãos colocadas sobre ela, a mesa começa a oscilar da direita para a esquerda. (...) No momento em que, após um intervalo mais ou menos longo, uma trepidação nervosa se estabelece nas mãos e as pequenas impulsões individuais de todos os experimentadores se harmonizam, a mesa se põe em movimento".

Babinet considera isso fácil, pois "todos os movimentos musculares são determinados nos corpos por alavancas de terceira ordem, para as quais o ponto de apoio está próximo do ponto em que a força age. Este, em conseqüência, comunica uma grande velocidade às partes móveis em busca da pequena distância que a força motriz tem de percorrer. (...) Algumas pessoas se espantam ao ver uma mesa sujeita à ação de muitos indivíduos bem-dispostos e em conjunto, a *vencer obstáculos poderosos* e mesmo a quebrar as pernas das *pequenas ações concordantes*. (...) Uma vez mais, a explicação física não oferece dificuldades".

Nessa exposição, dois resultados são claramente mostrados: a realidade dos fenômenos é provada e a explicação científica se torna ridícula. Mas Babinet permite que se ria um pouco às suas custas; ele sabe, em sua qualidade de astrônomo, que se pode encontrar manchas escuras até no Sol.

O Sr. Crookes, no seu artigo publicado no *Quarterly Jorunal of Science* a 1º de outubro de 1871, menciona de Gasparin e a sua obra *Science versus Spiritualism*. Ele observa que "o autor finalmente chegou à conclusão de que todos esses fenômenos devem ser creditados à ação de causas naturais e não exigem a suposição de milagres, nem a intervenção de espíritos e de influências diabólicas. [De Gasparin] considera, como um fato plenamente estabelecido pelos seus experimentos, que *a vontade, em certos estados do organismo, pode agir à distância sobre a matéria inerte*, e muito da sua obra é consagrada à verificação das leis e das condições sob as quais essa ação se manifesta".

Mas o Sr. Crookes mencionou outro eminente erudito, Thury, de Genebra, professor de História Natural, que foi colaborador de Gasparin nos fenômenos de Valleyres. Este professor contradiz sem rodeios as asserções do seu colega. "A condição primeira e mais necessária", diz Gasparin, "é a *vontade* do experimentador; sem a vontade, nada se obterá, podeis formar a cadeia (o círculo) por 24 horas consecutivas, sem obter o mínimo movimento."

Isto prova apenas que de Gasparin não faz diferença entre fenômenos puramente magnéticos, produzidos pela vontade perseverante dos assistentes entre os quais não deve haver um único médium, desenvolvido ou não-desenvolvido, e os chamados psíquicos. Ao passo que os primeiros podem ser produzidos *conscientemente* por quase todas as pessoas que tenham uma vontade firme e determinada, os outros dominam o sensitivo muito freqüentemente contra o seu próprio consentimento e sempre agem independentemente dele. *O mesmerizador deseja uma coisa e, se ele for suficientemente poderoso, essa coisa se produzirá. O médium,* mesmo que ele tenha um propósito honesto a cumprir, *pode não conseguir nenhuma manifestação; quanto menos ele exercita a sua vontade, melhor será o fenômeno; quanto mais ele se mostra ansioso, tanto menos provável é que consiga alguma coisa;* mesmerizar requer uma natureza positiva; para ser um médium é preciso ter uma natureza absolutamente passiva. Este é o Alfabeto do Espiritismo, e nenhum médium o ignora.

Mas podem os cientistas afirmar que têm em suas mãos as chaves dessa lei? De Gasparin acredita que sim. Vejamos.

"Não me arrisco a explicar; *não é da minha conta* [?]. Constatar a autenticidade de simples fatos e sustentar uma verdade que a ciência deseja sufocar é tudo o que pretendo fazer. Entretanto, não posso resistir à tentação de mostrar àqueles que nos tratariam como um entre tantos *illuminati* ou feiticeiros que a manifestação em questão comporta uma interpretação que concorda coma *as leis comuns da ciência.*

Suponhamos um fluído, que emana dos experimentadores, e, sobretudo, de *alguns deles*; suponhamos que a vontade determinasse a direção tomada pelo fluído - e compreendereis facilmente a rotação e a levitação daquela perna de mesa para a qual foi emitida, com mais ação da vontade, um excesso de fluído.

Suponhamos que um vidro permitisse que o fluído se escapasse - e compreendereis como um copo colocado sobre a mesa pode interromper a rotação e que o copo, colocado em um dos lados, causa a acumulação do fluído no lado oposto, que, em conseqüência, *é levantado*!"

Se cada um dos experimentadores fosse um mesmerizador hábil, a explicação, *minus* alguns detalhes importantes, poderia ser aceitável. Isso basta para o poder da *vontade humana* sobre a matéria inanimada, de acordo com o ilustre ministro de Luís Filipe. Mas, e quando à inteligência demonstrada pela mesa? Que explicação dá ele às respostas obtidas pela ação dessa mesa? Respostas que possivelmente não seriam os "reflexos do cérebro" das pessoas presentes (uma das teorias favoritas de de Gasparin), pois que as idéias destas pessoas eram absolutamente o contrario da filosofia muito *liberal* professada por essa mesa maravilhosa? Ele se cala a esse respeito. Tudo, menos *espíritos* - humanos, satânicos ou Elementais.

Assim, a "concentração simultânea de pensamento" e a "acumulação de fluído" não são melhores do que a "celebração inconsciente" e a "força psíquica" dos outros cientistas. Devemos tentar novamente; e podemos predizer, de antemão, que as mil e uma teorias da ciência de nada servirão até que eles confessem que esta força, longe de ser uma projeção das vontades acumuladas do círculo, é, ao contrário, uma força anormal, estranha a eles e *supra-inteligente*.

Como nos relata o Sr. Crookes, o Prof. Thury refuta "todas essas explicações e acha que os efeitos devidos a uma substância particular, fluído ou agente, penetram, de maneira similar ao éter luminífero do cientista, toda a matéria nervosa, orgânica ou inorgânica - que ele denomina *psicode*. Discute a fundo as propriedades desse estado ou forma da matéria e propõe o termo força *ectênica* (...) para o poder exercido quando a mente age à distância através da influência da psicode".

O Sr. Crookes observa ainda qual a força *ectênica* do Professor Thury e a sua própria "força psíquica" são evidentemente termos equivalentes.

Nós poderíamos, com certeza, demonstra facilmente que as duas forças são idênticas, além disso, [à] luz astral ou *sideral*, tal como a definem os alquimistas e Éliphas Lévi no seu *Dogme et rituel de la haute magie;* e que, com o nome de ÂKÂSA (Ver inicio capítulo V), ou princípio da vida, esta força que tudo penetra era conhecida dos ginosofistas, dos mágicos hindus e dos adeptos de todos os países há milhares de anos; e que era conhecida também, e ainda hoje usada por eles, dos lamas tibetanos, dos faquires, dos taumaturgos de todas as nacionalidades e até de muitos dos "prestidigitadores" hindus.

Em muitos casos de transe, induzidos artificialmente por mesmerização, é bastante possível, e até mesmo provável, que se trate do "espírito" do paciente que age sob a orientação da vontade do operador. Mas, se o médium permanece consciente e se os fenômenos psicofísicos ocorrem de maneira a indicar uma inteligência diretora, então, a menos que não se tratasse de uma "mágico" e que ele fosse capaz de projetar o seu duplo, a exaustão física significa apenas uma prostração nervosa. A prova de que ele é o instrumento passivo de entidades invisíveis que controlam potências ocultas parece ser conclusiva.

Assim, vemos que nem Thury, que investigou essas manifestações com de Gasparin em 1854, nem o Sr, Crookes, que admitiu a sua autenticidade inegável em 1874, chegaram a algo definido. Ambos são químicos, físicos e homens muito cultos. Ambos dedicaram toda a sua atenção a essa questão enigmática; e além desses dois cientistas houve muitos outros que, tendo chegado à mesma conclusão, foram também incapazes de fornecer ao mundo uma solução final. Segue-se que, em vinte anos, nenhum cientista avançou um passo no desvendamento do mistério, que continua impassível e inexpugnável como as paredes de um castelo de fadas.

Seria por demais impertinente insinuar que talvez os nossos cientistas modernos tivessem caído naquilo que os franceses chamam de un cercle *vicieus*? Tolhidos pelo peso de seus materialismo e pela insuficiência das ciências ditas exatas em demonstrar palpavelmente a eles que a existência de um universo espiritual, mais povoado e mais habitado ainda do que o nosso universo visível - estão eles condenados para sempre se arrastarem *dentro* desse círculo, mais por falta de vontade do que por incapacidade de penetrar no que está para além desse anel e de explorá-lo em sua extensão e largura? É só o preconceito que os impede de um compromisso com os fatos já bem-estabelecidos e de firmar aliança com especialistas magnetistas e mesmerizadores como Du Potet e Regazzoni.

"O que, então, se produz a partir da morte?" pergunta Sócrates a Cebes. "A Vida", foi a resposta. (...) "Pode a alma, dado que é imortal, ser algo mais do que imperecível?" A "semente não, se desenvolve a menos que seja consumida em parte", diz o Prof. Le Conte; "o que semeias não se vivifica, se primeiro não morre", diz São Paulo.

Uma flor desabrocha; depois murcha e fenece. Deixa atrás de si um perfume que resiste no ar até muito tempo depois de as suas pétalas delicadas se transformarem em pó. Nossos sentidos materiais podem não mais percebê-lo, mas ele ainda existe. Vibrai uma nota qualquer num instrumento e o som mais frágil

produz um eco eterno. Uma perturbação se produz nas ondas invisíveis do oceano sem praias do espaço e a vibração nunca se extingue. A sua energia, transporta do mundo de matéria para o mundo imaterial, pendente e racional, a divindade que habita a obra-prima suprema da nossa natureza, abandonará o seu envoltório e não mais existirá. O princípio de continuidade que existe mesmo naquilo que se chama de matéria *inorgânica*, num átomo perdido, seria negado ao espírito, cujos atributos são a consciência, a memória, a mente e o AMOR! Realmente, esta idéia é absurda. Quanto mais pensamos e quanto mais aprendemos, tanto mais difícil se nos torna compreendermos o ateísmo do cientista. Podemos entender facilmente que um homem ignorante das leis da Natureza, que não aprendeu nada de Química ou de Física, possa ser fatalmente lançado no materialismo por sua própria ignorância, por sua incapacidade de compreender a filosofia das ciências exatas ou de fazer uma indicação qualquer pela analogia entre o *visível e o invisível*. Um metafísico nato, um sonhador ignorante, pode despertar abruptamente e dizer para si mesmo: "Sonhei; não tenho nenhuma prova palpável do que imaginei; é tudo ilusão", etc. Mas para um cientista, familiarizado com as características da energia universal, sustentar a opinião de que a *vida* é apenas um fenômeno de matéria, uma espécie de energia, é confessar simplesmente a sua incapacidade de analisar e de compreender apropriadamente o alfa e o ômega mesmo daquela - matéria.

O ceticismo sincero em relação à imortalidade da alma do homem é uma doença, uma má-formação do cérebro físico, que tem existido em todas as épocas. Da mesma maneira que existem crianças que nascem com uma coifa em suas cabeças, assim também há homens incapazes de, até a sua última hora, livrar-se desta espécie de coifa que, evidentemente, recobre os seus órgãos de espiritualidade. Mas é um sentimento bastante diferente o que os faz rejeitar a possibilidade de fenômenos espirituais e mágicos. O verdadeiro nome desse sentimento é - *vaidade*. "Nós não podemos produzi-los nem explicá-los; portanto, eles *não* existem e, além disso, *nunca* existiram." Este é o argumento irrefutável dos nosso filósofos atuais. Há cerca de trinta anos. E. Salverte surpreendeu o mundo dos "crédulos" com a sua obra, *The Philosophy of Magic*. O livro pretende desvendar todos os milagres da Bíblia e os dos santuários pagãos. Seu *résumé*: longos séculos de observação; um grande conhecimento (para aqueles dias de ignorância) das ciências naturais e da Filosofia; impostura; trapaça; ilusões de ótica; fantasmagoria; exagero. Conclusão final e lógica: taumaturgos, profetas, mágicos, velhacos e desonestos; o resto do mundo, loucos.

Dentre muitas outras provas conclusivas, o leitor pode vê-lo oferecendo a seguinte: "Os discípulos entusiásticos de Jâmblico afirmavam, a despeito das asserções contrárias do seu Mestre, que, quando orava, ele era elevado a uma altura de dez côvados do solo; e, *iludidos* pela mesma metáfora, embora cristãos, tiveram a simplicidade de atribuir um milagre similar a Santa Clara e a São Francisco de Assis".

Centenas de viajantes contam terem visto faquires a produzir os mesmos fenômenos e os tomaram a todos por mentirosos ou alucinados. Mas faz pouco tempo que o mesmo fenômeno foi testemunhado e referendado por um cientista muito conhecido; foi produzido sob condições de teste; declarado pelo Sr. Crookes como sendo autêntico e estar *além* da possibilidade de uma ilusão ou truque.

Por que deveria parecer tão impossível que o espírito, uma vez separado do seu corpo, possa ter o poder de animar uma forma evanescente, criada por essa forma mágica "psíquica", "ectênica" ou "etérea" com a ajuda das entidades elementares que lhe fornecem a matéria sublimada de seus próprios corpos? A única dificuldade consiste em compreender o fato de que o espaço circundante não é um vácuo, mas um reservatório, cheio até a borda, de modelos de todas as coisas que foram, que são e que serão; e de seres de raças incontáveis, diferentes da nossa. Aparentemente, fatos sobrenaturais - sobrenatural no sentido de que contradizem flagrantemente as leis naturais demonstradas da gravitação, como nos casos acima mencionados de levitação - são reconhecidos por muitos cientistas. Quem quer que tenha ousado investigar com minúcia, viu-se compelido a admitir a sua existência; só nos seus esforços inúteis de explicar dos fenômenos segundo teorias baseadas nas leis já conhecidas de tais forças, alguns dos mais altos representantes da Ciência envolveram-se com dificuldades inextricáveis!

No seu *Résumé*, de Mirville reproduz a argumentação desses adversários do Espiritismo por meio de cinco paradoxos, que ele chama *confusões*.

Primeira confusão: a de Faraday, que explica o fenômeno da mesa pela que vos *empurra*, "em conseqüência da resistência que *a empurra para trás*".

Segunda confusão: a de Babinet, ao explicar todas as comunicações (por batidas) que são produzidas, como ele diz - "de boa fé e em perfeita conseqüência, correta em toda maneira e em todo o sentido -, por *ventriloquia*", cujo uso implica necessariamente - *má fé*.

Terceira confusão: a do Dr. Chevreul, ao explicar a faculdade de o móvel se movimentar *sem* contato pela aquisição preliminar dessa faculdade.

Quarta confusão: a do Instituto da França e dos membros, que consentem em aceitar os milagres com a condição de que não contradigam de maneira alguma as leis naturais com que eles estão familiarizados.

Quinta confusão: a de Gasparin, ao apresentar como fenômeno muito *simples* e absolutamente *elementar* aquilo que todo o mundo rejeita, exatamente porque ninguém viu algo que se assemelhasse a ele.

Não é a primeira vez na história do mundo que o mundo invisível tem de lutar contra o ceticismo materialista dos saduceus cegos de alma. Platão deplora tal incredulidade e se refere a essa tendência perniciosa mais de uma vez em suas obras.

Desde Kapila - o filósofo hindu que muitos séculos antes de Cristo, duvidava já de que os iogues em êxtase pudessem ver a Deus face a face e conversar com os seres "mais elevados" - até os voltairianos do século XVIII, que riram de tudo o que fosse considerado sagrado por outras pessoas, cada época teve os seus Tomés descrentes. Chegaram eles alguma vez a impedir o progresso da Verdade? Não mais do que os beatos ignorantes que julgaram Galileu impediram o progresso da rotação da Terra. Nenhuma revelação é capaz de afetar virtualmente a estabilidade ou a instabilidade de uma crença que a Humanidade herdou das primeiras raças de homens, aqueles que - se podemos acreditar na evolução do homem espiritual tanto quanto na do homem físico - receberam a grande verdade dos lábios de seus ancestrais, os *deuses dos seus pais*, "que estavam no outro lado da inundação". A identidade entre a Bíblia e as lendas dos livros sagrados hindus e as cosmogonias de outras nações deve ser demonstrada qualquer dia. *Das fábulas das épocas mitopoéticas dir-se-á que elas transformaram em alegoria as maiores verdades da Geologia e da Antropologia.* A essas fábulas de tão ridícula expressão terá de recorrer a Ciência para encontrar "os elos perdidos".

De outra maneira, de onde provinham essa "coincidências" estranhas nas respectivas histórias de nações e povos tão distantes entre si? De onde essa identidades de concepções primitivas que, chamadas agora fábulas e lendas, contêm em si, entretanto, o germe dos fatos históricos, de uma verdade amplamente com as cascas dos embelezamentos populares, mas ainda assim a Verdade? Comparai apenas estes versículos do *Gênese* VI, 1-4: "Como *os homens tivessem começado a multiplicar-se,* e tivessem gerado suas filhas; vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosos, tomaram por mulheres as que de entre elas escolheram. (...) Ora, *naquele tempo havia gigantes sobre a Terra",* etc. - com esta parte da cosmogonia hindu, nos *Vedas*, que fala da origem dos brâmanes. O primeiro brâmane lamenta estar *sozinho* entre todos os seus irmãos sem esposa. A despeito de o Eterno aconselhá-lo a devotar os seus dias apenas ao estudo do Conhecimento Sagrado (Veda), o *primogênito* da Humanidade insiste. Irritado com tal ingratidão, o Eterno deu ao brâmane uma esposa da raça dos *daityas,* ou *gigantes*, de que todos os brâmanes descendem em linha materna. Assim, todo o sacerdócio hindu descende, por um lado, dos espíritos *superiores* (os filhos de Deus) e de *daiteyí*, uma filha dos gigantes terrestres, os homens primitivos. E elas pariram filhos para eles; os filhos tornaram-se homens poderosos que na velhice foram homens de renome."

A mesma indicação encontra-se no fragmento cosmogônico escandinavo. No *Edda* ocorre a descrição, feita a Gangler por Har, um dos três informantes (Har, Jafnhar e Thridi), do primeiro homem, chamado Buri, "o pai de Bor, que tomou por esposa Beila, uma filha do gigante Bolthorn, da raça dos *gigantes primitivos"*. A narração completa e muito interessante encontra-se no *Prose Edda,* seções 4-8, das *Northen Antiquities* de Mallet.

O mesmo fundamento tem as fábulas gregas sobre os Titãs e pode ser encontrado na lenda dos mexicanos - as quatros raças sucessivas do *Popol-Vuh.* Ele se constitui numa das muitas conclusões encontráveis no novelo emaranhado e aparentemente inextricável da Humanidade considerada como fenômeno psicológico. A crença no sobrenaturalismo seria inexplicável de outra maneira. Dizer que ela nasceu, cresceu e se desenvolveu através das incontáveis eras, sem causa ou pelo menos sem uma base firme ou sólida sobre a qual repousar, mas apenas com uma fantasia oca, seria considerá-la um absurdo tão grande quanto a doutrina teológica segundo a qual o mundo foi criado a partir do nada.

Não foram fatos que faltaram à Psicologia, desde muito tempo, para que ela tornasse as suas leis misteriosas mais bem-compreendidas e aplicadas às ocorrências tanto ordinárias quanto extraordinárias da vida. Ela os teve em abundância. O que eles exigem é registro e classificação - observadores treinados e analistas competentes. O corpo científico deveria fornecer tais homens. Se o erro prevaleceu e a superstição correu desenfreada durante estes séculos por toda a cristandade, essa é a infelicidade das pessoas comuns, a repreensão da Ciência. Gerações nasceram e desapareceram, cada uma delas fornecendo a sua quota de mártires para a consciência e para a coragem moral, e a Psicologia é pouco mais bem-compreendida em nossos dias do que quando a mão pesada do Vaticano arremessou aqueles bravos desafortunados a um fim intempestivo e ferreteou a sua memória com o estigma de heresia e feitiçaria.

****

***

CAPÍTULO V

O ÉTER OU "LUZ ASTRAL"*

.Nota do Compilador definição do ÉTER, conforme o livro Glossário Teosófico.

Éter ou Ether**: Os estudantes são muito propensos a confundir o **Éter** com o ***Akâza e com a **Luz Astral**. **O Éter** é um agente material, embora nenhum aparelho físico o tenha, até agora, descoberto, o ***Akâsa*** é um agente distintamente espiritual, idêntico em certo sentido a ***Anima Mundi***, e a ***Luz Astral*** é apenas o sétimo e mais elevado princípio da atmosfera terrestre, tão impossível de descobrir como o ***Akâsa Cósmica*** e o verdadeiro ***Éter***, por ser algo que se encontra completamente em outro plano. O sétimo princípio da atmosfera terrestre, ou seja a ***Luz Astral***, é apenas o *segundo* da escala cósmica. A Escala de Forças, Princípios, e Planos cósmicos, de Emanações (no plano metafísico) e Evoluções (no físico), é a Serpente Cósmica que morde sua própria cauda, a Serpente que reflete a Serpente superior e que é refletida, por sua vez, pela inferior. O Caduceu explica este mistério e o quádruplo dodecaedro sobre cujo modelo, diz Platão, o Universo foi construído pelo *Logos* manifestado - sintetizado pelo Primeiro-Nascido não-manifestado -, dá geometricamente, a chave da Cosmogonia e seu reflexo microcósmico, ou seja, a nossa Terra. [O *Éter*, verdadeiro Proteu hipotético, uma das "ficções representativas" da ciência moderna, é um dos princípios inferiores do que chamamos "Substância Primordial" (*Akâza* em sânscrito), um dos sonhos da Antiguidade e que agora tornou a ser o sonho da ciência de nossos dias. Segundo o *Dicionário* de Webster, o **Éter** "é um meio hipotético de grande elasticidade e extrema sutileza, que se supõe preencha todo o espaço, sem executar o interior dos corpos sólidos, e seja o meio de transmissão da luz e do calor". Para os ocultistas, contudo, tanto o Éter como a Substância Primordial não são coisas hipotéticas, mas verdadeiras realidades. Acredita-se geralmente que o ***Akâza***, da mesma forma que a **Luz Astral** dos cabalistas, são o **Éter**, confundindo-se este com o **Éter** hipotético da ciência. Grave erro. O **Akâza** é a síntese do **Éter**, é o **Éter Superior**. O **Éter** é o "revestimento" ou um dos aspectos do ***Akâza***; é sua forma ou seu corpo mais grosseiro; ocupa toda a vacuidade do Espaço (ou melhor, todo o conteúdo do Espaço) e sua propriedade é o som (a Palavra). É o quinto dos sete Princípios ou Elementos cósmicos, que por sua vez tem sete estados, aspectos ou princípios. Este elemento semimaterial será visível no ar no final da quarta Ronda e se manifestará plenamente na quinta. E **Éter**, como o ***Akâza,*** tem por origem o Elemento único. O **Éter** dos físicos, o **Éter** inferior, é apenas uma de suas subdivisões em nosso plano, a **Luz Astral** dos cabalistas, com todos os seus efeitos, tanto bons quanto maus. O **Éter** positivo, fenomenal, sempre ativo, é uma força-substância , enquanto o onipresente e onipenetrante ***Æther*** é o número do primeiro, ou seja o ***Akâza***. (Glossário Teosófico).

A FORÇA PRIMORDIAL, E, SUAS CORRELAÇÕES. (L.1.pág.202).

Tem havido uma infinita confusão de nomes para expressar uma única e mesma coisa.

O caos dos antigos; o sagrado fogo zoroastrino, ou o *Âtas-Behrâm* dos pârsis o fogo de Hermes; o fogo de Elmes dos antigos alemães; o relâmpago de Cibele; a tocha ardente de Apolo; a chama sobre o altar de Pan; o fogo inextinguível do tempo de Acrópolis, e do de Vesta; a chama ígnea do elmo de Plutão; as chispas brilhantes sobre os capacetes dos Dióscuros, sobre a cabeça de Górgona, o elmo de Palas, e o caduceu de Mercúrio; o Ptah egípcio, ou Râ; o *Zeus Kataibates* (o que desce); as línguas de fogo pentecostais; a sarça ardente de Moisés; a coluna de fogo do *Êxodo*, e a "lâmpada ardente" de Abrão; o fogo eterno do "poço sem fundo"; os vapores do oráculo de Delfos; a luz sideral dos Rosa-cruzes; o ÂKÂSA dos adeptos hindus; a luz astral de Éliphas Lévi; a aura nervosa e o fluído dos magnetizadores; o *od* de Reichenbach; o globo ígneo, ou o *gato* meteoro de Babinet; o *Psicode* e a força ectênica de Thuri; a força psíquica de Sergeant E.W. Cox e do Sr. Crookes; o magnetismo atmosférico de alguns naturalistas; galvanismo; e, finalmente, eletricidade, são apenas nomes diversos para inúmeras manifestações diferentes, ou efeitos da mesma misteriosa causa que a tudo penetra - o grego Archaeus.

Sir E. Bulwer-Lytton, em seu *coming Race* [cap. VII], descreve-a como o VRIL; utilizada pelas populações subterrâneas, e permitiu aos seus leitores entendê-la como ficção. "Esse povo", diz ele, "considerava que no vril eles chegaram à unidade dos agentes naturais da energia"; e prossegue para mostrar que Faraday os designou "sob o nome mais cauteloso de correlação", pois:

"Sustentei durante muito tempo a opinião, quase a convicção, partilhada, acredito, por muitos outros amantes do conhecimento da Natureza, de que as várias formas sob as quais as forças da matéria se manifestam TÊM UMA ORIGEM COMUM; ou, em outras palavras, têm uma correlação tão direta, dependem tão naturalmente uma das outras, que são intercambiáveis e possuem, em sua ação, poderes equivalentes".

Absurda e acientífica como possa parecer a nossa comparação do *vril* inventado pelo grande romancista, e da força primordial do igualmente grande empirista, com a luz astral cabalística, ela é, não obstante, a verdadeira definição dessa força. Desde que começamos a escrever esta parte de nosso livro,

numerosos jornais têm anunciado a suposta descoberta pelo Sr. Edson, o eletricista de Newark, Nova Jersey, de uma força, a qual parece ser pouco em comum com a eletricidade, ou o galvanismo, exceto o princípio da condutividade. Se demonstrada, ela permanecerá por longo tempo sob alguns nomes científicos pseudônimos; mas, não obstante, ela será apenas das numerosas famílias de crianças paridas, desde o começo dos tempos, por nossa mãe cabalística, a *Virgem Astral*. De fato, o descobridor diz que "ela é tão diferente e tem regras tão regulares quanto o calor, o magnetismo ou a eletricidade". O jornal que contém o primeiro relato da descoberta acrescenta que "o Sr. Édison pensa que ela existe em conexão com o calor, e que ela pode ser gerada por *meios independentes mas ainda ignorados*".

A possibilidade de suprimir a distância entre as vozes humanas por meio do *telefone* (falar a distância), um instrumento inventado pelo Prof. A. Grahm Bell - é outra das mais recentes e surpreendentes descobertas.

Em relação a essas *descobertas* podemos, talvez, lembrar utilmente aos nosso leitores as numerosas alusões que se podem encontrar nas antigas histórias a respeito de certo segredo detido pelo clero egípcio, que podia comunicar-se instantaneamente, durante a celebração dos mistérios, de um templo a outro, mesmo se o primeiro estivesse em Tebas e o segundo em outra extremidade do país; as lendas atribuem-no, naturalmente, às "tribos invisíveis" do ar, que levam mensagens aos mortais. O autor de *Pre-Adamite Man* cita uma passagem que, dada simplesmente por sua própria autoridade, e ele parece não saber ao certo se a história provêm de Macrino ou de qualquer outro escritor, deve ser tomada pelo que vale. Ele encontrou boas evidências, segundo diz, durante sua estada no Egito, de que "uma das Cleópatas [?] enviou notícias por um fio a toda as cidades, de Helópolis a Elefantina, no Alto Nilo".

O ÉTER UNIVERSAL, E A NATUREZA DA SUBSTÂNCIA PRIMORDIAL. **(L.1.pág.204).**

Aqueles que não prestaram atenção ao assunto podem surpreender-se ao ver quanto já se sabia, nos tempos antigos, a respeito do princípio sutil que a tudo penetra e que foi recentemente batizado de ÉTER UNIVERSAL.

Antes de prosseguir, desejamos uma vez mais enumerar em duas proposições categóricas o que foi sugerido até aqui. Esta proposições eram leis demonstradas para os antigos teurgistas.

1. Os chamados milagres, a começar de Moisés e finalizando em Cagliosto, quando genuínos, estavam, como de Gasparin insinua muito corretamente em sua obra sobre os fenômenos, "perfeitamente de acordo com a lei natural"; portanto – nada de milagres. Eletricidade e magnetismo foram inquestionavelmente utilizados na produção de alguns prodígios, mas agora, como então, eles eram requisitados por todos os sensitivos que se servem *inconscientemente* desses poderes pela natureza peculiar de sua organização, a qual funciona como um condutor para alguns desses fluidos imponderáveis, ainda tão ignorados pelos físicos modernos.

2. Os fenômenos de magia natural testemunhados em Sião, Índia, Egito e outros países orientais não têm qualquer relação com a prestidigitação; aquela é um efeito físico absoluto, devido à ação das forças naturais ocultas, esta um resultado ilusório obtido por hábeis manipulações suplementares por comparsas.

Os taumaturgos de todos os períodos, escolas e países operavam suas maravilhas porque estavam perfeitamente familiarizados com as imponderáveis - em seus efeitos - mas outro lado perfeitamente tangíveis ondas da luz astral. Eles controlavam as correntes guiando-as com a sua força de vontade. As maravilhas eram de caráter físico e psicológico; as primeiras enfeixavam os efeitos produzidos sobre objetos materiais; as últimas, os fenômenos mentais de Mesmer e seus sucessores. O Mesmerismo é o ramo mais importante da Magia; e seus fenômenos são os efeitos do agente universal que sustenta toda a magia e que produziu em todos os tempos os chamados milagres.

Os antigos chamaram-no *Caos*; Platão e os pitagóricos designaram-no como *a Alma do Mundo*. De acordo com os hindus, a Divindade em forma de éter invade todas as coisas. É o fluído invisível, mas, como dissemos antes, tangível. Entre outros nomes, Proteu universal - ou "o nebuloso Onipotente", como o chama sarcasticamente De Mirville - foi designado pelos teurgistas como "o fogo vivo", o "Espírito de Luz", e *Magnés*. Este último nome indica as suas propriedades magnéticas e revela sua natureza mágica. Pois, como acertadamente disse um de seus inimigos - *μάγος e μάγνης* são dois ramos que crescem do mesmo tronco, e que produzem os mesmos resultados.

Magnetismo é uma palavra cuja origem cumpre remontar a uma época incrivelmente antiga. A pedra chamada magnete derivaria seu nome, como muitos acreditam, de Magnésia, uma cidade ou distrito da Tessália, onde essas pedras eram encontradas em abundância. Acreditamos, contudo, que a opinião dos hermetistas é correta. A palavra *magh, magus,* deriva do sânscrito *mahat*, o *grande* ou o *sábio* (o ungido pela sabedoria divina). "Eumolpo é o fundador *mítico* dos eumolpidae (sacerdotes); os sacerdotes remontavam sua

própria sabedoria à Inteligência Divina". As várias cosmogonias mostravam que a Alma Universal era considerada por todas as nações como a "mente" do Criador Demiurgo, a *Sophia* dos gnósticos, ou o *Espírito Santo* como um *princípio feminino*. Como os magi derivaram seu nome daí, a pedra magnética, ou imã, foi assim chamada em sua honra, pois eles foram os primeiros a descobrir as suas maravilhosas propriedades. Seus templos espalhavam-se pelo país em todas as direções, e entre eles havia alguns templos de Hércules - daí a pedra, quando se divulgou que os sacerdotes a utilizavam para seus propósitos curativos e mágicos, ter recebido o nome de pedra magnética ou hercúlea. Sócrates, falando a seu respeito, assinala: "Eurípedes chama-a pedra magnética, mas o povo comum, pedra hercúlea." A terra e a pedra é que foram designadas de acordo com os magi, não os magi de acordo com ambos. Plínio informa-nos que o anel nupcial dos romanos era magnetizado pelos sacerdotes antes da cerimônia. Os antigos historiadores pagãos mantiveram cuidadosamente o silêncio sobre certos mistérios do "sábio" (magi), e Pausânias foi advertido por um sonho, diz ele, a não revelar os ritos sagrados do tempo de Deméter e Perséfone em Atenas.

A ciência moderna, depois de ter inutilmente negado o *magnetismo animal,* viu-se obrigada a aceitá-lo como um fato. Hoje ele é uma propriedade reconhecida da organização humana ou animal; quanto à sua influencia oculta, psicológica, as Academias lutam contra ela, em nosso século, mais ferozmente do que nunca. Isto é mais lamentável do que surpreendente, pois os representantes da "ciência exata" são incapazes de nos explicar, ou mesmo de nos oferecer algo como um hipótese razoável para a inegável potência misteriosa contida num simples imã. Começamos a ter diariamente provas de que esta potências sustentam os mistérios teúrgicos e, portanto, poderiam talvez explicar as faculdades ocultas que os antigos e os modernos teurgistas possuíam como um de seus mais extraordinários efeitos. Tais foram os dons transmitidos por Jesus a alguns de seus discípulos. No momento de suas curas miraculosas, o Nazareno sentia que um *poder* saía de si. Sócrates, em seu diálogo com Theages, falando-lhe de seu deus familiar (demônio), e de seu poder de comunicar a sua (de Sócrates) sabedoria aos discípulos ou de impedi-lo de reparti-la com as pessoas com quem se associava, aduz a seguinte passagem em corroboração às suas palavras: "Eu te contarei, Sócrates", diz Aristides, "uma coisa incrível, mas, pelos deuses, uma verdade. Beneficiei-me quando me associei a ti, mesmo se eu apenas estava na mesma casa, embora não na mesma sala; porém mais ainda, quando eu *estava na mesma sala* (...) e muito mais quando eu *te olhava* (...). Mas eu me beneficiei muito mais quando eu me sentava próximo de ti e *te tocava"*.

Tal é o Magnetismo e o Mesmerismo moderno de Du Potet e outros mestres, que, quando submetem uma pessoa à sua influência *fluídica*, podem comunicar-lhe todos os seus pensamentos, ainda que à distância, e com um poder irresistível forçar seus pacientes a obedecerem suas ordens *mentais*. Mas como essa força psíquica era mais bem conhecida entre os antigos filósofos! Podemos vislumbrar alguma informação sobre esse assunto desde as mais antigas fontes. Pitágoras ensinava a seus discípulos que Deus é a *mente* Universal difundida através de todas as coisas, e que esta mente, apenas pela virtude de sua identidade universal, poderia comunicar-se de um objeto a outro e criar as coisas apenas pela força de vontade do homem. Para os antigos gregos, *Kurios* era a Mente de Deus *(Nous)*. "Ora, Koros [Kurios] significa a natureza pura e imaculada do intelecto - a sabedoria", diz Platão. Kurios é Mercúrio, a Sabedoria Divina, e "Mercúrio é o Sol", do qual Thor-Hermes recebeu esta sabedoria divina, a qual, por sua vez, ele comunicou ao mundo em seus livros. Hércules é também o Sol - o celeiro celestial do magnetismo universal: ou antes, Hércules é a luz magnética que, tendo feito seu caminho através do "olho aberto do céu", penetra as regiões do nosso planeta e assim se torna o Criador. Hércules executa os doze trabalhos, valente Titã! Chamam-no "Pai de Tudo" e "autonascido" *(autophuês)*. Hércules, o Sol, é morto pelo Demônio. Tífon como Osíris, que é o pai e o irmão de Hòrus, e ao mesmo tempo é idêntico a ele; e não devemos esquecer que o imã chamava-se o "osso de Hórus", e o ferro, o "osso de Tífon". Chamam-no "Hércules *Invictus* apenas quando ele desce ao Hades (o jardim subterrâneo), e, colhendo as "maçãs douradas" da "árvore da vida", mata o dragão. O poder titânico bruto, o "revestimento" de todo deus solar, opões a força da matéria cega ao espírito divino, que tenta harmonizar todas as coisas da Natureza.

O SOL OCULTO

Todos os deuses solares, com seu símbolo, o Sol Visível, são os criadores da natureza *física*, apenas. A *espiritual* é obra do Deus Superior - o SOL Oculto, Central e Espiritual, e de seu Demiurgo - a Mente Divina de Platão, e a Sabedoria Divina de Hermes Trimegistro - a sabedoria emanada de Olam ou Cronos.

"Após a distribuição do fogo puro, nos mistérios samotrácios, uma nova vida começava". Era esse o "novo nascimento" a que alude Jesus em seu diálogo noturno com Nicodemos. "Iniciados nos mais sagrados de todos os mistérios, purificando-nos (...) tornamo-nos justo e santos com sabedoria." "Soprou sobre eles e lhes disse: 'Recebi o Santo *Pneuma*' (Alento; vento; ar, alma, espírito; voz; a síntese dos sete sentidos.) E este

simples ato de força de vontade era suficiente para comunicar o dom da profecia em sua forma mais nobre e mais perfeita se o instrutor e o iniciado fossem dignos dele. Ridicularizar este dom, mesmo em seu atual aspeto, "como a oferenda corrupta e os restos prolongados de uma antiga época de superstição, e apressadamente condená-lo como indigno de uma sóbria investigação, seria tão errado quanto poucos filosófico", assinala o Rev. J.B. Gross. "Remover o véu que oculta nossa visão do futuro, sempre se tentou em todas as idades do mundo; e daí a propensão para investigar os arcanos do tempo, considerada como uma faculdades da mente humana, vir recomendada até nós sob a sanção de Deus. (...) Zuínglio, o reformado suíço, atribuía compreensão de sua fé na providência de um Ser Supremo à doutrina cosmopolita de que o Espírito Santo não foi inteiramente excluído da parte mais digna do mundo pagão. Admitindo que isso seja verdade, não podemos conceber facilmente uma razão válida para que um pagão, uma vez favorecido, não fosse capaz da verdadeira profecia."

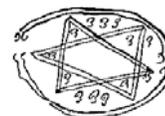
A SUBSTÂNCIA PRIMORDIAL QUE TUDO CONTÉM. **(L. 1 pág. 207).**

Pois bem, o que é essa substância mística, primordial? No livro *Gênese*, no começo do primeiro capítulo, ela é designada como a "face das águas", sobre a qual, se fiz, flutuava o "Espírito de Deus". Jó menciona, no cap. XXVI, 5, que "a alma dos mortos tremem debaixo das águas com seus habitantes". No texto original, em lugar de "almas mortas", está escrito *Rephaim* (gigantes, ou homens primitivos poderosos) mortos, de cuja "Evolução" se poderá um dia traçar a nossa presente raça. Na mitologia egípcia, Kneph, o Deus Eterno *não-relado*, é representado por um emblema serpentino da eternidade que circunda uma urna aquática, com sua cabeça que plana sobre as águas, que ele incuba com o seu hábito. Neste caso, a serpente é o *Agathodaemôn*, o espírito bom; em seu caráter oposto é *Kakodaimôn* - o espírito mau. No *Eddas* escandinavo, o maná - o alimento dos deuses e das ativas e criativas *Yggdrasill* (abelhas) - corre durante as horas da noite, quando a atmosfera está impregnada de umidade; e nas mitologias do Norte, como o princípio passivo da criação, ela simboliza a criação do universo *a partir da água*; este maná é a luz astral em uma de suas combinações e possui propriedades tanto criativas como destrutivas. Na lenda caldaica de Berosus, Oannes ou Dagon, o homem-peixe, ao instruir o povo, mostra o mundo incipiente criado das *águas* e todos os seres que se originaram dessa *prima matéria*. Moisés ensina que apenas a terra e a *água* podem produzir uma alma viva; e lemos nas Escrituras que as ervas não podiam crescer antes que o Eterno fizesse *chover* sobre a Terra. No *Popol-Vuh* quíchua, o homem é criado do *mud*, argila *(terra glaise)*, retirado de sob as águas. Brahmâ cria Lomasa, o grande muni (ou primeiro homem), sentado sobre lótus, apenas depois de ter chamado à vida os *espíritos*, que estão gozando entre os mortais de uma prioridade de existência, e ele o cria da água, do ar e da terra. Os alquimistas afirmam que a Terra primordial ou pré-adâmica, quando reduzida à sua substância primeira, é em seu *segundo* estágio de transformação como a água límpida, sendo o primeiro degrau o *alkahest* propriamente dito. Afirma-se que esta substância primordial contém em si a essência de tudo o que contribui para a formação do homem; ela tem não apenas todos os elementos de seu ser físico, mas também o próprio "sopro de vida" num estado latente, pronto para ser despertado. Isto ela recebe da "incubação" do Espírito de Deus sobre a face das águas - o caos; de fato, esta substância é o próprio caos. Paracelso afirmou ser capaz de com ela criar os seus *homunculi;* e eis por que Tales, o grande filósofo natural, sustentava que a *água* era o princípio de todas as coisas da Natureza. O que é esse caos primordial senão o éter. O *moderno* éter; não tal como é conhecido por nossos cientistas, mas tal como *era* conhecido pelos antigos filósofos, muito tempo antes de Moisés; éter, como todas as suas propriedades misteriosas e ocultas, que contém em si os germes da criação universal; Éter, a virgem celeste, a mãe espiritual de toda forma e ser existentes, de cujo seio, assim que são "incubadas" pelo Espírito Divino, nascem a matéria e a vida, a força e a ação. Eletricidade, magnetismo, calor, luz e ação química são tão pouco conhecidos, mesmo agora que fatos recentes estão constantemente alargando o círculo de nosso conhecimento! Quem sabe onde termina o poder desse gigante protéico - éter; ou onde está a sua misteriosa origem? Quem, queremos saber, nega o espírito que age nele e dele extrai todas as formas visíveis?

É uma tarefa fácil mostrar que as lendas cosmogônicas espalhadas por todo o mundo baseiam-se nos conhecimentos que os antigos possuíam a respeito das ciências que hoje se aliaram para apoiar a doutrina da evolução; e que pesquisas posteriores poderão demonstrar que eles estavam mais familiarizados com o fato da própria evolução, nos seus dois aspectos, físico e espiritual, do que nós hoje. Para os filósofos antigos, a evolução era um teorema universal, uma doutrina que abrangia o *todo*, e um princípio estabelecido; enquanto os nossos modernos evolucionistas são capazes de apresentar apenas teorias especulativas; teoremas *particulares*, senão totalmente *negativos*.

A UNIFORMIDADE DA ALEGORIA DA ÁGUA E DO ESPÍRITO. **(L.1.pág.208).**

Um fato, pelo menos, está provado: não existe um único fragmento cosmogônico, pertença à nação que for, que não sustente por sua alegoria universal da água e do espírito que plana sobre ela, do mesmo modo que os nossos físicos modernos que o universo se originou do nada; pois todas as suas lendas começam com aquele período em que os vapores nascentes e a obscuridade cimeriana planavam sobre a massa fluida preste a começar a sua jornada de atividade ao primeiro sopor DELE, que é o PRINCÍPIO NÃO REVELADO. Elas O sentem, se não O vêem. Suas intuições espirituais ainda estavam tão obscurecidas por sutis sofismas dos séculos precedentes como o está o nosso próprio agora. Se elas falavam menos da época siluriana que se desenvolveu lentamente no mamaliano, e se o tempo cenozóico foi lembrado apenas pelas várias alegorias do homem primitivo - o Adão de nossa raça -, isso é apenas uma prova negativa de que esses "sábios" e mestres não conheciam tão bem quanto nós esses períodos sucessivos. Nos dias de Demócrito e Aristóteles o ciclo já tinha começado a entrar em seu caminho descendente de progresso. E se esses dois filósofos pudessem discutir tão bem a teoria atômica e remontar o átomo ao *ponto* material ou físico, seus ancestrais devem ter ido mais longe.

Não é apenas dos livros mosaicos que pretendemos retirar as provas para os nossos argumentos ulteriores. Os antigos judeus tiraram todo o seu conhecimento - tanto religiosos quanto profano - das nações com as quais se tinham mesclado nos períodos mais remotos. Mesmo a mais antiga de todas as ciências, a sua "doutrina secreta" cabalística, pode ser acompanhada em todos os detalhes até a sua fonte primeira, a Índia Superior, ou o Turquestão, muito antes da época da separação distinta entre as nações arianas e semitas. O rei Salomão, tão celebrado pela posteridade, como diz Josefo, o historiador, por suas habilidades mágicas, recolheu o seu conhecimento secreto da Índia, através de Hirão, o rei de Ofir, e talvez de Sabá. Seu anel, conhecido comumente como o "selo de Salomão", tão celebrado pelo poder de sua influência sobre as várias espécies de gênios e demônios, é igualmente de origem hindu. Escrevendo sobre as pretensas e abomináveis habilidades dos "adoradores de demônios" de Travancore, o Rev. Samuel Mateer, da Sociedade das Missões de Londres, afirma, ao mesmo tempo, estar de posse de um antiquíssimo volume manuscrito de encantamentos mágicos e de sortilégios em língua malayâlam, que dá instruções para realizar uma grande variedade de fenômenos. Ele acrescenta, naturalmente, que "muitos deles são *terríveis* em sua malignidade e obscuridade", e dá em sua obra o fac-símile de alguns amuletos que trazem figuras e desenhos mágicos. Encontramos entre eles um com a seguinte legenda: "Para remover o tremor resultante da possessão demoníaca - desenhe esta figura sobre uma planta que tem seiva leitosa, e atravesse um prego nela; o tremor cessará". A figura é o próprio *selo* de Salomão, ou o duplo triângulo dos cabalistas.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A VONTADE. **(L. 1. pág. 210).**

Éliphas Lévi, o mago moderno, descreve a luz astral na seguinte frase: "Dissemos que para adquirir o poder mágico duas coisas são necessárias: libertar a vontade de toda servidão, e prática-la sob controle".

"A vontade soberana é representada em nossos símbolos pela mulher que esmaga a cabeça da serpente, e pelo anjo resplandecente que domina o dragão, e o mantém sob os seus pés e sob a lança; o grande agente mágico, a corrente dual de luz, *o fogo* vivo e astral da Terra, foi representado nas teogonias antigas pela serpente com a cabeça de um touro, de um carneiro ou de um cão. É a serpente dupla do *caduceu,* é a antiga serpente do *Gênese*, mas é também a *serpente bronzeada de Moisés* enrolada em torno do *tau*, vale dizer, do *lingam* gerador. É também o bode do sabá das feiticeiras, e o Baphomet dos Templários; é o *Hylé* dos Gnósticos; é a cauda dupla da serpente que forma as pernas do galo solar de Abraxas; finalmente, é o Demônio de Eudes de Mirville. Mas na verdade é a força cega que as almas devem vencer para libertar a si mesma dos limites da Terra, pois se a sua vontade não as liberta "de sua *fatal atração,* elas serão absolvidas na corrente pela força que as produziu, e *retornarão ao fogo central e eterno.*"

Esta figura de linguagem cabalista, não obstante a sua estranha fraseologia, é precisamente a mesma que Jesus utilizava; e em sua mente ela não poderia ter outro significado que não aquele atribuído pelo gnósticos e pelos cabalistas. Mais tarde os teólogos cristão interpletaram-nas de modo diferente, e para eles ela se tornou a doutrina do inferno. Literalmente, contudo, ela significa simplesmente o que diz - a luz astral, ou o gerador e o destruidor de todas as formas.

"Todas as operações mágicas", prossegue Lévi, "consistem em libertar-se dos laços da antiga serpente; portanto, em colocar o pé sobre sua cabeça e conduzi-la de acordo com a vontade do operador. 'Eu te direi', diz a serpente, no mito evangélico, 'todo os reinos da Terra, se te prosternares e me adorares.' O iniciado deveria replicar-lhe: 'Eu não me prosternarei, mas tu cairás aos meus pés; tu nada me darás, mas eu te usarei e obterei tudo que desejar. Pois *eu sou o Senhor e Mestre!*'. Este é o sentido verdadeiro da resposta

ambígua dada por Jesus ao tentador. (...) Portanto, o Demônio não é uma entidade. É uma força errante, como o próprio nome indica. Uma *corrente ódica ou magnética* formada por uma cadeia (um círculo) de desejos perniciosos, criadora deste espírito demoníaco que o Evangelho chama de *legião*, e que força uma horda de porcos a se jogar no mar - outra alegoria evangélica mostrando como as naturezas baixas podem ser conduzidas temerariamente pelas forças cegas postas em movimento pelo erro e pelo pecado."

EXPERIÊNCIAS DOS FAQUIRES. (L.1.pág.211).

Em sua extensa obra sobre as manifestações místicas da natureza humana, o naturalista e filósofo Maximilian Pertv dedicou todo um capítulo às *Formas modernas de magia*. "As manifestações da vida mágica", diz ele no *Prefácio*, " repousam em parte numa ordem de coisas diferente da natureza com a qual estamos familiarizados, com tempo, espaço e causalidade; esta manifestações só escassamente são experimentadas; elas podem ser evocadas a nosso convite, mas devem ser observadas e cuidadosamente seguidas sempre que ocorrem em nossa presença; podemos apenas agrupá-la analogicamente sob certas divisões, e deduzi-las dos princípios e leis gerais." Portanto, para o Prof. Perty, que pertence evidentemente à escola de Schopenhauer, a possibilidade e a *naturalidade* dos fenômenos que tiveram lugar na presença de Govinda Svâmin, o faquir, e que foram descritos por Louis Jacolliot, o orientalista, são totalmente demonstrados de acordo com esse princípio. O faquir era um homem que, através da completa sujeição da matéria de seu sistema corporal, atingia o estado de purificação no qual o espírito se torna quase inteiramente livre de sua prisão, e pode produzir maravilhas. Sua *vontade*, não, um simples desejo seu torna-se uma força criadora, e ele pode comandar os elementos e os poderes da Natureza. Seu corpo não é mais um entrave; por isso ele pode conversar "espírito a espírito, sopro a sopro". Sob suas palmas estendidas, uma semente, desconhecida para ele (pois Jacolliot a recolheu ao acaso, entre uma variedades de sementes, de um saco, e a plantou ele próprio, depois *marcá-la*, num vaso de flores), germinará instantaneamente, e abrirá seu caminho através do solo. Desenvolvendo em menos de duas horas um tamanho e um peso que, talvez, sob circunstâncias comuns, requereriam vários dias ou semanas, ela cresce miraculosamente sob os próprios olhos do experimentador perplexo, e confundindo todas as fórmulas aceita da Botânica. Trata-se de um milagre? De modo algum; pode sê-lo, talvez, se tornarmos a definição de Webster, segundo a qual o milagre é "todo evento contrário à constituição *estabelecida* e ao curso das coisas - um desvio das leis *conhecidas* da Natureza". Mas estarão os nossos naturalistas preparados para defender a afirmação de que o que eles *estabeleceram* uma vez pela observação é infalível? Ou que *todas* as leis da Natureza lhes são conhecidas? Neste caso, o "milagre" é de uma ordem um pouco *mais* elevada que as atuais experiências bem conhecidas do Gen. Pleasontom, da Filadélfia. Enquanto a vegetação e os frutos de suas vinhas foram estimulados a uma incrível atividade pela luz violeta, o fluído magnético que emanava das mãos do faquir efetuava mudanças mais intensas e rápidas na função vital das plantas indianas. Ele atraiu e concentrou o *Âkasa*, ou princípio vital, no germe. Seu magnetismo, obedecendo à sua vontade, dirigiu o *Âkasa* numa corrente concentrada através da planta em direção às suas mãos, e, mantendo um fluxo ininterrupto pelo espaço de tempo necessário, o princípio vital da planta construiu célula após célula, camada após camada, com extraordinária atividade, até que a obra se completasse. O princípio vital é apenas uma força cega que obedece a uma influência controladora. No curso ordinário da Natureza, o protoplasma da planta a teria concentrado e dirigido numa certa velocidade estabelecida. Esta velocidade poderia ter sido controlada pelas condições atmosféricas predominantes, sendo o seu crescimento rápido ou lento, e, na haste e na ponta, na proporção do grau de luz, calor e umidade da estação. Mas o faquir, vindo em auxílio da Natureza com sua vontade poderosa e o espírito purificado do contato com a matéria, condensada, por assim dizer, a essência da vida da planta em seus germes, e força-a a amadurecer antes do tempo. Ao ser totalmente submetida à sua vontade, esta força cega obedece-a servilmente. Se ele escolhe *imaginar* a planta como um monstro, ela seguramente se tornara um, como cresceria ordinariamente em sua forma natural, pois a imagem concreta - escrava do modelo subjetivo desenhado na imaginação do faquir - é forçada a seguir o original em seus mínimos detalhes, como a mão e o pincel do pintor seguem a imagem que copiam de sua mente. A vontade do faquir mágico forma uma invisível mas, para ele perfeitamente objetiva matriz, na qual a matéria vegetal é forçada a se depositar e a assumir a forma fixada. A vontade cria, pois a vontade em movimento é força, e a força produz *matéria*.

Se algumas pessoas objetarem à explicação alegando que o faquir não poderia, de modo algum, criar o modelo em sua imaginação, uma vez que Jacolliot não o informou sobre a espécie de semente que havia selecionado para a experiência, a elas respondemos que o espírito do homem é como o do seu Criador - onisciente em sua essência. Enquanto em seu estado natural o faquir *não* conhecia e não *poderia* conhecer se era a semente de um melão ou de qualquer outra planta, uma vez em transe, consequentemente, morto

corporalmente a toda percepção exterior, o espírito, para o qual não existem distância, obstáculos materiais, nem espaço ou tempo, não experimentou dificuldade alguma para perceber a semente de melão, estivesse ela profundamente enterrada na terra do vaso ou refletida na mente de Jacolliot. Nossas visões, presságios e outros fenômenos psicológicos, todos os quais existem na Natureza, corroboram o fato acima mencionado.

Faríamos bem talvez em responder agora a uma outra objeção pendente. Os *prestidigitadores* indianos, dir-nos-ão, fazem o mesmo, e tão bem quanto o faquir, se podemos acrescentar nos jornais e nas narrativas dos viajantes. Sem dúvida; no entanto, esses prestidigitadores ambulantes não são nem puros em seus modos de vida nem considerados santos por ninguém; nem pelos estrangeiros nem pelo seu próprio povo, pois são *feiticeiros*; homens que praticam a *arte negra*. Enquanto um homem santo como Govinda Svâmin requer apenas a ajuda de sua própria alma divina, estritamente unida ao espírito astral, e a ajuda de alguns poucos *pitris* familiares - seres puros, etéreos, que se agrupam em trono de seu irmão eleito em carne -, o feiticeiro só pode invocar para a sua ajuda aquela espécie de espíritos que conhecemos como elementais. Os semelhantes se atraem; e a ambição por dinheiro, propósitos impuros e desígnios egoístas não podem atrair outros espíritos senão os espíritos que os cabalistas judeus conhecem com *klippoth*, habitantes de *Asiah*, o quarto mundo, e os mágicos orientais como *afrits,* ou espíritos elementais do erro, ou *daêvas* (Ou Devas, Demônio ou mau gênio dotado de grande poder).-

O QUE É A VONTADE? (L.1.pág.215).

O que é a VONTADE? A "ciência exata" pode dizê-lo? Qual é a natureza desse algo inteligente, intangível e poderoso que reina soberanamente sobre toda matéria inerte? A grande Idéia Universal desejou, e o Cosmo veio à existência. Eu quero, e meus membros obedecem. Eu *quero*, e meu pensamento, ao atravessar o espaço, que não existe para ele, abarca o corpo de um outro indivíduo que não é uma parte de mim, penetra por seus poros, e substituindo suas próprias faculdades, se são mais fracas, força-o a uma ação predeterminada. Age como o fluído de uma bateria galvânica sobre os membros de um cadáver. Os misteriosos efeitos de atração e repulsão são os agentes *inconscientes* dessa vontade; a fascinação, tal como a que vemos exercida por alguns animais, tal qual as serpentes sobre pássaros, é uma ação *consciente* dela, e o resultado do pensamento. Cera, vidro, âmbar, quando esfregado, e, quando o calor latente que existe em toda substância é despertado, atraem corpos luminosos; eles exercem inconscientemente a *vontade* pois a matéria inorgânica, assim como a orgânica, possui uma partícula da essência *divina* em si, por mais infinitesimalmente pequena que seja. E como poderia sê-lo de outro modo? Ainda que no curso de sua evolução tenha passado do princípio ao fim por milhões de formas diversas, ela deve sempre reter o germe inicial da *matéria preexistente,* que é a primeira manifestação e emanação da própria Divindade. O que é então esse poder inexplicável da atração, a não ser uma porção atômica daquela essência que os cientistas e os cabalista reconhecem igualmente como o "princípio da vida" - o *Âkasa.* Admite-se que a atração exercida por tais corpos seja cega; mas, se acendermos mais e mais na escala dos seres orgânicos da Natureza, encontramos este princípio de vida desenvolvendo atributos e faculdades que se tornam mais determinados e mais característicos a cada degrau dessa escala sem fim. O homem, o mais perfeito dos seres organizados sobre a Terra, em quem a matéria e o espírito - a vontade - são mais desenvolvidos e poderosos, é o único ao qual se concedeu um impulso consciente para aquele princípio que emana dele. Apenas ele pode comunicar ao fluído magnético impulsos opostos e diversos em limites quanto à direção. "Ele quer", diz Du Petet, "e a matéria *organizada* obedece. *Ela não tem pólos.*"

Diz Cabanis, a razão se desenvolve exclusivamente às expensas do instinto natural, tornando-se uma espécie de muralha chinesa que se ergue lentamente no solo dos sofismas e, finalmente, exclui as percepções espirituais do homem, de que o instinto é um dos mais importantes exemplos. Chegando a certos estágios de prostração física, quando a mente e as faculdades raciocinantes parecem paralisadas pela fraqueza e pela exaustão física, o instinto - a *unidade* espiritual dos cincos sentidos - vê, ouve, toca e cheira, inalterado pelo tempo ou pelo espaço. Que sabemos dos limites exatos da ação mental? Como pode um médico pretender distinguir os sentidos reais dos imaginários em um homem cujo corpo, já exaurido de sua vitalidade habitual, deseja viver espiritualmente e se sente verdadeiramente incapaz de impedir a alma de evolar-se de sua prisão?

A LUZ DIVINA. (L.1.pág.216).

A luz divina através da qual, desimpedida pela matéria, a lama percebe coisas passadas, presentes e futuras, como se os seus raios se refletissem num espelho; o golpe mortal desferido num instante de violenta raiva ou clímax de um ódio longamente inflamado; a bênção enviada por um coração reconhecido ou benévolo; e a maldição lançada contra um objeto - ofensor ou vítima -, tudo deve passar através desse agente universal, que, sob um impulso, é o sopro de Deus, e sob outro - o veneno do demônio. Ele foi *descoberto* (?)

pelo Barão Reichenbach e chamado de OD, não podemos dizer se intencionalmente ou não, mas é singular que se tenha escolhido um nome que é mencionado nos livros mais antigos da Cabala.

Emepht o Princípio Primeiro e Supremo, engendrou o Ovo e depois de incuta-lo impregnando-o de sua própria essência, desenvolveu-se o germe do qual nasceu *Ptah* o ativo e criador princípio que iniciou sua obra. Da expansão infinita da matéria cósmica, que se formara sob seu alento, ou de sua *vontade*, esta matéria cósmica, luz astral, éter, bruma ígnea, princípio de vida - pouco importa o nome que lhe dermos -, este princípio criador, ou, como a nossa moderna filosofia o designa, lei da evolução, colocando em movimento as potências nele latentes, formou sóis e estrelas, e satélites; controlou sua localização pela lei imutável da harmonia, e povoou-os "com todas as formas e qualidades de vida". Nas antigas mitologias orientais, o mito cosmogônico diz que não havia senão água (O Pai) e o Limo Prolífero (A Mãe, *Ilus ou Hylê*), do qual proveio a serpente cósmica - a *matéria.* Era o deus *Phanes*, o deus revelado, a Palavra ou Logos. A boa vontade com que este mito foi aceito, até mesmo pelos cristãos que compilaram o Novo Testamento, pode ser inferida pelo seguinte fato: Phanes, o deus revelado, é representado neste símbolo da serpente como um *Protogonos,* um ser provido das cabeças respectivas de um homem, um falcão ou águia, um touro - *taurus* - e um leão, com asas em ambos os lados. As cabeças referem-se ao zodíaco, e representam as quatro estações do ano, pois a serpente *Cósmica* é o ano *Cósmico*, ao passo que a própria serpente é o símbolo de *Kneph,* o Deus imanifestado, o Pai. O tempo é alado, por isso a serpente é representada com asas. Se lembrarmos que cada um dos quatro evangelistas é representado tendo próximo de si um dos animais mencionados - agrupados em conjunto ao selo de Salomão e no pentagrama de Ezequiel, e reencontrados nos quatro querubins ou esfinges da Arca da Aliança -, compreenderemos talvez o significado secreto assim como a razão por que os primeiros cristão dotaram este símbolo; e por que os atuais católicos romanos e os gregos da Igreja oriental costumam representar os quatro evangelistas com os respectivos animais simbólicos. Compreenderemos também por Irineu, bispo de Lyon, insistia tanto na necessidade de haver um *quarto* evangelho, explicando que *quatro* são as zonas do mundo, e quatro os ventos principais provindos dos quatro pontos cardiais, etc.

Segundo um dos mitos egípcios, a forma-fantasma da ilha de Chemmis *(Chemi,* Antigo Egito), que flutua sobre as ondas etéreas da esfera empírea, foi chamada à vida por Hórus-Apolo, o deus do Sol, que a fez evoluir do ovo cósmico.

No poema cosmológico do *Voluspâ* (a canção da profetiza), que contém as lendas escandinavas sobre a aurora mesma das idades, o germe-fantasma do universo é representado a repousar no *Ginnugagap* - ou a taça da ilusão, um abismo sem fim e vazio. Nessa matriz do mundo, inicialmente uma região de noite e desolação, *Nifelheim* (a região das nuvens), cai um raio de luz (éter), que se derramou sobre a taça e nela se congelou. Então, o Invisível assoprou um vento abrasador que dissolveu as águas congeladas e dissipou as nuvens. Estas águas, chamadas de correntes de *Elivâgar*, destiladas em gotas vivificantes, criaram, ao cair, a terra e o gigante *Ymir*, que tinha apenas "a aparência humana" (o princípio masculino). Com ele foi criada a vaca, *Aydhumla* (princípio feminino), de cujo úbere fluíram *quatro* correntes de leite, que se difundiram pelo espaço (a luz astral é a sua emanação mais pura). A vaca *Audhumla* produz um ser *superior,* chamado *Buri*, belo e poderoso, lambendo as pedras que estavam cobertas de *sal mineral*.

Ora, se levarmos em consideração que este mineral era universalmente considerado pelos antigos filósofos como um dos princípios formativos essenciais da criação orgânica; pelos alquimistas como o dissolvente universal, que, dizem eles, devia ser retirado da água; e por todo mundo, mesmo como é visto atualmente tanto pela ciência como pelas idéias populares, como um ingrediente indispensável para o homem e os animais - podemos compreender facilmente a sabedoria oculta desta alegoria sobre a criação do homem. Paracelso chama o sal "o centro da água, em que os metais devem morrer", etc.; e Van Helmont chama o *alkahest*, *"summum et felicissimum ommium salium"*, o mais bem logrado de todos os sais.

No *Evangelho segundo São Mateus,* diz Jesus: "Vós sois o *sal da terra:* mas se o sal se tornar insosso, com que o salgaremos?" e, prosseguindo a parábola, acrescenta: "Vós sois a *luz* do mundo" (V, 14). Isto é mais do que uma alegoria; essas palavras chamam a atenção para um sentido direto e inequívoco relativamente aos organismos espirituais e físicos do homem em sua natureza dupla, e mostram, ademais, um conhecimento da "doutrina secreta", de que encontramos traços diretos igualmente nas mais antigas e comuns tradições populares do Antigo e do Novo Testamento, e nos escritos dos místicos e dos filósofos antigos e medievais.

INTERPRETAÇÕES DE CERTOS MITOS ANTIGOS. (L.1.pág.218).

Mas voltemos à nossa lenda do *Edda. Ymir*, o gigante, adormece, e transpira abundantemente. Essa transpiração força a axila de seu braço esquerdo a gerar desse lugar um homem e uma mulher, enquanto o seu pé produz um filho para eles. Assim, enquanto a "vaca" mítica dá o ser a uma raça de homens espirituais

superiores, o gigante *Ymir* engendra uma raça de homens maus e depravados, os *Hrimthussar,* ou gigantes de gelo. Comparando esta notas com os *Vedas* hindus, encontramos, com ligeiras modificações, a mesma lenda cosmogônica em substância e detalhes. Brahmâ, assim que Bhagavat, o Deus Supremo, lhe concede poderes criativos, produz seres animados, inteiramente espirituais no princípio. Os *Devatâs,* habitantes da região do *Svarga* (celestial), são incapazes de viver na Terra; então Brahmâ cria os *Daityas* (gigantes, que se tornaram os habitantes do *Pâtâla,* as regiões inferiores do espaço), que também são capazes de habitar *Mrityuloka* (a Terra). Para remediar o mal, o poder criativo faz sair *de sua boca* o primeiro Brahaman, que então se torna o progenitor de nossa raça; de seu braço direito, Brahmâ cria *Kshatriya,* o guerreiro, e do esquerdo, *Kshatriyâni,* a consorte de *Kshatriya.* O filho de ambos, *Vaisya,* emana do pé direito do criador, e a sua esposa, *Vaisya,* do esquerdo. Enquanto na lenda escandinava Burr (o neto da Vaca *Audhumla*), um ser *superior*, desposa *Beisla*, uma filha da raça depravada de gigantes, na tradição hindu o primeiro Brahaman desposa *Daiteyi,* filha também da raça de gigantes; e no *Gênese* vemos os filhos de Deus tomando por esposas as filhas dos homens, e produzindo igualmente os poderosos homens da Antiguidade; todo o conjunto estabelece uma inquestionável identidade de origem entre o livro inspirado dos cristão, e as "fábulas" pagãs da Escandinávia e do Hindustão. As tradições de qualquer outra nação vizinha, se examinadas, apresentariam um resultado semelhante.

Qual o moderno cosmogonista que poderia condenar, num símbolo tão simples como o da serpente egípcia um círculo, um tal mundo de significados? Aqui temos, nesta criatura, toda a filosofia do universo: a matéria vivificada pelo espírito, e os dois produzindo conjuntamente do caos (Força) todas as coisas existentes. Para indicar que os elementos estão firmemente unidos nesta matéria cósmica, que a serpente simboliza, os egípcios dão um *nó* à sua causa.

Há um outro emblema, mais importante, relacionado à mudança de pele da serpente, que, se não nos enganamos, jamais foi anteriormente mencionado pelos nossos simbologistas. Como o réptil, depois de deixar sua pele, se torna livre do invólucro de matéria grosseira que o estorvava com um corpo grande demais, e retorna a sua existência com uma atividade renovada, assim o *homem, rejeitando o corpo material grosseiro, entra no próximo estágio de sua existência com poderes maiores e com vitalidade mais intensa.* Inversamente, os cabalistas caldeus relatam-nos que o homem primordial - que, ao contrário da teoria darwiniana, era mais puro, mais sábio e muito mais espiritual, como o mostram os mitos do *Buri* escandinavo, os *Devatâs* hindus, e os "filhos de Deus" mosaicos, numa palavra, de uma natureza muito superior à do homem da presente raça adâmica - tornou-se *desespiritualizado* ou contaminou-se com a matéria e, assim, pela primeira vez, recebeu o corpo carnal, que é caracterizado no *Gênese* no versículo profundamente significativo: "O Senhor Deus fez para o homem e sua mulher *túnicas de pele*, e os vestiu". A menos que os comentadores quisessem fazer da Causa Primeira um *alfaiate celestial,* o que poderiam estas palavras aparentemente absurdas significar, a não ser que o homem espiritual atingiu, através do progresso da involução, aquele ponto em que a matéria, predominando sobre o espírito e conquistando-o, transformou tal homem no homem físico, ou no segundo Adão, do segundo capítulo do Gênese?

Essa doutrina cabalística é elaborada mais amplamente no *Livro de Jasher* No cap. VII, estas vestes de pelo são colocadas por Noé na arca, depois de tê-las obtido por herança de Matusalém e Henoc, que as receberam de Adão e de sua mulher. Cam rouba-as de Noé, seu pai; dá-as "em segredo" a Cuch, que as esconde de seus filhos e irmãos e as passa a Nemrod.

Embora alguns cabalistas e mesmo alguns arqueólogos digam que "Adão, Henoc e Noé poderiam ser, na aparência externa, homens diferentes, eles eram na verdade a mesmíssima pessoa divina". Outros explicam que entre Adão e Noé intervieram muitos ciclos. Isto quer dizer que cada um dos patriarcas antediluvianos figurava como representante de uma raça que teve seu lugar numa sucessão de ciclos; e que cada uma dessas raças era menos espiritual do que a precedente. Assim, Noé embora um homem bom, não poderia sustentar a comparação com seu ancestral, Henoc, que "caminhou com Deus e não morreu". Daí a interpretação alegórica que faz Noé receber sua túnica de pele por herança do segundo Adão e de Henoc, mas não vesti-la ele próprio, pois, de outro modo, Cam não poderia roubá-la. Mas Noé e seus filhos atravessaram o dilúvio; e enquanto o primeiro pertencia à antiga e ainda espiritual geração antediluviana, já que ele foi selecionado entre toda a Humanidade por sua pureza, os seus filhos eram *pós*-diluvianos. A túnica de pele recebida "em segredo" -, quando a sua natureza espiritual começou a ser maculada pela matéria - por Cuch passou a Nemrod o mais poderoso e forte dos homens físicos posteriores ao dilúvio - o último remanescente dos gigantes antediluvianos.

Na lenda escandinava, *Ymir,* o gigante, é morto pelos filhos de *Burr,* e as correntes de sangue que fluíram de suas feridas eram tão copiosas que afogaram toda a raça de gigantes de gelo e neblina, e só *Bergelmir* que pertencia a esta raça, se salvou com sua mulher, refugiando-se num barco, o que lhes permitiu

perpetuar um novo ramo de gigantes do velho tronco. Mas todos os filhos de *Burr* escaparam ilesos da inundação.

Quando se decifra o simbologismo dessa lenda diluviana, percebe-se imediatamente o verdadeiro sentido da alegoria. O gigante *Ymir* simboliza a primitiva *matéria* orgânica bruta, as forças cósmicas cegas, em seu estado caótico, antes de receberam o impulso inteligente do Espírito Divino que as pôs em movimento regular e dependente das leis imutáveis. A progênie de *Buri* são os "filhos de Deus", ou os deuses menores mencionados por Platão no *Timeu*, que foram incumbidos, como diz, da criação dos homens, pois vemo-los tomando os restos dilacerados de Ymir do Ginnungagap, o abismo caótico, e empregando-os na criação de nosso mundo. Seu sangue vai formar os oceanos e os rios; seus ossos, as montanhas; seus dentes, as rochas e os penhascos; seus cabelos, as árvores, etc., ao passo que seu crânio forma a abóbada celeste, mantida por quatro colunas que representam os quatro pontos cardiais. Das sobrancelhas de *Ymir* originou-se a futura morada do homem - Midgard. Esta morada (a Terra), diz o *Edda,* deve, para ser corretamente descrita em todas as menores particularidades, ser concebida redonda como um anel, ou um disco, flutuando no meio do Oceano Celestial (Éter). É circundada por *Joumungand,* a gigante *Midgard* - ou a Serpente da Terra, que mantém a cauda em sua boca. É a serpente cósmica, matéria e espírito produto combinado e emanação de *Ymir*, a grosseira matéria rudimentar, e do espírito dos "filhos de Deus", que moldou e criou todas as formas. Esta emanação é a luz astral dos cabalistas, e o ainda problemático e pouco conhecido éter, ou o "agente hipotético de grande elasticidade" de nosso físico.

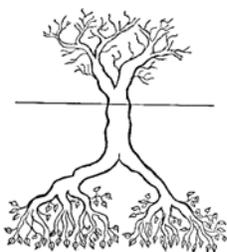
Graças à mesma lenda escandinava da criação da Humanidade, pode-se inferir o quanto estavam os antigos seguros da doutrina da trina natureza humana. Segundo o *Voluspâ, Odin, Honer e Lodur*, que são os progenitores de nossa raça, encontraram em um de seus passeios nas praias do oceano dois bastões flutuando sobre as ondas, "impotentes e sem destino". *Odin* soprou-lhes o alento da vida; *Honer* concedeu-lhes alma e movimento; e 'Lodur, beleza, linguagem, inteligência e audição. Deram ao homem o nome de *Askr* - o freixo - e à mulher o de *Embla* - o amieiro. Estes primeiros homens foram colocados em *midgard* (jardim do meio, ou Éden) e herdaram, de seus criadores, a matéria ou vida inorgânica; a mente, ou a alma; e o espírito puro; a primeira correspondendo àquela parte de seu organismo que nasceu dos restos de *Ymir*, o gigante-matéria; a segunda, de Aesir, ou deuses, descendentes de *Buri*; de o terceiro, de *Vaner*, ou representante do espírito puro.

Quem é capaz de estudar cuidadosamente as religiões antigas e os mitos cosmogônicos sem perceber que esta semelhança marcante de concepções, em sua forma exotérica e espírito esotérico, não resulta de uma simples coincidência, mas manifesta um propósito convergente? Isto mostra que já naquelas épocas, que foram excluídas de nossos olhos pela névoa impenetrável da tradição, o pensamento religioso se desenvolveu com uma simpatia uniforme em todas as porções do globo. Os cristãos chamam essa adoração da natureza em suas verdades mais ocultas de Panteísmo. Mas se este, que reverência e nos revela Deus no espaço em sua única forma objetiva possível - a da natureza visível -, lembra perfeitamente a Humanidade daquele que a criou, e uma religião de dogmatismo religioso apenas serve para ocultá-lo mais e mais de nossos olhos, qual dentre ambos está mais bem-adaptado às necessidades da Humanidade?

A ciência moderna insiste na doutrina da evolução; a razão e a "doutrina secreta" fazem o mesmo, e a idéia é corroborada pelas lendas e mitos antigos, e mesmo pela própria Bíblia que se lê nas entrelinhas. Vemos uma flor desenvolver-se lentamente de um bastão e o bastão da sua semente. Mas de onde provêm esta, com todo o seu programa predeterminado de transformação física, e suas forças invisíveis, portanto *espirituais*, que desenvolvem gradualmente sua forma, cor e odor? A palavra *evolução* fala por si. O germe da atual raça humana deve ter preexistido na origem desta raça, como a semente, na qual repousa oculta a flor do próprio verão, desenvolveu-se na cápsula de sua flor-mãe; a mãe pode não diferir senão *ligeiramente,* mas eles ainda difere de sua futura progênie. Os ancestrais antediluvianos dos elefantes e dos lagartos atuais foram, o mamute e o plesiossáurio; por que os progenitores de nossa raça humana não poderiam ter sido os "gigantes" dos *Vedas,* do *Voluspâ* e do livro *Gênese*? Se é positivamente absurdo acreditar que a "transformação das espécies" tenha ocorrido de acordo com alguns dos pontos de vista mais materialista dos evolucionistas, é simplesmente natural pensar que cada gênero, a começar dos moluscos e terminando com o homem-macaco, se modificou a partir de sua própria forma primordial e distinta. Supondo-se que concordemos em que "os animais descenderam no máximo de apenas quatro ou cinco progenitores"; e que mesmo *à la rigueur* "todos os seres orgânicos que já viveram sobre *esta Terra* descenderam de alguma forma primordial única"; ainda assim, somente um materialista cego com uma pedra, ou completamente desprovido de intuição, pode seriamente esperar ver "no distante futuro (...) a psicologia estabelecida sobre uma nova base, a da aquisição necessária e por degraus de todos os poderes e capacidades mentais".

O homem físico, enquanto produto da evolução, pode ser deixado nas mãos do homem da ciência exata. Ninguém, não ser ele, pode esclarecer a origem *física* da raça. Mas devemos positivamente negar ao materialista o mesmo privilégio no que respeita à evolução psíquica e espiritual do homem, pois *nenhuma* evidência conclusiva pode demonstrar que ele e suas faculdades superiores são "produtos da evolução, tal como a planta mais humilde e o verme mais ínfimo".

A EVOLUÇÃO DA TEORIA HINDU. **(L.1.pág.222).**

Isto posto, mostraremos agora a hipótese da evolução dos antigos brâmanes, tal como eles lhe deram corpo na alegoria da árvore cósmica. Os hindus representam a sua árvore mítica, que chamam *Asvattha*, de uma forma que difere da dos escandinavos. Figura extraída do Livro O Homem, Deus e o Universo.

Os hindus a descrevem crescendo ao contrário, os ramos estendendo-se para baixo e as raízes para cima; aqueles caracterizam o mundo externo dos sentidos, o universo cósmico visível, e estas, o mundo invisível do espírito, porque as raízes têm sua *gênese* nas regiões celestes, onde a Humanidade, desde a criação do mundo, colocou a sua divindade invisível. Como a energia criativa se originou nesse ponto primordial, os símbolos religiosos de todos os povos são igualmente ilustrações dessa hipótese metafísica exposta por Pitágoras, Platão e outros filósofos. "Estes caldeus," diz Fílon, "opinavam que o Cosmos, entre as coisas que existem, é um simples ponto, que é ele próprio ou Deus (Theos) ou o que nele é Deus, e compreende a alma de toda as coisas."

A Pirâmide egípcia também representa simbolicamente esta idéia da árvore cósmica. Seu ápice é o elo místico entre o céu e a terra, e sustenta a raiz, ao passo que a base representa os ramos espalhados que se estendem pelos quatro pontos cardiais do universo da matéria. Ela comporta a idéia de que todas as coisas tiveram origem no espírito - pois a evolução começou originalmente por cima e prosseguiu para baixo, e não ao contrário, como ensina a teoria darwiniana. Em outras palavras, houve uma materialização gradual de formas até que se atingisse o derradeiro rebaixamento fixo. Este ponto é aquele no qual a doutrina da evolução moderna adentra a área das hipóteses especulativas. Chegando a este período, acharemos mais fácil de entender a *Antropogênese* de Haeckel, que traça a genealogia do homem "desde a sua raiz protoplasmática, fermentada no vaso dos mares que existiram antes que as mais antigas rochas fossilíferas fossem depositadas", de acordo com a exposição do Professor Huxley. Poderemos acreditar que o homem evoluiu "pela evolução gradual de um mamífero semelhante organicamente ao macaco", e é mais fácil ainda fazê-lo quando lembramos que (embora numa fraseologia mais condensada e menos elegante, mais ainda compreensível) a mesma teoria foi ensinada, segundo Berosus, muitos milhares de anos antes de seu século, pelo Homem-peixe Oannes, ou Dragão, o semidemonio da Babilônia. Podemos acrescentar, como um fato de interesse, que esta antiga teoria da evolução foi conservada em alegoria e lenda, mas também retratada nos muros de certos templos da Índia, e, numa forma fragmentária, foi encontrada nos do Egito e nas lousas de Nemrod e Nineve, escavadas por Layard.

Mas o que está no fundo da teoria darwiniana sobre a origem das espécies? No que lhe concerne, nada senão "hipóteses inverificáveis". Pois, como assinala, ele considerava todos os seres "como os descendentes direto de alguns poucos seres que viveram muito antes que a primeira camada do sistema siluriano fosse depositada". Ele não procurava mostrar-nos quem eram esses "poucos seres". Mas isto responde completamente ao nosso propósito, pois, na admissão de sua existência, recorre aos antigos para corroborar a idéia e recebe o selo da aprovação científica. Com todas as modificações por que passou o nosso globo no que respeita a temperatura, clima, solo e - se merecermos perdão, em face dos progressos recentes - a sua condição eletromagnética, seria muito temerário afirmar que qualquer coisa da ciência atual contradiz a antiga hipótese do homem ante-siluriano. Os machados de sílex encontrados inicialmente por Baucher de Perthes, no vale do Somme, provam que homens devem ter existido numa época tão antiga que desafia os cálculos. Se acreditarmos em Buchner, o homem deve ter existido mesmo durante e antes da época glacial, uma subdivisão do período quaternário ou diluviano que provavelmente se estendeu muito além daquela. Mas quem pode dizer-nos qual a próxima descoberta que nos aguarda?

Ora, se temos provas irrefutáveis de que o homem existiu tá tanto tempo assim, devem ter ocorrido modificações extraordinárias em seu sistema físico, correspondentes às modificações de clima e atmosfera. Isto não parece provar, por analogia, que remontando para trás, deve ter havido outras modificações que indicam que os progenitores mais remotos dos "gelados gigantes" foram coevos dos peixes devonianos ou dos moluscos silurianos? É verdade que eles não deixaram machadinhas de sílex atrás de si, nem ossos ou depósitos nas cavernas; mas, se os antigos estão certos, as raças daquele tempo eram compostas não apenas de gigantes, ou "poderosos homens de renome", mas também de "filhos de Deus". Se aqueles que acreditam na

evolução do *espírito* tão firmemente como os materialistas acreditam na da matéria são acusados de ensinar "hipóteses inverificáveis", como podem eles facilmente retorquir aos seus acusadores dizendo que, por sua própria confusão, a evolução física é ainda "uma hipótese inverificada, senão realmente inverificável"! Os primeiros têm aos mesmo a prova indutiva dos mitos legendários, cuja imensa antiguidade é admitida por filósofos e arqueólogos; ao passo que os seus antagonistas nada têm de semelhante, *a menos que eles se socorram de uma parte dos antigos hieróglifos e suprimam o resto.*

Podemos agora retornar ainda mais uma vez à simbologia dos tempos antigos, e aos seus mitos psico-religiosos. Sob as figuras emblemáticas e da fraseologia peculiar do clero da Antiguidade repousam indicações ainda não descobertas no ciclo atual.

Mas há mitos que falam por si. Podemos incluir nesta classe os primeiros criadores de ambos os sexos de todas as cosmogonias. Os gregos Zeus-Zen (éter), e Ctônia (a terra caótica) e Métis (a água), suas esposas; Osíris e Ísis-latona - o primeiro representando também o éter -, a primeira emanação da Divindade Suprema, Amun, a fonte primordial de luz; a deusa terra e água também; Mithras, o deus nascido da rocha, símbolo do fogo cósmico masculino, ou a luz primordial personificada, e Mithra, a deusa do fogo, simultaneamente sua mãe e esposa; o elemento puro do fogo (o princípio ativo ou masculino) visto como luz e calor, em conjunção com, a terra e a água, ou como matéria (elementos femininos ou passivos da geração cósmica). Mithras é o filho de Bordj, a montanha cósmica persa, da qual ele reluz como um raio brilhante. Brahmâ, o deus do fogo, e sua prolífica consorte; e o *Agni* hindu, a divindade refulgente, de cujo corpo saem milhares de correntes de glória e *sete* línguas de fogo, e em cuja honra os brâmanes Sangika preservam até hoje o fogo *perpétuo; Sivã,* personificado pela montanha cósmica dos hindus - o *Meru* (Himalaia). Este terrível deus do fogo, que, segundo consta a lenda, desceu do céu, como o Jehovah judeu, numa *coluna de fogo*, e uma dúzia de outras divindades arcaicas de ambos os sexos, todos proclamam o seu significado oculto. E o que podem estes mitos duais significar senão o princípio psicoquímico da criação primordial? A primeira revelação da Causa Suprema em sua tripla manifestação de espírito, força e matéria; a *correlação* divina, no seu ponto de partida de evolução, alegorizado como casamento do fogo e da água, produtos do espírito eletrizante, união do princípio masculino ativo com o elemento feminino passivo, que se tornam os pais de sua criança telúrica, a matéria cósmica, a *prima matéria,* cujo espírito é o éter [e cuja sombra é] a LUZ ASTRAL!

Assim, todas as montanhas mundiais e ovos cósmicos, as árvores cósmicas e as serpentes e colunas cósmicas podem ser consideradas como incorporação de verdades da Filosofia Natural, cientificamente demonstradas. Todas essas montanhas contêm, com suas variações insignificantes, a descrição alegoricamente expressa da cosmogonia primordial; a árvore cósmica, a da evolução posterior do espírito e da matéria; as serpentes e colunas cósmicas, exposições simbólicas dos vários atributos dessa dupla evolução em sua correlação infindável de forças cósmicas. Nos misteriosos recessos da montanha - a matriz do universo -, os deuses (poderes) preparam os Vermes atômicos da vida orgânica, e ao mesmo tempo a bebida da vida, que, quando ingerida, desperta no homem-matéria o homem-*espírito*. O soma, a bebida sacrificial dos hindus, é essa bebida sagrada. Pois, quando da criação da *prima matéria*, enquanto as suas porções grosseiras eram utilizadas para o mundo físico embrionário, a sua essência mais divina penetra o universo, permanecendo invisivelmente e encerrando nas suas ondas a criança recém-nascida, desenvolvendo e estimulando a sua atividade à medida que ela lentamente saía do caos eterno.

Da poesia de concepção abstrata, estes mitos cósmicos passaram gradualmente às imagens concretas dos símbolos cósmicos, como a arqueologia agora os tem encontrado. A serpente, que exerce um papel proeminente nas imagens dos antigos, foi degradas por uma absurda interpretação da serpente do livro Gênese num sinônimo de Satã, o Príncipe das Trevas, quando ela é o mais engenhoso de todos os mitos em seus diversos simbolismos. Num deles, como *agathodaimon*, é o emblema da arte de curar e de imortalidade do homem. Ela enfeita as imagens da maior parte dos deuses sanitários e higiênicos. A *taça da saúde*, nos mistérios egípcios, era enlaçada por serpentes. Como o mal só pode originar-se de um extremo do bem, a serpente, em outros aspetos, torna-se símbolo da matéria; que, quanto mais se distancia de sua fonte espiritual primeira, mais se torna sujeita ao mal. Nas mais antigas imagens do Egito, assim como nas alegorias cosmogônicas de Kneph, a serpente cósmica, quando simboliza a matéria, é usualmente representada encerrada num círculo; ela repousa estendida ao longo do equador, indicando assim que o universo da luz astral, a partir do qual o mundo físico proveio, enquanto limita este último, é ele próprio limitado por Emepht, ou a Causa primeira Suprema. Ptah, que produz *Râ*, e as miríades de formas às quais dá vida, são reapresentados deslizando para fora do ovo cósmico, porque esta é a forma mais familiar daquilo em que se deposita e se desenvolve o germe de todo o ser vivo. Quando a serpente representa a eternidade e a imortalidade, ela abarca o mundo, mordendo a cauda, não oferecendo assim nenhuma solução de

continuidade. Ela se torna então a luz astral. Os discípulos de escola de Feredides ensinavam que o éter (Zeus ou Zen) é o céu empíreo superior, que encerra o mundo superno e sua luz (a astral) é o elemento primordial concentrado.

Tal é a origem da serpente, metamorfoseada nos séculos cristãos em Satã. Ela é o *Od, o Ob e o Or* de Moisés e dos cabalistas. Quando em seu estado passivo, quando age naqueles que são inadvertidamente arremessados em sua corrente, a luz astral é *Ob*, ou Python. Moisés estava determinado a exterminar todos os que, sensíveis à sua influência, se deixavam cair sob o fácil controle dos seres vivos que se movem nas ondas astrais na água; seres que nos cercam e que Bulwe-Lytton chama no *Zanoni* de "os guardiões do limiar". Ela se torna o *Od* assim que é vivificada pelo *efluxo consciente* de uma alma imortal, pois então as correntes astrais estão agindo sob a tutela seja de um adepto, um espírito puro, seja de um hábil mesmerizador, que é ele próprio puro e sabe como dirigir as forças cegas. Em tais casos, mesmo um espírito planetário superior, um da classe de seres que nunca se encarnaram (embora existam muitos entre estas hierarquias que viveram em nossa terra), desce ocasionalmente à nossa esfera, e purificando a atmosfera circundante torna o *paciente* capaz de ver e abre nele as fontes da genuína profecia divina. Quanto ao termo *Or*, a palavra é utilizada para designar certa propriedades ocultas do agente universal. Pertence mais diretamente ao domínio do alquimista, e não oferece nenhum interesse ao público geral.

O autor do sistema filosófico *Homoiomeriano*, Anaxágoras de Clezemenae, acreditava firmemente que os protótipos espirituais de todas as coisas, assim como os seus elementos, podiam ser encontrados no Éter infinito, onde eram geradas, de onde provinham e para onde retornavam oriundos da Terra. Como os hindus, que personificam seu *Âkasa* (céu ou éter) e dele fizeram uma entidade deifica, os gregos e os latinos deificaram o Éter. Virgílio chama Zeus de *pater omnipotens aether, Magnus*, o grande deus Éter.

Uma vez admitida a existência de um tal Universo Invisível - como parece ser igualmente o fato se as especulações dos autores do *Unseen Universe* forem aceitas pelos seus colegas -, muitos fenômenos, até aqui misteriosos e inexplicáveis, tornar-se-ão claros. Ele age sobre o organismo dos médiuns magnetizados, penetra-os e satura-os de lado a lado, dirigido pela vontade poderosa de um mesmerizador ou pelos seres invisíveis que produzem o mesmo resultado. Assim que a operação silenciosa é realizada, o fantasmas astral ou sideral do paciente mesmerizado deixa paralisada sua envoltura de carne, e, depois de ter vagado pelo espaço infinito, se detêm no limiar da misteriosa "fronteira". Para ele, a entrada do portal que marca o acesso à "terra do silêncio" está agora apenas parcialmente entreaberta; ela só escancarará à frente do sonâmbulo em transe no dia em que, unido com a sua essência imortal superior, ele tiver abandonado para sempre o seu corpo mortal. Até então, o vidente só pode ver através de uma fenda; dependerá de sua agudeza perceptiva a extensão do campo visual.

A trindade na unidade é uma idéia que todas as nações antigas sustentaram em conjunto. As Três Devatâs, a Trimúrti hindu, as *Três Cabeças* da Cabala judia. "Três cabeças foram esculpidas, uma na outra e esta sobre outra". A trindade dos egípcios e a da mitologia grega eram igualmente representações da primeira emanação tripla que contém dois princípios: o masculino e o feminino. É a união do *Logos* masculino, ou sabedoria, a Divindade revelada, com a *Aura ou Anima Mundi* feminina - "o *Pneuma* sagrado", a Sephira dos cabalistas e a *Sophia* dos gnósticos refinados - que produziu todas as coisas visíveis e invisíveis. Enquanto a verdadeira interpretação metafísica desse dogma universal permaneceu nos santuários, os gregos, com seus instintos poéticos, a personificação em inúmeros mitos encantados. Nas *Dionisíacas* de Nono, o deus Baco, entre outras alegorias, é representado como um amante da brisa suave e benigna (o Pneuma Sagrado), sob o nome de *Aura Plácida.*

****
***

CAPÍTULO VI

FENÔMENOS PSICOFÍSICOS

ESCLARECIMENTOS: (N. do Compilador). Julgamos necessário colocar os esclarecimentos abaixo.

MAGNETISMO - Uma força que existe na Natureza e no homem. No primeiro caso é um agente que dá origem aos diversos fenômenos de atração, polaridade etc. No segundo caso, converte-se em magnetismo "animal", em contraposição ao magnetismo cósmico e terrestre. [O magnetismo, bem como a eletricidade, nada mais é que manifestação do Kundalini *Shakti, (*)* que inclui as duas grandes forças de atração e repulsão.]

KUNDALINÎ-SAKITI (ou shakti) *(Sânc.)* - O poder de vida; uma das Forças da Natureza; o poder que engendra certa luz naqueles que se dispõem ao desenvolvimento espiritual e clarividente. É um poder conhecido por aqueles que praticam a concentração e o *Yoga*. O poder serpentino ou em espiral, poder divino latente em todos os seres. (*Svâni Vivenkânanda)* O poder ou força que se move fazendo curvas. É o princípio universal de vida, que se manifesta em todas as partes da Natureza. Esta força inclui as duas forças de atração e repulsão. A eletricidade e o magnetismo são apenas manifestações suas. Este é o poder que produz o "ajuste contínuo das *relações internas com as relações externas*", que é a essência da vida, segundo Herbert Spencer, e o "ajuste contínuo das *relações externas com as internas*", que é a base da transmigração das almas (renascimento), segundo as doutrinas dos antigos filósofos hindus. (*Doutrina Secreta, I, 312)* Esta força, também chamada de "Poder ígneo", é um dos poderes místicos do *yogî* e é o *Buddhi* considerado como princípio ativo; é uma força criadora que, um vez desperta, pode matar tão facilmente quanto criar. *(A Voz do Silêncio, I.)*.

MAGNETISMO ANIMAL - Enquanto a ciência oficial qualifica-o de "suposto" agente e afasta por completo sua realidade, os numerosos milhões de pessoas dos tempos antigos e as nações asiáticas que vivem atualmente, ocultistas teósofos, espíritas e místicos de toda a espécie proclamam-no como um fato bem comprovado. O magnetismo animal é um fluido, uma emanação. Algumas pessoas emitem-no para fins curativos pelos olhos e pelas pontas dos dedos, enquanto todas as demais criaturas, homens, animais e ainda todo objeto inanimado, emanam-no seja como uma *aura*, seja como um luz variável, de um modo consciente ou não. Quando aplicado a um paciente por contado ou pela vontade de um operador humano, recebe o nome de "Mesmerismo".

MESMERISMOS - Termo derivado de Mesmer, que redescobriu a força magnética e suas aplicações práticas. É uma corrente vital, que pode ser transmitida de uma pessoa para outra e através da qual se produz um estado anormal no sistema nervoso, que permite exercer uma influência direta sobre a mente e a vontade do *indivíduo* ou pessoa mesmerizada. (Glossário da *Chave da Teosofia*) A referida corrente de *Prana* é a energia vital, que, especializada pelo duplo etérico, o mesmerizador emite para restaurar uma pessoa débil e para curar as doenças. *(Sabedoria Antiga, 64)* O mesmerismo, que em outros tempos foi objeto de grossa zombaria, é aceito modernamente pela ciência oficial sob o nome de Hipnotismo. - Glossário Teosófico Editora Ground.

A DIVIDA QUE TEMOS COM PARACELSO. (L.1.pág.233).

A revolução pela qual a Química passou recentemente foi calculada apenas para concentrar a atenção dos químicos sobre este fato; e não deve parecer estranho se, em menos tempo do que fosse necessário para efetuá-la, as reivindicações dos alquimistas fossem examinadas com imparcialidade e estudadas de um ponto de vista racional. Transpor o estreito precipício que agora separa a *nova* Química da *velha* Alquimia é pouco, se comparado ao difícil esforço deles em passar da teoria dualista à unitária.

Assim como Ampère serviu para apresentar Avogadro aos nossos químicos contemporâneos, também Reichenbach talvez tenha um dia o mérito de ter preparado com o seu OD o terreno para a justa apreciação de Paracelso. Isso aconteceu mais de cinqüenta anos antes que as moléculas fossem aceitas como unidade dos cálculos químicos; será preciso esperar menos da metade desse tempo para que os eminentes méritos do místico suíço sejam reconhecidos. O parágrafo abaixo, admoestador dos médiuns curandeiros, que se encontram por toda parte, deve ter sido escrito por alguém que leu as suas obras. "deveis compreender", diz ele, "que o imã é aquele espírito de vida, do homem, que o doente procura, pois ambos se unem com o caos exterior. E assim os homens sadios são infectados pelos doentes através da atração magnética.

MESMERISMO, SUA ORIGEM, ACOLHIMENTOS E POTENCIALIDADES. **(L.1.pág.234).**

Uma obra sobre filosofia mágico-espiritual e ciência oculta estaria incompleta sem uma noticia particular da história do Magnetismo Animal, tal como a conhecemos depois que, com ela, Paracelso desconcertou todos os professores da segunda metade do século XVI.

Examinaremos brevemente o seu aparecimento em Paris por ocasião da sua importação da Alemanha por Antônio Mesmer. Leiamos com cuidado e atenção os velhos papéis que agora se desfazem em pó na Academia de Ciência daquela capital, pois neles perceberemos que, depois de terem rejeitado uma a uma cada descoberta feita desde Galileu, os *Imortais* chegaram ao cúmulo de voltar as costas ao Magnetismo e ao Mesmerismo. Fecharam voluntariamente as portas diante de si mesmos, as portas que levam aos maiores mistérios da Natureza, que jazem nas regiões escuras tanto do mundo psíquico quanto do físico. O grande solvente universal, o *alkahest*, estava ao seu alcance - e eles o deixaram passar despercebido; e agora, depois que quase cem anos se pausaram, lemos a seguinte confissão:

"Ainda é verdade que, além dos limites da observação direta, a nossa ciência [Química] não é infalível e que as nossas teorias e os nossos sistemas, embora todos *possam* conter um germe de verdade, estão submetidos a mudanças freqüentes e são amiúde revolucionados."

À doutrina de Paracelso. Seu estilo incompreensível, embora vívido, deve ser lido com os rolos de Ezequiel, " *por dentro e por fora* ". O perigo de propor teorias heterodoxas era grande naqueles dias; a Igreja era poderosa e os feiticeiros eram queimados às dúzias. É por esta razão que Paracelso, Agripa e Eugênio Filaletes foram notáveis por suas declarações piedosas quanto famosos por suas descobertas de Alquimia e Magia. As opiniões completas de Paracelso sobre as propriedades ocultas do imã estão parcialmente explicadas no seu famoso livro, o *Archidoxa,* em que descreve a tintura maravilhosa, um medicamento extraído do imã e chamado *Magisterium magnetis*, e parcialmente em *De ente Dei e De ente as trorum,* livro I. Mas as explicações são todas dadas numa linguagem ininteligível para o profano: "Todo camponês", diz ele, "vê que um imã atrairá o ferro, mas um homem sábio deve questionar-se.(...) Descobri que o imã, além deste poder visível, o de atrair o ferro, possui um outro poder, que é *oculto* ".

Ele demostra, a seguir, que no homem reside escondida uma "força *sideral* ", que é uma emanação dos astros e dos corpos celestiais de que se compõe a forma espiritual do homem - o espírito astral. Esta identidade de essência, que podemos denominar de o espírito da matéria cometária, está sempre em relação direta com os astros de onde foi extraída e, assim, existe uma atração mútua entre os dois, pois ambos são imãs. A composição da Terra e de todos os outros corpos planetários e do corpo terrestre do homem constituía a idéia fundamental de sua filosofia. "O corpo provem dos elementos; e o espírito [astral], dos astros. (...) O homem come e bebé dos elementos, para o sustento do seu sangue e da sua carne, mas dos astros vêm o sustento do intelecto e os pensamentos de sua alma." Vemos corroboradas as afirmações de Paracelso, porquanto o *espectroscópio demonstrou a verdade da sua teoria relativa à composição idêntica do homem e dos astros; os físicos agora dissertam para as suas classes sobre as atrações magnéticas do Sol e dos planetas.*

Dos elementos conhecidos que compõem o corpo do homem, já foram descobertos no Sol o hidrogênio, o sódio, o cálcio, o magnésio e o ferro, e nas centenas de astros observados, encontrou-se hidrogênio, exceto em dois.

E eis que uma questão se apresenta muito naturalmente. Como chegou Paracelso a apresentar algo da composição dos astros quando, até um período recente - até a descoberta do espectroscópio -, os constituintes dos corpos celestiais eram completamente desconhecidos dos nossos cultos acadêmicos? E mesmo hoje, apesar do telespectroscópio (Ou telescópio, instrumento óptico destinado a observar objetos muito distante) e de outros aperfeiçoamentos modernos muito importantes, tudo - exceto um pequeno número de elementos e uma cromosfera hipotética - ainda é um mistério nos astros. Podia Paracelso estar certo da natureza da hoste estrelar, a menos que tivesse meios dos quais a Ciência nada sabe? Todavia, nada sabendo, ela nem mesmo pronunciou os nomes desses meios, que são - a Filosofia Hermética e a Alquimia.

Devemos ter em mente, além disso, que *Paracelso foi o descobridor do hidrogênio e que ele conhecia todas as suas propriedades e a sua composição* muito tempo antes que quaisquer um dos acadêmicos ortodoxos suspeitasse de sua existência; ele estudara Astrologia e Astronomia, como todos os filósofos do fogo; e, se ele afirmou que o homem está em afinidade direta com os astros, é porque sabia muito bem do que estava falando.

A ALIMENTAÇÃO DO CORPO FÍSICO, E SUA RELAÇÃO COM A ENERGIA MAGNÉTICA. (L.1.pág.238).

O ponto seguinte que os fisiologistas devem verificar é a sua proposição de que a alimentação do corpo se faz não só pelo estômago, "mas também, imperceptivelmente, pela força magnética, que reside em toda a Natureza e da qual todo indivíduo colhe para si o seu alimento específico." O homem, diz ele a seguir, colhe não só a saúde dos elementos, mas também a doença dos elementos perturbados. Os corpos vivos estão sujeitos às leis da afinidade química, como admite a Ciência; a propriedade física mais notável dos tecidos orgânicos, de acordo com os fisiologistas, é a propriedade de *absolvição*. O que há de mais natural, então, do que essa teoria de Paracelso, segundo a qual o nosso corpo absorvente, atrativo e químico acumula em si mesmo as influências astrais ou siderais? "O Sol e as estrelas nos atraem para eles, e nós atraímos para nós". Que objeção oferece a Ciência contra esse fato? O que exalamos foi mostrado através da descoberta do Barão Reichenbach das emanações ódicas do homem, que são idênticas às chamas que provem dos imãs, dos cristais e de todos os organismos vegetais.

A unidade do universo foi afirmada por Paracelso, que diz que "o corpo humano está possuído de matéria primordial" (ou matéria cósmica); o espectroscópio provou esta asserção ao mostrar que "os mesmos elementos químicos que existem sobre a Terra e no Sol também podem ser encontrados em todas as estrelas". O espectroscópio faz mais ainda: mostra que todas as estrelas "são *sóis,* similares em constituição ao nosso"; e o Prof. Mayer acrescenta: as condições magnéticas da Terra dependem das variações que sofre a superfície solar, a cujas emanações ela está sujeita, pelo que, se as estrelas são sóis, também têm de influir proporcionalmente na Terra.

"Nos nossos sonhos", diz Paracelso, "somos como as plantas, que também possuem o corpo elementar e vital, mas não o espírito. No nosso sono, o corpo astral é livre e pode, pela elasticidade da sua natureza, pairar ao redor do seu veículo adormecido ou erguer-se mais alto, para conversar com os pais estrelares ou mesmo comunicar-se com os seus irmãos a grandes distâncias. Os sonhos de caráter profético, a presciência e as necessidades atuais são as faculdades do espírito astral. Esses dons não são concedidos ao nosso corpo elementar e grosseiro, pois com a morte ele desce ao seio da Terra e se reúne aos elementos físicos, ao passo que muitos espíritos retornam às estrelas. Os animais", acrescenta, "têm também os seus pressentimentos, pois também têm um corpo astral".

Van Helmont, que foi discípulo de Paracelso, diz a mesma coisa, embora suas teorias sobre o Magnetismo sejam mais amplamente desenvolvidas e ainda mais cuidadosamente elaboradas. *Omagnale magnum,* o meio pelo qual a propriedade magnética secreta permite que uma pessoa afete uma outra, é atribuído por ele a essa simpatia universal que existe entre todas as coisas e a Natureza. A causa produz o efeito, o efeito remonta à causa e ambos são recíprocos. “O Magnetismo", afirma ele”, é uma propriedade desconhecida de natureza celestial; muito semelhante às estrelas e nunca impedida por quaisquer fronteiras de tempo ou de espaço. (...) Toda criatura possui o seu próprio poder celestial e está estreitamente lidada ao céu. Este poder mágico do homem permanece latente no seu interior até que se atualiza no exterior. (...) Esta sabedoria e poder mágico estão adormecidos, mas a sugestão os põe em atividade aumenta à medida que se reprimem as tenebrosas paixões da carne. (...) Isto o consegue a arte cabalística, que devolve à alma aquela força mágica, mas natural, e a desperta do sono em que se achava sumida."

Van Helmont e Paracelso reconhecem o grande poder da vontade durante os êxtases. Dizem que "o espírito está difundido por toda parte; é o agente do Magnetismo"; que a pura magia primordial não consiste em práticas supersticiosas e cerimônias vãs, mas na imperiosa vontade do homem. "Não são os espíritos do céu e do inferno que dominam a natureza física, mas, sim, a alma e o espírito que se ocultam no homem como o fogo na pederneira."

A teoria da influência sideral sobre o homem foi enunciada por todos os filósofos medievais. "Os astros consistem igualmente dos elementos dos corpos terrestres", diz Cornélio Agripa, "e, por isso, as idéias se atraem reciprocamente. (...) As influências só se exercem com o concurso do espírito, mas este espírito está difundido por todo o universo e está em concordância plena com os espíritos humanos. Quem quiser adquirir poderes sobrenaturais deve possuir *fé, amor e esperança.* (...) Em todas as coisa há um poder secreto ocultado e daí provêm os poderes miraculosos da Magia".

A DOUTRINA DE MESMER. (L.1.pág.240).

A doutrina de Mesmer era simplesmente uma reafirmação das doutrinas de Paracelso, Van Helmont, Santanelli e Maxwell, o escocês. Ele foi acusado de haver plagiado textos da obra de Bertrand e de enunciá-los como princípios seus. Em sua obra, o Prof. Stewart considera que nosso universo está composto de átomos conectados entre si como os órgãos de uma máquina acionada pelas leis da energia. O Prof. Youmans

chama a isto "uma doutrina moderna", mas encontramos entre as 27 proporções expressas por Mesmer, em 1775, justamente um século antes, em sua *Letter to a Foreign Physician*, as seguintes:

1. Existe uma influência mútua entre os corpos celestiais, a terra e os corpos vivos.

2. Um fluído, universalmente disperso e contínuo, de maneira a não admitir vácuo, cuja sutileza está aquém de toda comparação e que, por sua própria natureza, é capaz de receber, propagar e comunicar todas as impressões de movimento, é o agente dessa influência.

Parece, de acordo com essas afirmações, que a teoria não é tão nova. O Prof. Balfour Stewart diz: "Devemos considerar o universo à luz de uma vasta máquina física". E Mesmer:

3. Esta ação recíproca está sujeita a leis mecânicas, não conhecidas até a presente data.

O Prof. Mayer, reafirmando a doutrina de Gilbert segundo a qual a Terra é uma grande imã, observa que as variações misteriosas da intensidade da sua força parecem estar sujeitas às emanações do Sol, "modificando-se com as aparentes revoluções diurnas e anuais daquele orbe e pulsando em simpatia com as imensas ondas de fogo que se agitam na sua superfície". Ele fala da "flutuação constante, do fluxo e do refluxo da influência diretiva da Terra". E Mesmer:

4. Desta ação resultam efeitos alternativos que podem ser considerados como um fluxo e um refluxo.

6. É por esta operação (a mais universal das que a Natureza nos apresenta) que as relações de atividade ocorrem entre os corpos celestiais, a Terra e as suas partes constituintes.

Há ainda duas outras cuja leitura interessaria aos nossos cientistas modernos:

7. As propriedades da matéria e do corpo organizado dependem desta operação.

8.O corpo animal experimenta os efeitos alternados desse agente; e é insinuando-se. na substância dos nervos que ele os afeta imediatamente.

Os experimentos de Mesmer foram bastante aperfeiçoados pelo Marquês de Puységur, que dispensou completamente os aparelhos e efetuou curas notáveis entre os arrendatários da sua propriedade de Busancy. Dados a público, estes fatos fizeram com que muitos outros homens cultos experimentassem com semelhante êxito, e em 1825 Foissac propôs à Academia de Medicina a instituição de um nova pesquisa.

O que dizem a respeito do Magnetismo como um remédio secreto foi dito muitas vezes pelos mais respeitáveis escritores sobre o moderno Espiritismo, a saber: "É tarefa da Academia estudá-lo, submetê-lo a provas; finalmente, retirar o seu uso e a sua prática das pessoas estranhas à arte, que abusam dos meios que ele fornece e fazem dele um objeto de lucro e especulação".

O relatório inclui uma grande quantidade de fenômenos classificados em 3 parágrafos diferentes; todavia, como esta obra não se dedica especialmente à ciência do mesmerismo, nos contentamos apenas com alguns breves extratos. Eles afirmam que nem o contato das mãos, as fricções, nem os passos são absolutamente necessários, pois que, em muitas ocasiões, a vontade e a fixidez do olhar foram suficientes para produzir fenômenos magnéticos, mesmo sem o conhecimento do magnetizado. Os fenômeno terapêuticos atestados" dependem apenas do Magnetismo e não são reproduzidos sem ele. O estado de sonambulismo existe e ocasiona o desenvolvimento de novas faculdades, que têm recebido o nome de *clarividência*, intuição e previsão interna". O sono (magnético) foi provocado sob circunstancias em que os magnetizados não podiam ver e ignoravam completamente os meios empregados para produzi-lo. O magnetizador, tendo controlado o seu paciente, pode pô-lo completamente em estado de sonambulismo, tirá-lo dele sem o seu conhecimento, para fora das suas vistas, a uma certa distância e por portas fechadas". Os sentidos externos da pessoa adormecida parecem completamente paralisados e uma segunda entidade pode ser posta em ação. "Na maior parte do tempo os paciente são totalmente estranhos aos ruídos externos e inesperados produzidos perto dos seus ouvidos, tais como o som de vasilhas de cobre batidas com violência, a queda de qualquer objeto pesado, etc. (...) Pode-se fazê-los respirar ácido hidroclorídrico ou amoníaco sem dano algum ou sem que se preocupem com eles". A comissão podia "fazer cócegas nos seus pés e nas suas narinas, passar uma pena nos cantos dos olhos, beliscar a sua pele até produzir equimoses, picá-los sob as unhas com alfinetes enterrados a uma profundidade considerável, sem o menor sinal de dor ou de consciência do fato. Em resumo, vimos uma pessoa insensível a uma das mais dolorosas cirurgias e cuja fisionomia, assim com o pulso e a respiração, não manifestou a mínima emoção."

Já chega para os sentidos externos; vejamos agora o que eles têm a dizer sobre os internos, que podem ser considerados capazes de demonstrar uma diferença notável entre o homem e o protoplasma de carneiro. "Enquanto estão em estado de sonambulismo diz a comissão, "as pessoas magnetizadas que observamos conservam o exercício das faculdades que possuem quando estão despertas. A sua memória parece até ser mais fiel e mais extensa. (...) Vimos dois sonâmbulos distinguirem, de olhos fechados, objetos colocados à sua frente; disseram, sem as tocar, a cor e o valor de cartas; leram palavras traçadas com a mão,

ou algumas linhas de livros abertos ao acaso. Este Fenômeno ocorreu mesmo quando as suas pálpebras foram cuidadosamente fechadas com os dedos. Encontramos em dois sonâmbulos o poder de antever atos mais ou menos complicados do organismo. Um deles anunciou com antecipação de muitos dias, não, de muitos meses, o dia, a hora e o minuto em que ataques epilépticos ocorreriam e reincidiriam; outro declarou o momento da cura. As sua previsões realizaram-se com exatidão notável".

PSICOMETRIA, "A LUZ ASTRAL", E "A MEMÓRIA DE DEUS". (L.1.pág.244).

Há cientistas e *cientistas;* e se as ciências ocultas sofrem, na instância do Espiritismo moderno, da malignidade de uma classe, elas tiveram, não obstante, os seus defensores em todos os tempos entre os homens cujos nomes derramaram luzes sobre a própria ciência. No primeiro posta está Issac Newton, "a luz da Ciência", que acreditava plenamente no Magnetismo tal como fora ensinado por Paracelso, Van Helmont e os filósofos do fogo em geral. Ninguém ousará negar que a sua doutrina do espaço e da atração universal é tão-só uma Teoria do Magnetismo. Se as suas próprias palavras significam alguma coisa, elas querem dizer que ele baseou todas as suas especulações na "alma do mundo", o grande agente universal e magnético que ele chamava de *divine sensorium.* "Aqui", diz ele, "trata-se de um espírito muito sutil que penetra tudo, mesmo os corpos mais duros, e que está oculto na sua substância. Pela força e pela atividade desse espírito, os corpos se atraem uns aos outros e se mantêm juntos quando colocados em contato. Através dele, os corpos elétricos operam à distância mais remota, tanto quanto se estivessem próximos, atraindo-se e repelindo-se; por este espírito a luz também flui e é refratada e refletida , e aquece os corpos. Todos os sentidos por esse espírito e por ele os animais movem os seus membros. (...) Mas estas coisas não podem ser explicadas com poucas palavras e não temos experiência suficiente para determinar plenamente as leis pelas quais opera esse espírito universal".

Há duas espécies de magnetização; a primeira é puramente *animal*, a outra é transcendente e depende da vontade e do conhecimento do mesmerizador, assim como do grau de espiritualidade do paciente e da sua capacidade de receber as impressões da luz astral. Deve-se observar aqui a clarividência depende muito mais da primeira-animal do que da segunda - transcendente. O paciente mais *positivo* se submeterá ao poder de um adepto, como Du Potet. Se a sua opinião estiver convenientemente dirigida pelo mesmerizador, pelo mago ou pelo espírito, a Luz Astral deverá liberar ao nosso escrutínio os registros mais secretos; pois, se ela é um livro que sempre está fechado àqueles "que vêem e nada percebem", por outro lado está sempre aberto àquele que *quer* vê-lo aberto. Ele guarda um registro inalterado de tudo que foi, que é ou que será. Os mínimos atos de nossas vidas estão impressos nele e mesmo os nossos pensamentos estão fotografados em suas páginas eternas. É o livro que vemos aberto pelo anjo do *Apocalipse*, "que é o Livro da vida e é por ele que os mortos são julgados de acordo com as suas obras". Ele é, em suma, a MEMÓRIA de DEUS!

"Os oráculos afirmam que a impressão dos caracteres e de outras visões divinas aparecem no Éter. (...) Nele, as coisas sem figura estão figuradas", diz um fragmento antigo dos *Oráculos* de Zoroastro.

Assim, tanto a antiga quanto a moderna sabedoria, vaticínio e ciência, concordam na corroboração das asserções cabalísticas. É nas páginas indeléveis da luz astral que são estampadas as impressões de todo pensamento que pensamos e de todo ato que realizamos; e os eventos futuros - efeitos de causas há muito esquecidas - já estão ali delineados como uma pintura vívida que o olho do vidente e do profeta podem ver. A memória - o despertar do materialista, o enigma do psicólogo, a esfinge da Ciência - é, para o estudioso das filosofias antigas, apenas um nome que designa o poder que o homem exerce inconscientemente e que partilha com muitos dos animais inferiores, de olhar com a visão interior para a luz astral e de ver aí as imagens das sensações e dos incidentes do passado. Em vez de procurar os gânglios cerebrais para "as micrografias dos vivos e dos mortos e de lugares que já visitamos, de incidentes de que já participamos", eles se dirigiram ao vasto repositório em que os registros da vida de todo homem, assim como de toda pulsação do cosmo visível, estão armazenadas para toda a eternidade!

O clarão da memória, que se supõe tradicionalmente mostrar ao homem submerso todas as cenas há muito esquecidas da sua vida mortal - como a paisagem é revelada ao viajante por intermitentes clarões de relâmpagos -, é apenas um vislumbre repentino que a alma combatente lança nas galerias silenciosas em que a sua história está pintada em cores imperecíveis.

O fato bastante conhecido - corroborado pela experiência pessoal de nove entre dez pessoas - de que freqüentemente reconhecemos como familiares cenas e paisagens e conversas que vemos ou ouvimos pela primeira vez, e às vezes em lugares aos quais nunca fomos antes, é um resultado das mesmas causas. Os que acreditam na reencarnação invocam esse fato como uma prova adicional de nossa existência anterior em outros corpos. Este reconhecimento de homens, lugares e coisas que nunca vimos é atribuído por eles a

clarões da memória anímica de experiências anteriores. Mas os homens de antanho, como os filósofos medievais, difundiram energicamente uma opinião contrária.

Eles afirmaram que - embora este fenômeno psicológico fosse um dos maiores argumentos a favor da imortalidade e também da preexistência da alma, sendo esta última dotada de uma memória individual separada do nosso corpo físico - ele não se constitui em prova da reencarnação. Como Éliphas Lévi expressa muito bem, "a Natureza fecha a porta depois que cada coisa passa e leva a vida à frente" em formas mais perfeitas. A crisálida transforma-se em borboleta; esta nunca se transforma novamente numa larva. Na calma das horas noturnas, quando os nossos sentidos corporais estão tolhidos pelo sono e o nosso físico repousa, a forma astral torna-se livre. Ela então *se esvai* para fora de sua prisão terrena e, segundo a expressão de Paracelso, "confabula com o mundo exterior" e viaja pelos mundos visíveis e invisíveis. "No sono", diz ele, "o corpo astral (alma) está liberto dos seus movimentos; então ele voa para os seus pais e conversa com as estrelas". Os sonhos, os presságios, a presciência, os prognósticos e os pressentimentos são impressões deixadas por nosso corpo astral em nosso cérebro, que os recebe mais ou menos distintamente, de acordo com a intensidade de sangue que lhe é fornecido durante as horas de sono. Quanto mais débil esteja o corpo físico, mais vívida será a memória anímica e maior liberdade gozará o espírito. Depois de profundo e repousado sono sem sonhos, o homem retorna ao estado de vigília, não conserva nenhuma recordação de sua existência noturna e, contudo, em seu cérebro, estão gravadas, embora latentes sob a pressão da matéria, as cenas e paisagens durante sua peregrinação no corpo astral. Esta imagens latentes podem ser reveladas pelos relâmpagos da memória anímica que estabelecem momentos intercâmbios de energia entre o universo visível e o invisível, isto é entre os gânglios micrográficos cerebrais e as moléculas cenográficas da luz astral. E um homem que sabe que nunca visitou em corpo, nem viu a paisagem e a pessoa que ele reconhece, pode afirmar que os viu e os conhece, pois esse conhecimento foi travado durante uma dessas viagens em "espírito". A isso os filósofos fazem apenas uma objeção. Responderão que no sono natural - perfeito e profundo - "a metade da nossa natureza, que é volitiva, está em condição de inércia"; em conseqüência, é incapaz de viajar; tanto mais a existência de um tal corpo ou alma astral individual é considerada por eles um pouco menos do que um mito poético.

Ninguém, por grosseiro e material que seja, pode evitar o fato de levar uma existência dupla; uma no universo visível, outra no invisível. O princípio vital que anima a sua constituição física está principalmente no corpo astral; e enquanto suas partículas densas ficam inertes, as mais sutis não conhecem limites nem obstáculos. Estamos perfeitamente conscientes de que muitos eruditos, e também ignorantes, se erguerão contra essa teoria da distribuição do princípio vital. Eles prefeririam continuar na ignorância bem-aventurada e confessar que ninguém sabe nem pode pretender dizer de onde vem esse agente misterioso e para onde ele vai ao invés de conceder um momento de atenção àquilo que consideram como teorias antigas e desacreditadas. Alguns, colocando-se no terreno da Teologia, podem objetar que os brutos cegos não possuem almas imortais e, em conseqüência, não têm espíritos astrais; pois os *teólogos, como os leigos, vivem sob a errônea impressão de que alma e espírito são uma e a mesma coisa.* Mas se estudarmos Platão e outros filósofos da Antigüidade, poderemos perceber perfeitamente que, enquanto a *"alma irracional",* com que Platão designa o nosso corpo astral, ou a representação mais etérea do nosso ser, pode ter no melhor dos casos apenas uma continuidade de existência mais ou menos prolongada além-túmulo - o espírito divino, erroneamente chamado de *alma* pela Igreja, é imortal por sua própria essência. (Qualquer erudito hebraico apreciará prontamente a distinção que existe entre as palavras, rûah, e, nephesh.) Se o princípio vital é algo isolado do espírito astral e não está de maneira alguma ligado a ele, como é que pode dizer que a intensidade dos poderes clarividentes depende tanto da prostração corporal do paciente? Quanto mais profundo é o sonho hipnótico e menos sinais de vida se notem no corpo físico, mais claras se tornam as percepções espirituais e mais penetrantes as visões da alma, que, desprendida dos sentidos corporais, atua com muito mais potência do que quando ele serve de veículo num corpo forte e sadio. Brierre de Boismonte fornece exemplos repetidos desse fato. Os órgãos da visão, do olfato, do paladar, do tato e da audição provaram tornar-se mais perfeitos num paciente mesmerizado privado da possibilidade de exercê-los corporalmente do que quando os utiliza em seu estado normal.

Estes fenômenos provam incontestavelmente a continuidade da vida, pelo menos por um certo período depois de morto o corpo físico. Mas, embora durante a sua breve permanência na Terra a nossa alma possa ser comparada a uma luz ocultada num alqueire, ela não deixa de brilhar por isso e de receber a influência de espíritos afins, de modo que todo pensamento bom ou mau atrai vibrações da mesma natureza tão irresistivelmente quanto o imã atrai as limalhas de ferro. Esta atração é proporcional também à intensidade com que o impulso do pensamento se faz sentir no éter. Assim se pode compreender como alguém se imponha com tantã força em sua época, que sua influencia pode ser transmitida - através de correntes de

energia que estão sempre em intercâmbio entre os dois mundos, o visível e o invisível - de era em era, até chegar a afetar porção da Humanidade.

Um dos descobrimentos mais interessante dos tempos modernos é a faculdade que permite a uma certa classe de sensitivos receber, de qualquer objeto colocado em suas mãos ou aplicado sobre sua testa, impressões do caráter ou da aparência do indivíduo ou de qualquer objeto com que ele esteve anteriormente em contato. Assim, um manuscrito, um quadro, uma vestimenta ou uma jóia - seja qual for a sua antigüidade - transmite ao sensitivo uma pintura vívida do escritor, pintor ou usuário, mesmo que ele tenha vivido nos dias de Ptolomeu ou Enoc. Não mais: um fragmento de um antigo edifício recordará a sua história e até cenas que transpiram do seu interior ou das suas cercanias. Um pedaço de minério levará a visão da alma de volta à época em que ele estava em processo de formação. Esta faculdade é denominada pelo seu descobridor - Prof. J.R. Buchanan, de Louisville, no Kentucky - de *psicometria*. É a ele que o mundo está em débito por este acréscimo tão importante à ciência psicológica; e é a ele, talvez, quando o ceticismo for derrubado pelo acumulo de fatos, que a posteridade erigirá uma estátua. Anunciando ao público a sua grande descoberta, o Prof. Buchanan, limitou-se ao poder da psicometria para delinear o caráter humano, diz: "A influência mental e fisiológica atribuída à escrita parece ser indestrutível, pois os espécime mais antigos que investiguei forneceram as suas impressões com uma nitidez e uma força pouco, senão nada, prejudicadas pelo tempo. Velhos manuscritos, que exigiam um antiquário para se decifrar a sua estranha caligrafia antiga, foram facilmente interpretados pelo poder psicológico. (...). A propriedade de conservar a impressão da mente não está limitada à escrita. Desenhos, quadros - tudo aquilo em que o contato, o pensamento e a volição humana têm sido consumidos - podem encadear-se a esse pensamento e a essa vida, de maneira que eles re-ocorram à mente de uma pessoa quando há contato".

Sem, talvez, conhecer realmente, nas primeiras horas da sua descoberta, a significação de suas próprias palavras acrescenta: "Esta descoberta, na sua aplicação às artes e à História, abrirá uma mina de informações interessantes".

A existência desta faculdade foi demonstrada experimentalmente, pela primeira vez, em 1841. Desde então, foi verificada por milhares de psicômetras em diferentes parte do mundo. Ela prova que tudo o que ocorre na Natureza - por mínimo ou insignificante que seja - deixa a sua impressão indelével sobre a natureza física; e, como não resulta daí nenhuma perturbação molecular apreciável, a única inferência possível é a que essas imagens foram produzidas por aquela força invisível, universal - o éter, ou luz astral.

No livro, *The Soul of Things,* o Prof. Denton, geólogo, entra em grande profundidade numa discussão sobre este assunto. Fornece uma enorme quantidade de exemplos do poder psicométrico, que a Sra. Dentron possui em grau bastante acentuado. Um fragmento da casa de Cícero, em Túsculo, permitiu-lhe descrever, sem a mínima informação sobre a natureza do objeto colocado a sua frente, não só a vizinhança do grande orador, mas também o morador anterior do edifício, Cornelius Sulla Félix, ou, como era usualmente chamado, Sulla, o Ditador. Um fragmento de mármore da antiga Igreja Cristã de Esmirna fez surgir diante dela a sua congregação e os sacerdotes oficiantes. Espécimes de Nínive, da China, de Jerusalém, da Grécia, do Ararat e de outros lugares do mundo trouxeram à baila cenas da vida de várias personagens cujas cinzas desapareceram a milhares de anos. Em muitos casos o Prof. Denton verificou as afirmações com o auxilio de registros históricos. Mais que isso: um pedaço do esqueleto ou um fragmento do dente de um animal antediluviano induziu a vidente a perceber a criatura tal como era quando estava viva, e até a viver a sua vida por alguns breves momentos e a experimentar as suas sensações. Diante da busca ansiosa do psicômetra, os recessos mais ocultos do domínio da Natureza revelam os seus segredos e os eventos das épocas mais remotas rivalizam em vividez de impressão com as circunstancias fugazes de ontem.

Diz o autor, na mesma obra: "Nenhuma folha tremula, nenhum inseto rasteja, nenhuma ondulação se põe em mancha - porém cada movimento está gravado por mil escribas fieis em escrita infalível e indelével. Isto é válido para todas as épocas, da primeira aurora de luz sobre este globo infantil, quando uma cortina de vapores flutuava ao redor do seu berço, até este momento. A Natureza esteve sempre ocupada em fotografar cada instante. Que galeria de quadro é ela!"

Parece-nos impossível imaginar que cenas da antiga Tebas ou de algum templo pré-histórico pudessem ser fotografadas sobre a simples substância de certos átomos. As imagens dos eventos estão incrustadas naquele agente universal, que tudo penetra, que tudo conserva e que os filósofos chamam de "a alma do mundo", e o Sr. Denton, de "a alma das coisas". O psicômetra, aplicando o fragmento de uma substância à sua fronte, coloca o seu *eu interior* em relação com a alma interior do objeto que ele toca. Admite-se agora que o éter universal penetra todas as coisas na Natureza, mesmo a mais sólida. Começa-se a admitir que ele preserva as imagens de todas as coisas que dele transpiram. Quando o psicômetra examina o seu espécime, ele é colocado em contato com a corrente da Luz Astral, que está em relação com aquela

espécime e que conserva quadros dos eventos associados à história. Estas cenas, de acordo com Dentron desfilam diante dos seus olhos com a velocidade da luz; as cenas sucedem tão rapidamente umas às outras, que só pelo exercício supremo da vontade é ele capaz de reter uma delas no campo de sua visão durante um tempo suficiente para a descrever.

O psicômetra é clarividente; isto é, ele vê com o olho interior. A menos que o poder da sua vontade seja muito forte, a menos que ele tenha sido treinado plenamente para esse fenômeno particular e que o seu conhecimento das capacidades da sua visão sejam profundos, as suas percepções de lugares, de pessoas e de eventos devem ser necessariamente muito confusas. Mas no caso da mesmerização, em que esta mesma faculdade clarividente se desenvolveu, o operador, cuja vontade mantém a do paciente sob controle, pode força-la a concentrar a sua atração sobre um determinado quadro durante o tempo suficiente para observar todos os seus detalhes minuciosos. Além disso, sob a direção de um mesmerizador experimentado, o vidente ultrapassaria o psicômetra natural na previsão de eventos futuros, mais distintos e mais claros do que para este último. E àqueles que poderiam objetar contra a possibilidade de se perceber aquilo que "ainda não é", podemos fazer a seguinte pergunta: Por que é mais impossível ver aquilo que será do que trazer de volta à visão aquilo que se foi e não existe mais? Segundo a doutrina cabalística, o futuro existe na luz astral em embrião, como o presente existiu em embrião no passado. Ao passo que o homem é livre para agir como lhe agrada, a maneira pela qual el *deseja* agir foi prevista há muito tempo; não no terreno do fatalismo ou do destino, mas simplesmente no princípio da harmonia universal, imutável; e, da mesma maneira, pode-se saber de antemão que, quando uma nota é tangida, as suas vibrações não serão e não poderão ser modificadas para as vibrações de uma outra nota. Além disso, a eternidade não pode ter passado nem futuro, mas apenas presente; como o espaço infinito, no seu estrito literal, não pode ter lugar distante nem próximos. As nossas concepções, limitadas à estrita área de nossa experiência, tendem determinar se não um fim, pelo menos um princípio para o tempo e para o espaço; mas nada disso existe na realidade - pois nesse caso o tempo não seria eterno, nem o espaço infinito. O passado não existe mais do que o futuro, como dissemos, só as nossas memórias sobrevivem; e as nossas memórias são apenas relances que apanhamos dos reflexos desse passado nas corrente da luz astral, da mesma maneira que o psicômetra os apanha das emanações astrais do objeto que ele tem em mãos.

TRANSFERÊNCIA DE ENERGIA DO UNIVERSO VISÍVEL PARA O INVISÍVEL. (L.1.pág.254).

Por conseguinte, quando Van Helmont nos conta que, "embora uma parte homogênea da terra elementar possa ser artificialmente convertida em água", ainda que ele negue "que a mesma coisa possa ser feita pela Natureza, pois nenhum agente natural é capaz de transmutar um elemento em outro", fornecendo como razão o fato de os elementos permaneceram sempre os mesmos - devemos acreditar que ele é, senão um ignorante, pelo menos um aluno atrasado da embolorada "filosofia grega antiga". Vivendo e morrendo em bem-aventurada ignorância das futuras 63 *substâncias*, o que é que ele ou o seu amigo mestre Paracelso poderiam ter feito? Nada, naturalmente, a não ser especulações *metafísicas* e malucas, vestidas num jargão ininteligível comum a todos os alquimistas medievais e antigos. Não obstante, comparando-se as notas, encontramos a seguinte na mais recente de todas as obras sobre Química moderna: "O estudo de Química revelou uma notável classe de substâncias, de algumas das quais não se pôde extrais por um processo químico uma segunda substância qualquer que pese menos do que a substância original (...) por nenhum processo químico podemos obter do ferro uma substância que pese menos do que o metal usado na sua produção. Numa palavra, nada podemos *extrair* do ferro a não ser ferro". Além disso, parece, de acordo com o Prof. Cooke, que *"há setenta e cinco anos atrás* os homens não sabiam que havia alguma diferença" entre substâncias elementares e compostas, pois nos tempos antigos os alquimistas *nunca haviam compreendido* "que *o peso é a medida do material* e que, depois de medido, todo material fica ao alcance da compreensão"; mas, ao contrário, imaginaram que, em experimentos como esses, "as substâncias envolvidas sofressem uma *transformação misteriosa* (...) séculos", em suma, "foram gastos em vãs tentativas de transformar em ouro os metais mais vis".

Aprendemos, com as suas próprias indicações, que o *alkahest* induz as seguintes modificações:

"(1) O *alkahest* nunca destrói as *virtudes seminais* dos corpos dissolvidos; por exemplo, o ouro, por sua ação, é reduzido a *sal* de ouro, o antimônio em *sal* de antimônio, etc., das mesmas virtudes seminais ou caracteres da matéria concreta original.

(2) A *substância exposta* à sua operação é convertida em seus três princípios - sal, súlfur e mercúrio - e, depois transformada em água clara.

(3) Tudo o que ele dissolve pode tornar-se volátil por um banho de areia quente; e, se depois de o solvente se volatizar, for submetido à destilação, o corpo permanece puro, sob a forma de água insípida, mas sempre *igual em quantidade ao original*". Mais adiante, constatamos que Van Helmont, o velho, diz que este sal dissolve os corpos mais indóceis em substâncias das mesmas virtudes seminais, *"iguais em peso à matéria dissolvida"* e, ele acrescenta, "este sal - que Paracelso indicou muitas vezes com a expressão *sal circulatum* - perde toda a sua fixidez e, a longo prazo, torna-se uma água insípida, *igual em quantidade* ao sal de que foi feita".

O Prof. T. Sterry Hunt diz em uma de suas conferências: "Os alquimistas procuram em vão um solvente universal, mas sabemos agora que a água, auxiliada em alguns casos pelo calor, pela pressão e pela presença de certas substâncias largamente difundidas, tais como o ácido carbônico e os carbonos de sulfatos alcalinos, dissolverá os corpos mais insolúveis de maneira que ela poderia, afinal, ser considerada como *alkahest* ou o mênstruo universal tão procurado."

Isto se lê como uma paráfrase de Van Helmont ou do próprio Paracelso! Eles conheciam as propriedades da água como solvente tanto quanto os químicos modernos e nem por isso ocultavam o fato; o que mostra que não era este o *seu* solvente universal.

"Uma coisa que talvez contribua para salvar luzes sobre a questão (...) é observar que Van Helmont, assim como Paracelso, *consideraram a água como o instrumento [agente?] universal da Química e* da Filosofia Natural; e a Terra, como a base imutável de todas as coisas - que o fogo foi considerado como a causa suficiente de todas as coisas - que as impressões seminais foram alojadas no mecanismo da Terra - que a água, por dissolver essa terra e fermentar com essa terra, como faz por meio do calor, produz todas as coisas; daí provieram originalmente os reinos animal, vegetal e mineral".

Os alquimistas conheciam perfeitamente essa potência universal da água. Nas obras de Paracelso, Van Helmont, Filaletes, Taquênio e até de Boyle "a grande característica do *alkahest*, a de "dissolver e modificar todas os corpos sublunares - *dos quais se excetua apenas a água*", é afirmada explicitamente. E é possível acreditar que Van Helmont, cujo caráter privado era inatacável e seu grande saber era reconhecido universalmente, tivesse solenemente declarado que estava de posse do segredo, se este não fosse apenas uma gabolice inútil!

AS EXPERIÊNCIAS DE CROOKES. (L.1.pág.258).

No *Researches in the Phenomena of Spiritualism* do Sr. Crookes, à p. 101, este cavalheiro cita Sergeant Cox que, após ter dado a esta
força o qualificativo de *psíquica*, explica-a nos seguintes termos: "Como o organismo é movido e dirigido em sua estrutura por uma força que é ou não é dirigida pela alma, pelo espírito ou pela mente (...) que constitui o ser individual que chamamos de `Homem`, é igualmente razoável a conclusão de que a força que causa os movimentos que estão fora dos limites dos corpos *é a mesma força que produz o movimento dentro dos limites do corpo.* E da mesma maneira que a força externa é freqüentemente dirigida pela inteligência, é igualmente razoável a conclusão de que a inteligência diretora da força externa seja a mesma inteligência que dirige internamente a força".

A fim de compreender melhor essa teoria, poderíamos dividi-la em quatro proposições e mostrar que Sergeant Cox acredita:

1. Que a força que produz os fenômenos físicos precede *do* médium (conseqüentemente, é gerada *nele*).

2. Que a inteligência que dirige a força para a produção dos fenômenos *(a) pode* às vezes ser outra que não a inteligência do médium; mas a "prova" desse fato é "insuficiente"; portanto, (b) a inteligência diretora é provavelmente a do próprio médium. A isto o Sr. Cox chama de "conclusão razoável".

3. Que a força que move a mesa é idêntica à força que move o próprio corpo do médium.

4. Ele combate energicamente a teoria, ou antes a asserção, espiritista de que "os espíritos dos mortos são os *únicos* agentes na produção de *todos* os fenômenos".

Antes de continuarmos nossa análise dessas opiniões, devemos lembrar ao leitor que nos achamos entre dois opostos extremos representados por duas facções - os crentes e os descrentes nessa ação dos espíritos humanos. Nenhuma delas parece ser capaz de decidir a questão levantada pelo Sr. Cox; pois enquanto os espiritistas são tão onívoros em sua credulidade, chegando a acreditar que todo som e todo movimento num *círculo* deve ser produzido por seres humanos *desencarnados*, os seus antagonistas negam dogmaticamente que algo possa ser produzido por "espíritos", pois eles não existem. Em conseqüência, nenhuma facção está em posição de examinar este assunto com a serenidade que sua importância requer.

Se eles consideram que a força que "produz movimento dentro do corpo" e aquela que "causa o movimento fora dos limites do corpo" têm *a mesma essência*, eles podem estar certos. Mas a identidade dessas duas forças acaba aí. O princípio vital que anima o corpo do Sr. Cox é da mesma natureza que o do seu médium; não obstante, ele não é o médium, nem este é o Sr. Cox.

Essa força, que, para agradarmos tanto ao Sr. Cox quanto ao Sr. Crookes, podemos chamar de *psíquica* ou de qualquer outra coisa, procede *por meio do* médium individual, e não *a partir dele.* Se procedesse dele, esta força seria gerada no médium e podemos mostrar que não é isso o que acontece; nem nos exemplos de levitação de corpos humanos, de movimentação de moveis e de outros objetos sem contato, nem naqueles casos em que a força apresenta razão e inteligência. É bastante conhecido dos médiuns e dos espíritas o fato de que quando mais passivo forem os primeiros, melhores serão as manifestações; e de que cada um dos fenômenos mencionados acima requer uma *vontade consciente* predeterminada. Em casos de levitação, deveríamos acreditar que essa força autogerada elevaria do solo a massa inerte, dirigi-la-ia pelo ar e a recolocaria no solo, evitando obstáculos e, em conseqüência, apresentando inteligência, agindo automaticamente, permanecendo o médium *passivo* durante todo o tempo. Se as coisas se passassem dessa maneira, o médium seria um mago consciente e toda pretensão de ser um instrumento passivo nas mãos de inteligências invisíveis seria inútil. Da mesma maneira, seria um absurdo mecânico considerar que uma quantidade de vapor suficiente para encher, sem estourar, uma chaleira, ergueria a chaleira - ou um jarro de Leyden, cheio de eletricidade, seria movido de lugar. Todas as analogias parecem indicar que a força que opera na presença de um médium sobre objetos externos procede de uma fonte estranha ao próprio médium. Poderíamos compará-la ao hidrogênio que triunfa da inércia do balão. O gás, sob o controle de uma inteligência, é acumulável no recipiente em volume suficiente para ultrapassar a atração de sua massa combinada. Analogamente produz a força psíquica os fenômenos de levitação, e embora seja de natureza idêntica à matéria astral do médium, não é a sua mesma matéria astral, pois este permanece durante todo o tempo numa espécie de torpor cataléptico, se é um autêntico médium. Portanto, o primeiro extremo da hipótese de Cox é errôneo, porque se baseia numa hipótese mecanicamente indefensável. Naturalmente o nosso argumento procede da suposição de que a levitação é um caso observado. A teoria da força psíquica, para ser perfeita, deve explicar todos os "movimentos visíveis (...) em substância sólidas" e entre estes está a levitação.

Quanto ao seu segundo extremo, negamos que não haja prova suficiente de que a força que produz os fenômenos seja às vezes dirigidas por inteligências outras que não a do médium. Ao contrário, há uma tal abundância de testemunhos para mostrar que, na maioria dos casos, nenhuma influência exerce a mente do médium nos fenômenos, pelo qual não pode passar sem reparos a temerária afirmação de Cox neste ponto.

Consideramos igualmente ilógica a sua terceira proposição; pois se o corpo do médium não for o gerador mas apenas o canal da força que produz o fenômeno - uma questão sobre a qual as pesquisas do Sr. Cox não lançam nenhuma luz -, então não decorre que, porque "a alma, o espírito ou a mente" do médium dirige o organismo do médium, é "alma, o espírito ou a mente" que levanta uma cadeira ou dá golpes correspondentes às letras do alfabeto.

Quando à quarta proporção, isto é, a de que "os espíritos dos mortos são os únicos agentes na produção de todos os fenômenos", não sentimos necessidade de nos ocuparmos dela neste momento, pois a natureza dos espíritos que produzem manifestações mediúnicas é tratada externamente em outros capítulos.

A ALMA ASTRAL UM CENTRO DE FORÇA. **(L.1. pág.259).**

Os filósofos, especialmente os iniciados nos mistérios, sustentavam que a alma astral é o incoercível duplicado do corpo denso, o *perispírito* dos espíritos kardecista, ou a *forma-espírito* dos não-reencanacionistas. Sobre esse duplicado ou molde interno, iluminando-a tal como o cálido raio do Sol ilumina a Terra, frutificando o germe e trazendo-o para a visualização espiritual das qualidades latentes que nele dormem, paira o espírito divino. O *perispírito* astral está contido no corpo físico e nele confinado, como o éter numa garrafa ou o magnetismo no ferro magnetizado. É um centro e um engenho de força, alimentado pelo suprimento universal de força e movido pelas mesmas leis gerais que regem toda a Natureza e produzem todos os fenômenos cósmicos. A sua atividade inerente causa as operações físicas incessantes do organismo animal e, em última instância, resulta na destruição da força por abuso ou pela própria perda. É o prisioneiro do corpo, não o ocupante voluntário. Exerce uma atração tão poderosa sobre a força universal externa, que, depois de ter consumido o seu invólucro, termina por escapar dele. Quanto mais forte, mais grosseiro e mais material for o corpo que o envolve, mais longo é o seu aprisionamento. Algumas pessoas nascem com organismos tão excepcionais, que a porta que impede toda comunicação com o mundo da luz astral pode ser facilmente destrancada e aberta e as suas almas podem ver aquele mundo, ou mesmo passar para ele e voltar.

Aqueles que o fazem conscientemente, e à - vontade, são chamados magos, hierofantes, videntes, adeptos; aqueles que são preparados para fazê-lo, seja pelo fluído do mesmerizador ou dos "espíritos", são "médiuns". A alma astral, uma vez aberta as barreiras, é tão poderosamente atraída pelo imã astral universal, que ela às vezes ergue consigo o seu invólucro e o mantém suspenso no ar até que a gravidade da matéria recupere a sua supremacia e o corpo desça novamente à terra.

Toda manifestação objetiva - seja o movimento dum membro vivo, seja o movimento de um corpo inorgânico - exige duas condições: vontade e força - mais *matéria*, ou aquilo que torna o objeto assim movimentado visível ao nossos olhos; e estas três forças conversíveis, ou a correlação de forças dos cientistas. Por seu turno, elas são dirigidas, ou antes obscurecidas, pela inteligência Divina que esses homens deixam tão cuidadosamente de lado, mas sem a qual mesmo o rastejar da menor minhoca não pode ocorrer. Tanto o mais simples quanto o mais comum de todos os fenômenos naturais - o farfalhar das folhas que tremem ao ligeiro contato da brisa - exige um exercício constante dessas faculdades. Os cientistas poderiam chamá-las de leis cósmicas, imputáveis e permanentes. Por trás dessas leis devemos procurar a causa inteligente, que uma vez criada e tendo posto estas leis em movimento, infundiu nelas a essência da sua própria consciência. Quer a chamemos de primeira causa, vontade universal ou Deus, sempre implica inteligência.

A MANIFESTAÇÃO DA VONTADE, E AS FORÇAS PSÍQUICAS. **(L.1. pág.260).**

E agora podemos perguntar: como se manifesta a vontade a um tempo consciente ou inconscientemente, isto é, com inteligência ou sem ela? A mente não pode estar separada da consciência, entendendo-se por tal a consciência física, *senão uma quantidade do princípio senciente da alma, que pode atuar mesmo quando o corpo físico esteja adormecido ou paralisado.* Se, por exemplo, levantamos maquinalmente o braço, cremos que o movimento é inconsciente porque os sentidos corporais não apreciam o intervalo entre o propósito e a execução. No entanto, a vigilante vontade gerou força e pôs o braço em movimento. Nada há, nem ao menos nos mais vulgares fenômenos Mediúnicos, nada que confirme a hipótese de Cox, pois se a inteligência denotada pela força não prova que o seja de um espírito desencarnado, menos ainda poderia sê-lo do médium inconsciente. O próprio Sr. Crookes nos fala de casos em que a inteligência não poderia ter emanado de nenhuma pessoa da sala; como no exemplo em que a palavra *"however"* ["todavia"], coberta por seu dedo e desconhecida dele próprio, foi escrita corretamente na prancheta. Nenhuma explicação justificaria este caso; a única hipótese admissível - se excluirmos a intervenção de um poder-espírito - é a de que as faculdades clarividentes foram postas em jogo. Mas os cientistas negam a clarividência; e se, para escapar da alternativa importuna de atribuir os fenômenos a uma fonte espiritual, eles admitirem o fato da clarividência, então ela os obriga a aceitar a explicação cabalística do que seja esta faculdade, ou então a cumprir a tarefa até agora impraticável de elaborar uma nova teoria que se adapte aos fatos.

Como dissemos anteriormente, a força psíquica moderna e os fluidos oraculares antigos, terrestres ou siderais, são idênticos em essência - simplesmente uma força cega. Assim é o ar. E, ao passo que num diálogo as ondas sonoras produzidas por uma conversação de interlocutores afetam o mesmo corpo de ar, isto não implica dúvida alguma sobre o fato de que há duas pessoas conversando uma com a outra. É mais razoável dizer que, quando um agente comum é empregado pelo médium e pelo "espírito" para se intercomunicarem, não deve necessariamente se manifestar senão uma inteligência? Como o ar é necessário para a troca mútua de sons audíveis, assim também certas correntes de luz astral, ou de éter dirigido por uma *inteligência*, são necessária para a produção dos fenômenos psíquicos. Colocai dois interlocutores no recipiente desprovido de ar de um compressor e, se eles viverem, as suas palavras serão pensamentos inarticulados , pois não haveria ar para vibração e, em conseqüência, para produção de som que chegasse aos seus ouvidos. Colocai o médium mais forte numa atmosfera isolada como a que um mesmerizador poderoso, familiarizado com as propriedades do agente mágico, pode criar ao seu redor, e nenhuma manifestação ocorrerá até que uma inteligência oposta, mais patente do que o poder de vontade do mesmerizador, vença esta última e faça cessar a inércia astral.

Os antigos distinguiram perfeitamente entre uma força cega que age espontaneamente e a mesma força dirigida por uma inteligência.

Plutarco, sacerdote de Apolo, ao falar dos vapores oraculares, que não eram senão gases subterrâneos impregnados de propriedades magnéticas intoxicantes, mostra que a sua natureza é dual quando se dirige a ele com, estas palavras: "E quem és tu? sem um Deus que te crie e te aprimore; sem um demônio [espírito] que, agindo sob as ordens de Deus, te dirige e te governe - tu não podes nada, tu *és nada* mais do que um sopro inútil". Assim, sem alma ou inteligência que a habite, a força psíquica seria apenas um "sopro inútil".

Aristóteles afirma que esse gás, ou emanação astral, que escapa de dentro da Terra, é a única *causa suficiente*, que age de dentro para fora a vivificação de todo ser e planta que vivem na crosta exterior. Em resposta aos negadores cépticos do seu século, Cícero, movido por uma ira justificada, exclama: "E o que pode ser mais divino do que as exalações da Terra, que afetam a alma humana de maneira a torná-la capaz de predizer o futuro? E poderia a mão do tempo evaporar essa virtude? Supões que falas de uma espécie de vinho ou de carne salgada?". Podem os experimentalistas modernos pretender ser mais sábios do que Cícero e dizer que essa força evaporou-se e que as fontes de profecia estão secas?

Diz-se que todos os profetas da Antigüidade - sensitivos inspirados - emitiam as suas profecias nas mesmas condições, por eflúvio externo direto da emanação astral ou por uma espécie de fluxo úmido proveniente da Terra. É esta matéria astral que serve como revestimento temporário das almas que se formam nessa luz. Cornélio Agripa expressa as mesmas opiniões quanto à natureza desses fantasmas quando os descreve como úmidos ou aquosos: "*in spiritu túrbido humidoque*".

As profecias são pronunciadas de duas maneiras - conscientemente, por magos capazes de ler na luz astral; e inconscientemente, por aqueles que agem sob a influencia daquilo que se chama inspiração. A esta última classe pertencem os profetas bíblicos e os videntes estáticos modernos. Tão familiarizado estava Platão com este fato, que ele assim se expressa a respeito desses profetas: "Nenhum homem obtêm a verdade profética e a inspiração quando está em posse dos seus sentidos, (...) mas é necessário para isso que sua mente se ache possuída por algum espírito (...) Há quem o chame de profeta, mas ele não é mais que um repetidor, porque de nenhum modo se deve chamá-lo profeta, senão *transmissor* de visões e profecias".

Eis alguns desses fatos de "evidência esmagadora": 1º) O movimento de corpos pesados com contato, mas sem esforço mecânico. 2º) Os fenômenos de sons de percussão e outros. 3º) A alteração do peso de corpos. 4º) Movimentos de substâncias pesadas *a uma certa distância do médium.* 6º) A LEVITAÇÃO DE SERES VIVOS. 7º) "Aparições luminosas". Diz o Sr. Crookes: "Sob as condições mais estritas de teste, vi um corpo sólido autoluminoso, do tamanho e quase da mesma forma de um ovo de peru, flutuar silenciosamente pela sala, às vezes a uma altura a que nenhum dos presentes poderia chegar mesmo na ponta dos pés, e depois descer suavemente para o chão. Foi visível por mais de dez minutos e, antes que desaparecesse, golpeou a mesa por três vezes com um som que faz um corpo sólido e duro". (Devemos inferir que o ovo tivesse a mesma natureza do gato-meteoro de Babinet, que está classificado com outros fenômenos naturais nas obras de Arago.) 8º) O aparecimento de mãos, autoluminosos ou visíveis em luz comum. 9º) "Escrita direta" por essas mesmas mãos luminosas, separadas de um corpo, e evidentemente dotadas de inteligência (força psíquica?). 10º) "Formas e faces de fantasmas". Neste exemplo, a força psíquica provém "do canto da sala" como uma "forma de fantasma", pega um acordeão com as mãos e desliza pela sala tocando o instrumento; Home, o médium, estava à vista de todos durante todo o tempo. O Sr. Crookes testemunhou e testou tudo isso em sua própria casa e, assegurando-se cientificamente da autenticidade do fenômeno, relatou-o à Royal Sodiety. Foi ele bem recebido como o descobridor de fenômenos naturais de um caráter novo e importante? Que o leitor consulte a sua obra para a resposta.

Além dos fenômenos enumerados, o Sr. Crookes apresenta uma outra classe de fenômenos, que ele denomina "exemplos especiais, que lhe *parecem* advertir a ação de uma inteligência *exterior*".

"Eu estava", diz o Sr. Crookes, "com a Srta. Fox quando ela escrevia uma mensagem automaticamente para uma pessoa presente, enquanto uma mensagem para outra pessoa, sobre *outro* assunto, estava sendo dada alfabeticamente por meio de `batidas' e, durante todo o tempo, ela conversava tranqüilamente com uma terceira pessoa sobre um assunto totalmente diferente dos dois outros. (...) Durante uma *sessão* em que o médium era Home, uma pequena régua (...) se moveu em minha direção, *em plena luz*, e me transmitiu uma mensagem por meio de batidas na minha mão; eu repetindo o alfabeto, e a régua tocando a minha mão quando eu enunciava a letra correta (...) a uma certa distância das mãos do Sr. Home." A mesma régua, a pedido do Sr. Crookes, transmitiu-lhe "uma mensagem telegráfica através do código Morse, por meio de batidas na minha mão" (o código Morse era totalmente desconhecido dos presentes e apenas parcialmente conhecido pelo Sr. Crookes), "e ela, acrescenta o Sr. Crookes, "me convenceu de que havia um bom operador Morse do outro lado da linha, SEJA LÁ ONDE FOR ISSO". Seria impertinente neste caso sugerir que o Sr. procurasse o seu operador no seu domínio privado - a Terra Psíquica? Mas a mesma ripa fez mais e melhor. Em plena luz, na sala do Sr. Crookes, foi solicitada *a ela* uma mensagem, "(...) um lápis e algumas folhas de papel foram colocados no centro da mesa: um instante depois, *o lápis ficou em pé* e, depois de ter avançado com movimentos hesitantes para o papel, caiu. Ergue-se e tombou novamente (...) após três tentativas infrutíferas, uma pequena régua" (o operador Morse) "que estava repousando sobre a mesa *deslizou para perto do lápis e ergueu-se* a alguns centímetros da mesa; o lápis ergueu-se novamente e, *apoiando-se à régua*, tentaram os dois juntos escrever sobre o papel. Ele caiu e *uma nova tentativa* foi feita. Na terceira vez, a

régua levantou-se e *voltou para o seu lugar*, o lápis permaneceu como havia caído sobre o papel e uma mensagem alfabética nos disse: `Tentamos fazer o que foi solicitado, mas *o nosso poder* se esgotou!". A palavra *nosso*, que indica os esforços inteligentes da amistosa régua e lápis, fez-nos pensar que havia *duas* forças psíquicas presentes.

Em tudo isso, há alguma prova de que o agente diretor fosse "a inteligência do médium"? Não há, ao contrário, uma indicação de que os movimentos da régua e do lápis eram dirigidos por espíritos "dos mortos", ou pelo menos pelos espíritos de alguma outra entidades inteligentes inobservadas? Com certeza, a palavra Magnetismo explica neste caso tão pouco quanto a expressão *força psíquica*; entretanto, é mais razoável utilizar a primeira e não a segunda, quando mais não fosse pelo simples fato de que o magnetismo ou mesmerismo *transcendente* produz, fenômenos idênticos, quanto aos efeitos, àqueles produzidos pelo Espiritismo. O fenômeno do círculo *encantado* do Barão Du Potet e Regazzoni é tão contrário às leis aceitas da Fisiologia quanto a elevação de uma mesa sem contato o é às leis da Fisiologia Natural. Assim como homens fortes freqüentemente consideram impossível levantar uma pequena mesa que pesava alguns quilos e a reduziram a pedaços nas suas tentativas de erguê-la, assim também uma dúzia de experimentadores, entre os quais às vezes figuravam acadêmicos, foram absolutamente incapazes de atravessar uma linha traçada com giz no chão por Du Potet. Numa ocasião, um general russo, bastante conhecido pelo seu ceticismo, insistiu, até cair no chão com convulsões violentas. Neste caso, o fluído magnético que se opôs a tal resistência foi a força psíquica do Sr. Cox, que dotou as mesas de um peso extraordinário e sobrenatural. Se produzem os mesmo efeitos psicológicos e fisiológicos, existem boas razões para se acreditar que eles sejam mais ou menos idênticos. Não achamos que nossa dedução possa dar margem a alguma objeção. Além disso, mesmo que os fatos fossem negados, não há razão para que não existissem. Numa certa época, todas as Academias da Cristandade concordaram em negar que havia montanhas na Lua; e houve uma certa época em que, se alguém tivesse a temeridade de afirmar que havia vida tanto nas regiões superiores da atmosfera quanto nas profundezas insondáveis do oceano, ele seria tratado como louco ou ignorante.

"O diabo afirma, então, deve ser mentira!" - costuma dizer o piedoso abade Almignana, numa discussão com uma "mesa espiritualizada". Logo poderemos para-fraseá-lo e dizer: "Os cientistas negam, então deve ser verdade".

****
***

CAPÍTULO VII

OS ELEMENTOS, OS ELEMENTAIS E OS ELEMENTARES.

A ATRAÇÃO E REPULSÃO UNIVERSAL. (L.1.pág. 267).

Os eruditos antigos e medievais acreditavam nas doutrinas arcanas da sabedoria. Esta incluíam a Alquimia, a Cabala caldaico-judia, os sistemas esotéricos de Pitágoras e dos antigos magos, e os dos últimos filósofos e teurgista platônicos. Não devemos esquecer de mostrar as grandes verdades que jazem sob as religiões malcompreendidas do passado. Os quatro elementos de nossos pais, terra, ar, água e fogo, contêm para o estudante da Alquimia e da antiga Psicologia - ou, como agora é chamada, *magia* - muitas coisas com que nossa filosofia jamais sonhou. Não devemos esquecer que o que é agora chamado de *Necromancia* pela Igreja, e *Espiritismo* pelos crentes modernos, e que inclui a evocação de espíritos mortos, é uma ciência que, desde a remota Antigüidade, se difundiu quase universalmente pela superfície de nosso globo.

Embora não sendo nem alquimista nem astrólogo, mas simplesmente um grande filósofo, Henry More, da Universidade de Cambridge, um homem de renome universal, pode ser considerado um arguto lógico, cientista e metafísico. Durante toda a vida ele acreditou fortemente na feitiçaria. Sua fé na imortalidade e os hábeis argumentos na demonstração da sobrevivência do espírito do homem após a morte baseiam-se no sistema pitagórico, adotado por Cardan, Van Helmont, e outros místicos. O espírito infinito e incriado que chamamos comumente de DEUS, substância da mais elevada virtude e excelência, produziu todas as coisas pela *causalidade emanativa.* Deus, portanto, é a substância primária, e tudo o mais, a secundária; se Deus criou a matéria com o poder de mover-se a si própria, ele, a Substância Primária, é ainda a causa desse movimento, tanto quanto da matéria, e podemos dizer acertadamente que é a matéria que se move a si própria. "Podemos definir esta espécie de espírito de que falamos como uma substância indiscernível, que pode mover-se, que pode penetrar-se, contrair-se e dilatar-se, e que também pode penetrar, mover e alterar a matéria", que é a terceira emanação. Ele acredita firmemente nas aparições, e defendia intransigentemente a teoria da individualidade de toda alma, em que "personalidade, memória e consciência continuarão seguramente num estado futuro". Ele dividia o corpo astral do homem, após a sua saída do corpo, em dois veículos distintos: e "aéreo" e o "etéreo". Durante o tempo em que o homem desencarnado se move em suas vestes aéreas, está sujeito ao *Destino*, ao mal e à tentação, vinculado aos seus interesses terrestres, e por isso não é totalmente puro; é apenas quando abandona esta roupagem das primeiras esferas e se torna etéreo que ele se apresenta seguro de sua imortalidade. "Pois que sombra pode esse corpo projetar que seja luz pura e transparente, tal como o é o veículo etéreo? E é assim que se cumpriu o oráculo, quando a alma ascendeu àquela condição de que já falamos, na qual só ela fora do alcance do *destino e da mortalidade*". Ele concluiu sua obra declarando que esta condição transcendente e divinamente pura era o único objeto do pitagóricos.

Descartes, embora um cultor da matéria, era um dos mais devotados mestres da doutrina magnética e, num certo sentido, até mesmo da Alquimia. Seu sistema filosófico assemelha-se bastante ao de outros grandes filósofos. O espaço, que é infinito, é composto, ou antes preenchido, por uma matéria fluida e elementar, e é a única fonte de toda a vida, que enfeixa todos os globos celestiais e os mantém em perpétuo movimento. As correntes magnéticas de Mesmer são por ele disfarçadas nos vórtices cartesianos, e ambos repousam no mesmo princípio. Ennemoser não hesita em afirmar que ambos têm mais em comum "do que as pessoas imaginam, pois não examinaram cuidadosamente o assunto".

O bem-conhecido Dr. Hufeland escreveu uma obra sobre Magia, em que propõe a teoria magnética universal entre homens, animais, plantas e mesmo minerais. Ele confirma o testemunho de Campanella, Van Helmont e Sérvio, no que se refere à simpatia existente tanto entre as diferentes parte do corpo quanto entre as partes de todas os corpos orgânicos e inorgânicos.

OS FENÔMENOS PSÍQUICOS DEPENDEM DO MEIO FÍSICO. (L. 1. pág. 269).

Kepler - precursor de Newton em muitas grandes verdades, inclusive na da "gravitação" universal, que ele corretissimamente atribui à atração magnética, embora chame a Astrologia de "a filha insana de uma mãe muito sábia", a Astronomia - partilha da crença cabalística de que os espíritos dos astros não passaram de "inteligências". *Ele acredita firmemente em que cada planeta é a sede de um princípio inteligente e que todos são habitados por seres espirituais, que exercem influência sobre outros seres que habitam esferas mais grosseiras e materiais do que a sua própria e especialmente sobre a nossa Terra.* Como as influencias

estrelares *espirituais* de Kepler foram suplantadas pelos vórtices do materialista Descartes, cujas tendências ateístas não o impediram de acreditar que havia descoberto um regime que prolongaria sua vida por mais de quinhentos anos, os vórtices deste último e as suas doutrinas astronômicas poderão algum dia dar lugar às correntes magnéticas *inteligentes* que são dirigidas pela *Anima Mundi*.

Batista Porta, o sábio filósofo italiano, não obstante seus esforços para mostrar ao mundo a fala de fundamento das acusações de que a Magia é superstição e feitiçaria, tem sido tratado pelos críticos modernos com a mesma injustiça que os seus colegas. Este célebre alquimista deixou uma obra sobre *Magia Natural,* em que baseia todos os fenômenos ocultos possíveis ao homem na alma do mundo que une todas as coisas entre si. Ele mostra que a luz astral (* Capítulo V) age em harmonia e simpatia com toda a Natureza; que ela é a essência da qual os nossos espíritos são formados; e que, agindo em uníssono com a sua fonte-mãe, nossos corpos siderais se tornaram capazes de produzir maravilhas mágicas. Todo o segredo depende de nosso conhecimento dos elementos afins. Ele acreditava na pedra filosofal, "da qual o mundo tinha uma tão alta opinião que foi alardeada durante tantos séculos e *afortunadamente alcançada por alguns.* Finalmente, ele emite muitas sugestões valiosas a respeito de seu "significado espiritual". Em 1643, surgiu entre os místicos um monge, Padre Kirche, que ensinou uma filosofia completa do Magnetismo universal. Suas numerosas obras abrangem muitos dos assuntos apenas sugeridos por Paracelso. Sua definição do Magnetismo é muito original, pois ele contradisse a teoria de Gilbert, segundo a qual a Terra é um grande imã. Ele afirmava que, embora toda partícula de matéria, e mesmo os "poderes" invisíveis, sejam magnéticos, não constituem em si mesmo um imã. *Existe apenas um ÍMÃ no Universo, e dele procede a magnetização de tudo.* Este imã é naturalmente o que os cabalistas chamam de Sol Espiritual Central, ou DEUS. Ele afirma que o Sol, a Lua, os Planetas e as estrelas são altamente magnéticos; mas eles se tornaram assim por indução vivendo no fluído magnético universal. Ele demonstra a simpatia misteriosa existente entre os corpos dos três principais reino da Natureza, e reforça o seu argumento com um catálogo estupendo de exemplos. Muitos destes foram verificados pelos naturalistas, mas ainda muitos cuja autenticidade não foi reconhecida; assim, de acordo com a política tradicional e com a lógica equivoca de nossos cientistas, foram negados. Por exemplo, ele mostra uma diferença entre o magnetismo mineral e o zoomagnetismo, ou magnetismo animal. Ele o demonstra pelo fato de que, exceto no caso da magnetita, todos os minerais são magnetizados pela potência superior, o magnetismo animal, ao passo que este o possui como emanação direta da primeira causa - o Criador. Uma agulha pode ser magnetizada sendo simplesmente segura pela mão dotada de uma vontade poderosa, e o âmbar desenvolve seus poderes mais pela fricção da mão humana do que por qualquer outro objeto; assim, o homem pode transmitir a sua própria vida, e, em certa medida, *animar* objetos inorgânicos. Isso, "aos olhos dos tolos, é feitiçaria". "O Sol é o mais magnético de todos os corpos", diz ele, antecipando, assim, a teoria do Gen. Pleasonton em mais de dois séculos. "Os filósofos antigos jamais negaram o fato", acrescenta ele, "mas perceberam que o Sol prende todas as coisas a si, e também comunica este poder unificante e outras coisas."

Kirches explica todos os sentimentos humanos como resultado das modificações de nossa condição magnética. Raiva, ciúme, amizade amor e ódio, tudo são modificações da atmosfera que se desenvolve em nós e que emana continuamente de nós. O amor é uma das variáveis, e por isso as suas manifestações são incontáveis. O amor espiritual, o de uma mãe por seu filho, o de um artista por uma arte particular, o amor como pura amizade são manifestações simplesmente magnéticas de sistemas em natureza congênitas. *O magnetismo do amor puro é a origem de toda coisa criada.* Em seu sentido ordinário, o amor entre os sexos é eletricidade, e ele o chama *amor febris species*, a febre das espécies. Há duas espécies de atração magnética: simpatia e fascinação; uma é santa e natural, e a outra, má e não natural. À última, a fascinação, devemos atribuir o poder do sapo venenoso que, simplesmente abrindo a boca, atrai o réptil ou o inseto que se precipita nela para a sua destruição. O veado, assim como outros animais menores, são atraídos pelo hálito da jibóia, e são irresistivelmente compelidos a vir ao seu alcance. O peixe torpedo entorpece o braço do pescador por algum tempo, com suas descargas. Para exercer um tal poder com fins benéficos, o homem requer três condições: 1º) nobreza de alma; 2º) vontade poderosa e capacidade imaginativa; 3º) um paciente mais fraco que o magnetizador, senão ele resistirá. Um homem livre dos estímulos e da sensualidade mundanos pode curar dessa maneira as doenças mais "incuráveis", e a sua visão pode tornar-se lúcida e profética.

A ALMA DO MUNDO, E SUAS POTENCIALIDADES. (L. 1. pág. .271).

Especialmente nos países que não foram abençoados com a civilização que deveríamos buscar uma explicação da Natureza, e observar os efeitos daquele poder sutil, que os antigos filósofos chamavam de a "alma do mundo". Apenas no Oriente, e nas imensas regiões da África inexplorada, encontrará o estudante de Psicologia alimento abundante para a sua alma sedenta de verdade. A razão é óbvia. A atmosfera nas regiões populosas está nocivamente viciada pela fumaça e pelas emanações de fábricas, máquinas a vapor, estradas de

ferro e barcos a vapor, e especialmente pelas exalações miasmáticas dos vivos. A Natureza depende, tanto quanto o ser humano, das condições antes de poder agir, e sua poderosa respiração pode, por assim dizer, ser facilmente estorvada, impedida e interrompida, e a correlação de suas forças ser destruída num dado ponto, como se ela fosse um homem. Não apenas o clima mas também influências ocultas tendem diariamente não só a modificar a natureza físico-psicológica do homem, mas também a alterar a constituição da chamada matéria inorgânica num grau não facilmente compreendido pela ciência européia.

Vejamos, "Três espíritos vivem no homem e o animam", ensina Paracelso; "três mundos projetam seus raios sobre ele; mas todos os três apenas como a imagem e o eco de um único e mesmo princípio de produção que constrói e une todas as coisas. O Primeiro é o Espírito dos Elementos [corpo terrestre e força vital em seu estado bruto]; e Segundo, o Espírito dos Astros [corpo sideral ou Astral]; o Terceiro é o Espírito *Divino [Augoeides]*. Estando nosso corpo humano de posse da "matéria terrestre primeva", como Paracelso a chama, podemos aceitar facilmente a tendência da moderna pesquisa científica "para encarar os processos da vida animal e vegetal como meramente físicos e químicos". Essa teoria corrobora ainda mais as afirmações dos filósofos antigos e a *Bíblia mosaica*, segundo as quais os nossos corpos foram feitos de pó e para o pó voltarão. Mas devemos lembrar que:

"`És pó e ao pó voltaras',
não é da alma que se falou"

O homem é um pequeno mundo - um microcosmo dentro do grande macrocosmo. Como um feto, ele está suspenso, por *três* espíritos, na matriz do macrocosmo; e enquanto seu corpo terrestre está em simpatia constante com a terra, sua mãe, a sua alma astral, vive em uníssono com a *anima mundi* sideral. Ele está nela, como ela está nele, pois o elemento que impregna o universo enche todo o espaço, e *é* o próprio espaço, só que sem bordas e infinito. Quanto ao seu terceiro espírito, o divino, o que é ele senão um raio infinitesimal, uma das incontáveis radiações que procedem da Causa Superior - a Luz Espiritual do Mundo? Tal é a trindade na natureza orgânica e inorgânica - a Espiritual e a Física, que são Três em Um, e a respeito da qual diz Proclus que "A Primeira Mônada é o Deus Eterno; e Segunda, a Eternidade; a Terceira, o Paradigma, ou o padrão do Universo"; constituindo as três a Tríada Inteligível. Tudo neste universo visível é Emanação dessa Tríada, e uma Tríada microcósmica em si. E assim elas se movem em majestosa procissão nos campos da Eternidade, em torno do Sol Espiritual, do mesmo modo como no sistema heliocêntrico os corpos celestiais se movem em redor dos Sóis visíveis. A *Mônada* pitagórica, que vive "na solidão e nas trevas", pode permanecer sobre esta terra para sempre invisível, impalpável e indemonstrada pela ciência experimental. Contudo, todo o universo estará gravitando ao seu redor, como o fez desde o "começo do tempo", e a cada segundo o homem e o átomo aproximam-se desse solene momento na eternidade, em que a Presença Invisível se revelará à sua visão espiritual. Quando cada partícula de matéria, mesmo a mais sublimada, for rejeitada da última forma que constitui o derradeiro elo daquela cadeia de dupla evolução, que, através de milhares de séculos e sucessivas transformações, impulsionou o ser para a frente; e quando ela for revestida pela essência primordial, idêntica à de seu Criador, então esse átomo orgânico impalpável terá terminado sua marcha, e os filhos de Deus "regozijar-se-ão" uma vez mais com a volta do peregrino.

"O homem", diz Van Helmont, "é o espelho do universo, e a sua tripla natureza está em relação com todas as coisas". A vontade do Criador, por cujo intermédio todas as coisas foram e receberam seu primeiro impulso, é a propriedade de todo ser vivente. O homem, dotado de uma espiritualidade adicional, tem a parte maior dela sobre este planeta. Depende da proporção de matéria nele existente a capacidade de exercer a sua faculdade mágica com maior ou menor sucesso. Dividindo essa potência divina em comum com todo átomo inorgânico, ele a exerce durante toda a vida, conscientemente ou não. No primeiro caso, quando em plena posse de seus poderes, ele se tornará o seu mestre, e o *magnale magnum* (a Alma Universal) será controlado e guiado por ele. No caso dos animais, plantas e minerais, e mesmo da média Humanidade, esse fluído etéreo que impregna todas as coisas quando não encontra nenhuma resistência, e é abandonado a si mesmo, os move seguindo seus impulsos diretos. Todo ser criado nesta esfera sublunar foi formado deste *magnale magnum* (ou Alma Universal), e relaciona-se a ele. O homem possui um poder celestial duplo, e está unido ao céu. Este poder existe "não apenas no homem exterior, mas, num certo grau, também nos animais, e às vezes em todas as outras coisas, pois as coisas no universo estão em relação umas com as outras; ou, pelo menos, Deus está em todas as coisas, como os antigos já observaram com uma correção admirável. É necessário que a força mágica seja despertada tanto no homem exterior quanto no interior. (...) E se o chamamos de poder mágico, só os ignorantes podem se assustar com essa expressão. Mas, se preferis, podeis chamá-lo de poder espiritual -

spirituale robus vocitaveris. Existe um tal poder no homem interior. Mas, como existe uma certa relação entre o homem interior e o exterior, essa força deve ser difundida por todo o homem".

O PODER DA IMAGINAÇÃO. (L. 1 pág. 275).

O célebre escocês Maxwell oferecia-se para provar às várias faculdades de Medicina que com certos meios magnéticos à sua disposição ele poderia curar qualquer uma das doenças abandonadas por elas como incuráveis, tais como epilepsia, insanidade, coxeadura, hidropisia e as febres obstinadas ou intermitentes.

A história familiar do exorcismo do "espírito mau procedente de Deus" que obsediava Saul, ocorrerá a todos a este propósito. Ela é assim relatada: "E sucedeu que, quando o espírito maligno da parte de Deus vinha sobre Saul, tomava a harpa, e a dedilhava; então Saul sentia alívio, e se achava melhor, e o espírito maligno se retirava dele".

Maxwell, em sua *De medicina magnética,* expõe as seguintes proposições, que não são outras senão as mesmas doutrinas dos alquimistas e dos cabalistas:

"O que os homens chamam de alma do mundo é uma vida, como o fogo, espiritual, ligeira, luminosa e etérea como a própria luz. É um espírito de vida que existe em toda parte, e que é em toda parte o mesmo. (...) Toda matéria é desprovida de ação, exceto quando é animada pelo espírito. Esse espírito mantém todas as coisas em seu estado peculiar. Encontra-se na natureza livre de todos os grilhões; e aquele que sabe como uni-lo a um corpo harmônico possui um tesouro que ultrapassa todas as riquezas".

"O espírito é o vínculo comum de todos os quadrantes da Terra, e vive em tudo e por tudo."

"Aquele que conhece este espírito da vida universal e as suas aplicações pode prevenir todas as injúrias".

"Se sabes utilizar este espírito e fixá-lo sobre algum corpo particular, realizará o mistério da Magia".

"Aquele que sabe como agir sobre o homem por meio desse espírito universal pode curar, e à distância que lhe aprouver".

"Aquele que pode fortificar o espírito próprio com este espírito universal continuará a viver até a eternidade".

"Existe um vínculo que une os espíritos ou as emanações, mesmo quando eles estão separados uns dos outros. E qual é esse vínculo? É um fluxo eterno e incessante dos raios de um corpo em outro".

"Entrementes", diz Maxwell, "não *é sem perigo* ocupar-se dele. Muitos abusos abomináveis podem ocorrer".

Vemos agora quais são esses abusos dos poderes mesméricos e magnético sem alguns médiuns curadores.

Curar, para merecer tal nome, requer a fé do paciente ou uma saúde robusta unida a uma vontade poderosa do operador. *Com paciência suplementada pela fé, pode o homem curar-se de quase todos os estados morbíficos.* O túmulo de um santo; uma relíquia sagrada; um talismã; um pedaço de papel ou de tecido que foi manuseado pelo suposto curador; uma panacéia; uma penitência ou uma cerimônia; a imposição das mãos, ou algumas palavras pronunciadas de modo emocionante - um ou outro o fará. É uma questão de temperamento, imaginação, auto-sugestão. Em milhares de casos, o médico, o sacerdote ou a relíquia obtiveram o crédito por curas que eram devidas única e simplesmente à vontade inconsciente do paciente. À mulher com perda de sangue que se espremia pela turba a fim de tocar a túnica de Jesus, assegurou-se-lhe que foi a "fé" que a curou.

A influência da mente sobre o corpo é tão poderosa que ela realizou milagres em todos os tempos.

"Quantas curas inesperadas, súbitas e prodigiosas foram realizadas pela imaginação", diz Salvete. "Nossos livros de Medicina estão repletos de fatos dessa natureza, que passariam facilmente por milagres."

Mas, se o paciente não tem fé, o que acontece? Se ele é fisicamente negativo e receptivo, e o curador forte, saudável, positivo, determinado, a doença pode ser extirpada pela vontade imperativa do operador que, consciente ou inconscientemente, chama a si e se fortalece com o espírito da natureza universal, e restaura o equilíbrio perturbado da aura do paciente. Ele pode empregar como um auxiliar um crucifixo - como fazia Gassner; ou impor as mãos e a "vontade", como o zuavo francês Jacob, como o nosso célebre americano Newton, que curou muitos milhares de sofredores, como muitos outros; ou como Jesus, e alguns apóstolos, ele pode curar com uma palavra de comando. O processo em cada caso é o mesmo.

Em todos estes casos a cura é radical e real, e sem efeitos danosos secundários. Mas quando alguém que está fisicamente doente tenta curar, ele não apenas falha como também comunica muitas vezes a sua doença ao paciente, e lhe rouba o pouco de força que tenha. O decrépito rei Davi reforçava o seu vigor combinado com o magnetismo sadio da jovem Abisague; e as obras de Medicina falam-nos de uma senhora idosa de Bath, Inglaterra, que arruinou sucessivamente, da mesma maneira, a constituição de duas criadas. Os velhos sábios, e também Paracelso, removiam as doenças aplicando um organismo sadio à parte afligida, e

nas obras do filósofo do fogo acima mencionado sua teoria é clara e categoricamente exposta. Se uma pessoa doente - médium ou não - tenta curar, sua força pode ser suficientemente robusta para deslocar o mal, fazê-lo sair do presente lugar, e fazê-lo mudar-se para outro, onde brevemente reaparecerá; o paciente, entrementes, acredita-se curado.

Mas, que acontece se o curador está moralmente doente? As conseqüências podem ser infinitamente mais nocivas; pois é mais fácil curar uma doença física do que purificar uma compleição infeccionada pela torpeza moral. O mistério de Morzine, Cévennes e dos jansenistas ainda o é para os filósofos e os psicólogos. Se o dom da profecia, assim como a histeria e as convulsões, podem ser transmitidos pelo "contagio", por que não todos os outros vícios? O curador, neste caso, comunica ao seu paciente - que é agora sua vítima - o veneno moral que infecta sua própria mente e coração. Seu toque magnético é contaminação; seu olhar, profanação. Contra sua tara não existe proteção para o paciente passivelmente receptivo. O curador o mantém sob seu poder, enfeitiçado e impotente, como, a serpente mantém um pobre e frágil pássaro. O mal que um desses "médiuns curadores" pode causar é incalculavelmente grande; e tais curadores se contam às centenas.

Mas, para fechar uma lista de testemunhas que se poderia prolongar indefinidamente, bastará dizer que, da primeira à última, de Pitágoras a Éliphas Lévi, da mais ilustre mais humilde, todas ensinam *que o poder mágico jamais foi possuído por aqueles inclinados a prazeres viciosos.* Apenas o puro de coração "vê Deus" ou exerce dons divinos - apenas ele pode curar as doenças do corpo e deixar-se guiar com relativa segurança pelos "poderes invisíveis". Apenas ele pode dar paz aos espíritos perturbados de seus irmãos e irmãs, pois as águas curativas não provêm de uma fonte envenenada; uva não crescem em espinheiros, e cardos não produzem figos. Mas, apesar disso, "a Magia nada tem de supremo"; ela é uma ciência, e mesmo o poder de "expulsar demônios" era um ramo seu, de que os iniciados fizeram um estado especial. "A arte que expulsa demônios dos corpos humanos é uma ciência útil e salutar aos homens", diz Josefo.

AS ORIGENS DAS MANIFESTAÇÕES MEDIÚNICAS. **(L. 1. pág. 277).**

Indubitavelmente, os que acreditam nos fenômenos modernos podem reclamar para si uma grande variedade de vantagens, mas o "discernir espíritos" está evidentemente ausente desse catálogo de dons "espirituais". Falando do "diakka", que uma bela manhã ele tinha descoberto num recanto sombrio da "Summer Land", A.J. Davis, o grande vidente americano, assinala: "Um diakka é um ser que experimenta um prazer insano em *pregar peças*, em fazer sortes com *truques*, em *personificar* caracteres opostos; para quem as orações e as palavras profanas têm o mesmo valor; dominado pela paixão por narrativas líricas (...) moralmente diferente, ele não tem nenhum sentimento de justiça, de filosofia ou de terna afeição. Ele nada sabe daquilo que os homens chamam de sentimento de gratidão; os objetivos do ódio e do amor são os mesmos para ele; seu lema é muitas vezes medonho e terrível aos outros - o EU é tudo na vida particular, e a aniquilação é exaltada com o *fim de toda a vida particular*. Ontem mesmo um deles, assinando-se como *Swedemborg*, disse a uma senhora médium o seguinte: "Tudo que é, foi e será, ou pode ser, SOU EU; e a vida particular não passa de fantasmas agregados de palpitações pensantes, correndo em sua elevação para o coração central da morte eterna!"

Porfírio, cujas obras - para emprestar a expressão de um fenomenalista irritado - "emboloram como qualquer outro refugo antiquado nos armários do esquecimento", fala assim desse diakka - se tal é seu nome - redescoberto no século XIX: "É com a ajuda direta desses maus demônios que se realizam todos os atos de feitiçaria (...) é o resultado de sua operações, e os homens que injuriam seus semelhantes pagam freqüentemente grande tributo a esses demônios maus, e especialmente a seu chefe. Estes espíritos passam o tempo enganando-nos, com um grande aparato de prodígios vulgares e *ilusões*; sua ambição é a de serem tomados por deuses, e seu chefe reclama ser reconhecido como o deus supremo"

O espírito que se assina Swedenborg - citado do *Diakka* de Davis, e que sugere ser o EU SOU - assemelha-se singularmente a este chefe dos demônios maus de Porfírio.

Nada mais natural do que esse aviltamento dos teurgistas antigos e experiente por certos médiuns, quando encontramos Jâmblico, o expositor da teurgia espiritualista, proibindo estritamente todo esforço para produzir tais manifestações fenomênicas; a não ser depois de um longa preparação de purificação moral e física, e sob a orientação de teurgistas experientes. Quando, além disso, ele declara que, com pouquíssimas exceções, o fato de uma pessoa "*surgir alongada ou mais espessa, ou elevar-se no ar*" é uma marca segura de obsessão por demônios *maus.*

A experiências do Sr. Crookes é uma boa evidência de que muitos espíritos "materializados" falam com uma voz audível. Ora, nós demonstramos, com base no testemunho dos antigos, que a voz dos espíritos humanos não é e *não pode ser* articulada, pois é, como declara Emanuel Swedenborg, "um profundo suspiro". Em qual dessas duas classes de testemunhos se deve acreditar sem medo de errar? É a dos antigos que tiveram

a experiência de tantos séculos de prática teúrgicas, ou a dos espíritas modernos, que não têm nenhuma, e que não têm fatos em que basear qualquer opinião, exceto os que foram comunicados pelos "espíritos", cuja identidade não têm meios de provar? Existem médiuns cujos organismos foram utilizados às vezes por centenas dessas pseudoformas "humanas". No entanto, não lembramos de ter visto ou ouvido um só que tenha expresso outras coisas que não as idéias mais ordinárias. Este fato deveria certamente chamar a atenção dos espiritista menos crítico. Se um espírito pode falar, e se o caminho está aberto tanto aos seres inteligentes quanto aos não inteligentes, por que não nos dão eles comunicações que se aproximem em qualidade em algum grau remoto das comunicações que recebemos através da "escrita direta"? Se a mesma espécie de "espíritos" se materializa e produz a escrita direta, e ambas se manifestam através dos médiuns, e uma fala absurdos, ao passo que a outra nos dá com freqüência ensinamentos filosóficos sublimes, por que deveriam as suas operações mentais ser limitadas "pelo horizonte intelectual do médium" num caso mais do que no outro? Os médiuns materialistas - pelo menos até onde se estende a nossa observação - não são menos educados do que muitos camponeses e operários que em tempos diferentes deram, sob influência suprema, idéias profanas e sublimes ao mundo. Quando os espíritos se vêem dotados de órgãos vocais para falar, não lhes é muito difícil exprimir-se de um modo condizente com a hipotética educação, inteligência e posição social que tiveram em vida, em lugar de cair invariavelmente no diapasão monótono de lugares-comuns e, não muito raramente, de banalidades. Quanto à observação esperançosa do Sr. Sargent, de que "pelo fato de a ciência do Espiritismo esta ainda na infância, podermos esperar por mais luz a esse respeito", tememos dever replicar que *não é através desses "gabinetes escuros" que a luz algum dia recairá.*

A LÂMPADA INEXTINGUÍVEL, SÃO OBRAS DA ALQUIMIA. **(L. 1. pág. 282).**

É fácil compreender que um fato ocorrido em 1731, que testificar um outro fato que aconteceu durante o papado de Paulo III, por exemplo, seja desacreditado em 1876. E quando os cientistas são informados de que os romanos mantinham luzes em seu sepulcro por anos incontáveis graças à *oleosidade de ouro*; e que uma dessas lâmpadas perpétuas foi descoberta queimando brilhantemente na tumba de Túlia, a filha de Cícero, não obstante a tumba ter estado fechada durante mil e quinhentos e cinqüenta anos - eles têm um certo direito de duvidar, e mesmo de descrer da afirmação, até se assegurarem, pela evidência de seus próprios sentidos, de que tal coisa é possível. Neste caso, eles podem rejeitar o testamento de todos os filósofos antigos e medievais. O enterro dos faquires vivos e a sua ressurreição subseqüente, após trinta dias de inumação, pode parecer-lhes suspeito. Assim também a auto-inflição de feridas mortais, e a exibição de suas próprias entranhas às pessoas presentes por vários lamas, que curam tais feridas quase instantaneamente.

Os faquires continuarão a ser enterrados e a ressuscitar, satisfazendo a curiosidade dos viajantes europeus; e os lamas e os ascetas hindus ferir-se-ão, mutilar-se-ão eviscerar-se-ão e achar-se-ão ainda melhores por isso; e as negações de todo o mundo não soprarão o suficiente para extinguir as lâmpadas perpétuas de algumas criptas subterrâneas da Índia, do Tibete e do Japão. Uma de tais lâmpadas é mencionada pelo Reverendo S. Mateer, da Missão Londrina. No tempo de Trivandrum, no reino de Travancore, sul da Índia, "há um profundo poço no interior do templo, no qual imensas riquezas são lançadas ano após ano, num outro lugar, uma cova coberta por uma pedra, uma grande lâmpada de ouro, que foi acesa há mais de 120 anos, ainda continua a queimar", diz este missionário em sua descrição do lugar. Missionários católicos atribuem essas lâmpadas, como costuma acontecer, aos serviços obsequiosos do demônio. O pastor protestante, mais prudente, menciona o fato, e não faz nenhum comentário. O abade Huc viu e examinou uma dessas lâmpadas, assim como outras pessoas que tiveram a boa sorte de conquistar a confiança e amizade dos lamas e sacerdotes orientais. Não se podem negar mais as maravilhas vistas pelo capitão Lane no Egito; as experiências de Jacolliot em Benares e as de Sir Charles Napier; as levitações de seres humanos em plena luz do dia.

Entre as reivindicações da Alquimia está a das lâmpadas perpétuas. Se dissermos ao leitor que vimos muitas delas, poderão perguntar-nos - no caso de a sinceridade de nossa crença pessoal não ser questionada - como podemos dizer que as lâmpadas que observamos eram perpétuas, já que o período de nossa observação foi muito limitado? Simplesmente porque, como sabemos quais os ingredientes empregados, e a maneira de fazê-las, e a lei natural aplicável ao caso, confiamos em que nossa afirmação pode ser corroborada por investigações no local adequado. Onde se localiza este lugar e onde se pode aprender este conhecimento, nossos críticos devem descobri-lo, esforçando-se como nós o fizemos. Entrementes, citaremos alguns dos 173 autores que escreveram sobre o assunto. Nenhum deles, como lembramos, afirmou que essas lâmpadas sepulcrais queimariam perpetuamente, mas apenas por um número indefinido de anos, e exemplos se registram de sua contínua iluminação por muitos séculos. Não se negará que, se existe uma lei natural pela

qual uma lâmpada pode queimar sem ser alimentada durante dez anos, não há razão por que a mesma lei não permita a combustão por cem ou mil anos.

Entre muitas personagens de renome que acreditavam firmemente e afirmaram energicamente que tais lâmpadas sepulcrais queimavam por vários centenas de anos, e que poderiam continuar a queimar *talvez* para sempre, se não tivessem sido extintas, ou os vasos quebrados por algum acidente, podemos incluir os seguintes nomes: Clemente de Alexandria, Hermolaus Barbarus, Apiano, Burattinus, Citésio, Célio, Foxius, Costaeus, Casalius, Cedrenus, Delrius, Ericius, Gesnerus, Jacobonus, Leander, Libavius, Lazius, Pico dela Mirandola, Eugênio Filaletes, Liceto, Maiolus, Maturantius, Batista Porta, Pancirollus, Scardeonius, Ludovicus Vives, Voltarranus, Paracelso, vários alquimistas árabes e, finalmente Plínio, Solinus, Kirches e Alberto Magno.

São os egípcios, esses filhos do País da Química, que lhes reclamam a invenção. Pelo menos eles foram o povo que utilizou tais lâmpadas mais do que qualquer outra nação, por causa de suas doutrinas religiosas. Acreditava-se que a alma astral da múmia permanecia sobre o corpo pelo espaço de três mil anos do ciclo de necessidade. Presa a ele por um fio magnético, que só podia ser quebrado por seu próprio esforço, os egípcio esperavam que a lâmpada perpétua, símbolo de seu espírito incorruptível e imortal, convenceria por fim a alma mais material a abandonar o seu domicílio terrestre e unir-se para sempre com o seu EU divino. É por isso que as lâmpadas eram penduradas nos sepulcros dos ricos. Tais lâmpadas são, com freqüência, encontradas nas cavernas subterrâneas dos mortos, e Liceto escreveu um grande infólio para provar que em seu tempo, sempre que um sepulcro era aberto, uma lâmpada ardente era encontrada na tumba, mas extinguia-se instantaneamente devido à *profanação*. Tito Lívio, Burattinus e Michael Schatta, em suas cartas a Kirches, afirmam que encontraram muitas lâmpadas nas cavernas subterrâneas da velha Mênfis. Pausânias fala da lâmpada de ouro no templo de Minerva, em Atenas, que ele afirma ser obra de Calímaco, e que queimava durante um ano inteiro. Plutarco afirma que viu uma no templo de Júpiter Amon, e que os sacerdotes lhe asseguraram que ela queimava continuamente há anos, e que, mesmo quando colocada ao ar livre, nem o vento nem a água podiam extingui-la. Santo Agostinho, a autoridade católica, também descreve uma lâmpada do templo de Vênus, da mesma natureza que as outras, inextinguível pelo vento mais violento ou pela água. Encontrou-se uma lâmpada em Edessa, diz Cedrenus, "que, oculta no topo de uma certa porta, queimou durante quinhentos anos". Mas, de todas as lâmpadas, a mencionada por Maximus Olybius de Pádua é de longe a mais extraordinária. Ela foi encontrada nas proximidades de Ateste, e Scardeonius a descreve de maneira muito viva: "Numa ampla urna de argila havia uma outra menor, e nesta uma lâmpada ardente, que assim queimava há 1.500 anos, por meio de um licor puríssimo contido em duas vasilhas, uma de ouro e outra de prata. Estas estavam confiadas à guarda de Franciscus Maturantius, que as avaliava por um valor extraordinário".

A lâmpada de Antióquia, que queimou mil e quinhentos anos, num lugar público e aberto, sobre a porta de uma igreja, foi preservada pelo "*poder de Deus*", "que fez um número tão infinito de estrelas para queimar com luz perpétua". Quando às lâmpadas pagãs, Santo Agostinho assegura-nos que elas eram obra do demônio, "que nos engana de mil maneiras". Nada mais fácil para Satã do que representar um facho de luz, ou uma chama brilhante para aqueles que entraram em primeiro lugar numa tal caverna subterrânea. Isto foi sustentado por todos os bons cristãos durante o papado de Paulo III, quando, na abertura da tumba na via Ápia, em Roma, se encontrou o corpo inteiro de uma jovem nadando num licor brilhante que a preservou tão bem que a face era bela como se estivesse viva. A seus pés queimava uma lâmpada, cuja chama se apagou na abertura do sepulcro. Segundo alguns sinais gravados, descobriu-se que ela fora sepultada há mais de 1,500 anos e supôs-se que era o corpo de Tulliola, ou Tullia, filha de Cícero.

Químico e físicos negam que lâmpadas perpetuas são possíveis alegando que tudo que é transformado em vapor ou fumaça não pode ser permanente, mas deve consumir-se; e como a alimentação de óleo de uma lâmpada acesa é exalada como o vapor, o fogo, por esse motivo, não pode ser perpétuo, pois necessita de alimento. Os alquimistas, por outro lado, negam que toda a alimentação do fogo ateado deve necessariamente converter-se em vapor. Eles dizem que há coisas na Natureza que não só resistem à ação do fogo e permanecem inconsumíveis, mas também se mostram inextinguíveis pelo vento ou pela água. Numa antiga obra química do ano de 1.705, intitulada *Nekpornoeia*, o autor dá numerosas refutações às pretensões de vários alquimistas. Mas, embora negue que se possa fazer um fogo queimar *perpetuamente*, ele está propenso a acreditar na possibilidade de uma lâmpada queimar por vários séculos. Além disso, temos numerosos testemunhos de alquimistas que devotaram anos a essas experiências e chegaram à conclusão de que isso era possível.

A INDESTRUTIBILIDADE DA MATÉRIA (L. 1 pág. 295)

A descoberta da indestrutibilidade da matéria e a da correlação de forças, especialmente a última, são proclamadas como um de nossos grandes triunfos. É a "mais importante descoberta do presente século", como expressou Sir William Armstrong em sua oração como presidente da Associação Britânica. Mas esta "importante descoberta" não é em suma uma descoberta. Sua origem, deixando de lado os traços inegáveis encontrados nos filósofos antigos, perde-se nas densas trevas dos dias pré-históricos. Seus primeiros vestígio descobrem-se nas especulações sonhadoras da teologia védica, na doutrina da emanação e da absorção, do Nirvana, em suma. Scoto Erígena esboçou-a em sua audaciosa filosofia do século VIII, e convidamos o leitor a ler sua *De divisione naturae,* para convencer-se desta verdade. A Ciência diz-nos que quando a teoria da indestrutibilidade da matéria (entre parênteses, uma antiquíssima idéia de Demócrito) foi demostrada, tornou-se necessário estendê-la à força. Nenhuma partícula material pode jamais perder-se; nenhuma parcela de força que existe na Natureza pode desaparecer; portanto, a força mostrou-se igualmente indestrutível, e suas várias manifestações ou forças, sob diversos aspectos, revelaram ser mutuamente conversíveis, e apenas modos diferentes de movimento das partículas materiais. E assim se redescobriu a correlação de forças. O Sr. Grove, já em 1824, deu a cada uma dessas forças, como calor, eletricidade, magnetismo e luz, o caráter de conversibilidade, tronando-as capazes de ser num instante uma causa e no próximo um efeito. Mas de onde vêm estas forças e para onde vão, quando as perdemos de vista? Sobre este ponto, a Ciência cala-se.

A ANTIGUIDADE E A TEORIA DAS CORRELAÇÕES DE FORÇAS. (L. 1. pág. 296).

À teoria da "correlação de forças", embora possa ser nas mentes de nossos contemporâneos "a maior descoberta de nosso século", não pode explicar nem o começo nem o fim de tais força: e não pode indicar-lhes a causa. As forças podem ser conversíveis e uma pode produzir a outra, mas nenhuma ciência exata é capaz de explicar o alfa e o ômega do fenômeno. E, assim parafraseado por Jowett: "Deus conhece as qualidades originais das coisas; o homem só pode esperar chagar à probabilidade". Os antigos hindus baseavam sua doutrina da emanação e absorção precisamente nessa lei. Tò *"Ov,* o ponto primordial num círculo infinito, "cuja circunferência está em parte alguma, e o centro em toda parte", que emana de si todas as coisas, e que as manifesta no universo visível sob formas multifárias. As formas alternam-se, misturam-se e, depois de uma gradual transformação do espírito puro (ou o *"Nada"* búdico) na matéria mais grosseira, começam a se retrair e também gradualmente a reemergir em seu estado primitivo, que é a absorção no Nirvana - o que é então isso senão a correlação de forças?

A Ciência diz-nos que o calor desenvolve a eletricidade, e a eletricidade produz calor; e que o magnetismo produz eletricidade, e *vice-versa*. O movimento dizem-nos, resulta do próprio movimento, e assim por diante, *ad infinitun.* Este é o ABC do ocultismo e dos primeiros alquimistas. Descobrindo-se e provando-se a indestrutibilidade da matéria e da força, o grande problema da eternidade está resolvido. Que necessidade temos então do espírito? Sua inutilidade está doravante cientificamente demonstrada!

Portanto, pode-se dizer que os filósofos modernos não deram um passo além do que os sacerdotes da Samotrácia, os hindus, e mesmo os gnósticos cristãos tão bem conheciam. Os últimos demostraram-no no mito maravilhosamente ingênuo dos dioskuri, ou "os filhos do céu", os irmãos gêmeos a respeito dos quais diz Schweigger "que morrem constantemente e voltam à vida juntos, pois é absolutamente necessário *"que um morra para que o outro possa viver"*. Eles sabiam tão bem quanto os nossos físicos que, quando uma força desaparece, ela simplesmente se converte numa outra força. Embora a Arqueologia não tenha descoberto nenhum aparelho antigo para tais conversões especiais, pode-se, não obstante, afirmar com perfeita razão e com base em deduções analógicas que quase todas as religiões antigas se fundavam em tal indestrutibilidade da matéria e da força - mais a emanação do todo a partir de um fogo etéreo, espiritual - ou o Sol Central, que é Deus ou Espírito, em cujo conhecimento se baseia potencialmente a antiga Magia Teúrgica.

No comentário manuscrito de Proclus sobre a Magia, ele dá a seguinte explicação: "Do mesmo modo que os amantes avançam gradualmente da beleza que é aparente em formas sensíveis para aquela que é divina, assim os sacerdotes antigos, quando pensavam que há uma certa aliança e simpatia entre as coisas naturais, entre as coisas visíveis e as forças ocultas, e descobriram que todas as coisas subsistem em tudo, edificaram uma ciência sagrada com base em sua simpatia e similaridade mútua. Portanto, eles reconheciam nas coisas subordinadas as coisas supremas, e, nas supremas, as secundárias; nas regiões celestes, as propriedades terrestres subsistindo de maneira causal e celestial, e na terra, as propriedades celestes, mas de acordo com a condição terrestre".

Proclus assinala certas peculiaridades misteriosas das plantas, dos minerais e dos animais, todas as quais são muito bem-conhecidas por nossos naturalistas, mas nenhuma é explicada. Tais são o movimento rotatório do girassol, do heliotrópio, do lótus - que, antes de o Sol se levantar, dobram as folhas, guardando-as

consigo, por assim dizer, e as expandem então gradualmente quando o Sol se levanta, para recolhê-las novamente quando este se põe -, das pedras solares e lunares e do hélio-selene, do galo e do leão, e outros animais. "Ora, os antigos", diz ele, "tendo contemplado a mútua simpatia das coisas celestes e terrestres, aplicaram-na para propósitos ocultos, de natureza celeste e terrestre, por cujo intermédio, graças a certas semelhanças, deduziram as virtudes divinas nesta morada inferior.(...) Todas as coisas estão repletas de naturezas divinas; as naturezas terrestres recebem a plenitude das que são celestes, e as celestiais das essências *super*celestiais, ao passo que cada ordem de coisas procede gradualmente de uma bela descida do *mais alto ao mais baixo*. Pois tudo que se reúne acima da ordem das coisas dilata-se em seguida descendo, *as diversas almas distribuindo-se sob a conduta de suas diversas divindades".*

Evidentemente, Proclus não advoga aqui simplesmente uma superstição, mas uma ciência ; pois não obstante ser oculta, e desconhecida de nossos eruditos, que lhe negam as possibilidades, a magia ainda é uma ciência. Ela se baseia solidamente e unicamente nas misteriosas afinidades existentes entre corpos orgânicos e inorgânicos, nas produções visíveis dos quatro reinos, e nos poderes invisíveis do Universo. O que a ciência chama de gravitação, os antigos e os hermetistas medievais chamavam de magnetismo, atração, afinidade. É a lei Universal, que foi compreendida por Platão e exposta no *Timeu* como a atração dos corpos menores pelos maiores, e dos corpos semelhantes pelos semelhantes, estes últimos exibindo antes um poder magnético do que a lei da gravitação. A fórmula antiaristotélica de que *a gravidade força todos os corpos a caírem com igual rapidez, sem relação com o seu peso,* sendo a diferença causada por alguma outra *desconhecida,* aplicar-se-ia ao que parece com mais adequação antes ao *magnetismo* do que à gravitação, pois o primeiro atrai antes em virtude da substância do que do peso. Uma completa familiaridade com as faculdades ocultas de tudo que existe na Natureza visíveis e invisíveis; suas relações, atrações e repulsões mútuas; a causa desta, remonta até o princípio *espiritual* que penetra e anima todas as coisas; a habilidade para fornecer as melhores condições para que este princípio se manifeste, noutras palavras, um profundo e exaustivo conhecimento da lei natural - tal *foi* e *é* a base da Magia.

A UNIVERSALIDADE DA CRENÇA NA MAGIA. (L. 1. pg. 300).

A Magia era outrora uma ciência universal e estava inteiramente nas mãos do sábio sacerdote. Embora o foco fosse zelosamente guardado nos santuários, seus raios iluminavam toda a Humanidade. Como explicaríamos de outro modo a extraordinária identidade de "superstições", costumes, tradições e mesmo de adágios, repetidos nos provérbios populares tão espalhados de um pólo a outro que encontramos as mesmas idéias entre os tártaros e os lapões como entre as nações meridionais da Europa, os habitantes das estepes russas, e os aborígenes da América do Norte e do Sul? Tylor demonstra, por exemplo. que uma das antigas máximas pitagóricas, "Não ateie o fogo com uma espada", é popular entre várias nações que não têm a menor conexão entre si. Ele cita De Plano Carpini, que descobriu que esta tradição prevalecia entre os tártaros já em 1246. Um tártaro não consentirá por preço algum em jogar uma faca ao fogo, ou tocá-lo com qualquer instrumento afiado ou pontiagudo, pois teme cortar a "cabeça de fogo". Os kamachadals do noroeste asiático consideram um grande pecado fazê-lo. Os índios Sioux da América do Norte não ousaram tocar o fogo com agulha, faca ou instrumento pontiagudo. Os kalmucks compartilham desse mesmo medo; e um abissínio preferiria colocar os braços nus até os ombros num braseiro a utilizar uma faca ou um machado perto dele.

Todos os provérbios de Pitágoras, como muitos dos adágios antigos, têm um duplo significado; e, enquanto têm um significado físico oculto, expresso literalmente em suas palavras, encarnam um preceito moral, que é explicado por Jâmblico em sua *Vida de Pitágoras*. Este "Não revolta o fogo com uma espada" é o nono símbolo no *Protréptico* desse neoplatônico. "Este símbolo", diz ele, "exorta à prudência". Ele mostra "a propriedade de não opor palavras mordazes a um homem cheio de fogo e de cólera - de não lutar com ele. Pois freqüentemente por palavras impolidas agitareis e irritareis um homem ignorante, e sofrereis por isso. (...) Heráclito testemunha também a verdade desse símbolo. Pois, diz ele, 'É difícil lutar com cólera, pois não se pode mais fazer o que é necessário para redimir a alma'. E ele tem razão em dizê-lo. Pois muitos, deixando-se levar pela cólera, modificaram a condição de suas almas, e tornaram a morte preferível à vida. Mas governando a língua e calando-se, a amizade nasce do conflito, pois o fogo da cólera se extingue, e vós não parecereis desprovidos de inteligência".

O grande corpo dos antigos materialistas, por mais cépticos que nos pareçam hoje, pensava de outra maneira, e Epicuro, que rejeitava a imortalidade da alma, acreditava, no entanto, num Deus, e Demócrito admitia plenamente a realidade das aparições. A maior parte dos sábios da Antigüidade acreditava na preexistência e nos poderes divinos do espírito humano. A magia da Babilônia e da Pérsia baseava nisso a doutrina de seus *machagistia*. Os *Oráculos caldeus*, que Pleto e Pselo tanto comentaram, expuseram e ampliaram constantemente o testemunho daqueles. Zoroastro, Pitágoras, Epicuro, Empédocles, Cebes,

Eurípedes, Platão, Euclides, Fílon, Boécio, Virgílio, Cícero, Plotino, Jâmblico, Proclus, Pselo, Sinésio, Orígenes e finalmente o próprio *Aristóteles*, longe de negarem a nossa imortalidade, sustentaram-na muito enfaticamente. Como Cardan e Pomponazzi, "que não eram partidários da imortalidade da alma", como diz Henry More, "Aristóteles conclui expressamente que a alma racional é um destino da alma do mundo, embora a mesma essência, e que ela preexiste antes de habitar o corpo".

CAPÍTULO VIII

ALGUNS MISTÉRIOS DA NATUREZA

A FORMAÇÃO DOS CORPOS CELESTES. (L. 1. pág. 308).

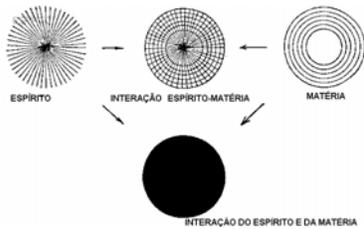
O prefácio do último livro de Astronomia de Richard A. Proctor, intitulado *Our Placê Among Infinities*, contém estas extraordinárias palavras; "Foi a sua ignorância - do lugar da Terra no espaço infinito - que levou os antigos a considerar os corpos celestiais como se eles regessem favoravelmente ou adversamente os destinos dos homens e das nações, e a dedicar os dias, em conjuntos de sete, aos sete planetas do seus sistema astrológico".

O Sr. Proctor faz duas asserções distintas nessa frase: 1º) Que os antigos ignoravam o lugar da Terra no espaço infinito; e 2º) Qual eles consideravam os corpos celestiais como se regessem, favorável ou adversamente, os destinos dos homens e das nações (Não precisamos ir tão longe para nos assegurarmos de que muitos grandes homens acreditavam na mesma coisa. Kepler, o eminente astrônomo, admitia plenamente a idéia de que as estrelas e todos os corpos celestes, até mesmo a nossa Terra, são dotados de almas viventes e pensantes.). Estamos bastante seguros de que existem pelo menos boas razões para suspeitar que os antigos estivessem familiarizados com os movimentos, a posição e as relações dos corpos celestiais. Os testemunhos de Plutarco, do Prof. Draper e de Jowett são suficientes explícitos. O Sr. Proctor esboça-nos a teoria da formação da nossa Terra e das mudanças sucessivas pelas quais ela passou antes de se ter tornado habitável pelo homem. Ele pinta com cores vívidas a condenação gradual da matéria cósmica em esferas gasosas cercadas por "uma casca líquida não-permanente"; o resfriamento lento da massa; os resultados químicos que se seguem à ação do calor intenso sobre a matéria terrestre primitiva; a formação dos solos e a sua distribuição; a mudança na constituição da atmosfera; o aparecimento da vegetação e da vida animal; e, finalmente, o advento do homem.

Ora, reportemo-nos aos registros escritos mais antigos legados pelos caldeus, o hermético *Livro dos números*, (Não temos conhecimento de que uma cópia desse livro antigo figure no catálogo de qualquer biblioteca européia; mas ele é um dos *Livros de Hermes* e é referido e citado pelas obras de grande número de autores filosóficos antigos e medievais. Entre estas autoridades está o *Rosarius philosophorum*, de Arnaldo de Vila Nova; o *Tractat de lápide*, etc., de Francisco Arnolfino Lucense; o *Tractatus de transmutatione metallorum*, de Hermes Trimegistro, e, sobretudo, o tratado de Raymond Lully, *De angelis opus divinum de quinta essentia.*) e vejamos o que podemos encontrar na linguagem alegórica de Hermes, Cadmo ou Tehuti, os três vezes grande Trimegistro. "No começo dos tempos, o Grande Ente Invisível tinha as suas santas mãos cheias de matéria celestial que espalhou pelo infinito; e eis que ela se transformou em bolas de fogo e outras de argila; e elas se espalharam como o metal movente (*Mercúrio*) em muitas bolas menores e começaram a girar sem cessar; e algumas delas que eram bolas de fogo tornaram-se bolas de argila; e as bolas de argila tornaram-se bolas de fogo; e as bolas de fogo esperavam o seu momento de se tornarem bolas de argila; e as outras as invejavam e esperavam a sua vez de se tornarem bolas de puro fogo divino."

Alguém poderia exigir uma descrição mais clara das mudanças cósmicas que o Sr. Proctor tão elegantemente expõe?

Temos aqui a distribuição da matéria no espaço; depois, a sua concentração numa forma esférica; a separação de esferas menores, que se destacam das maiores; a rotação axial; a mudança gradual de orbes do estado incandescente para a consistência terrestre; e, finalmente, a perda total de calor que marca a sua entrada no estágio da morte planetária. A mudança das bolas de argila em bolas de fogo seria para os materialistas um fenômeno como a ignição de uma estrela em Cassiopéia em 1572 d.C. e em Serpentário, em 1604, que foi notada por Kepler. Mas os caldeus demonstraram nessa exposição uma filosofia mais profunda do que a de nossos dias. Esta mudança em bolas de "puro fogo divino" significa uma existência planetária contínua, correspondente à vida espiritual do homem, para além do mistério aterrador da morte. Se os mundos têm, como os astrônomos nos dizem, os seus períodos de embrião, infância, adolescência, maturidade, decadência e morte, eles podem, como o homem, ter a sua existência continua numa forma sublimada, etérea ou espiritual. Os mágicos no-lo respondem. Eles nos afirmam que a fecunda mãe Terra está sujeita às mesmas leis que submetem cada um dos seus filhos. No tempo ficado por ela, dá à luz todas as coisas criadas; na plenitude dos seus dias, desce ao túmulo dos mundos. O seu corpo grosseiro, material, desfaz-se lentamente dos seus átomos em virtude da lei inexorável que exige a sua nova arrumação em outras combinações. O seu

próprio espírito vivificador aperfeiçoado obedece à eterna atração que o leva para o Sol central espiritual de que procede originalmente e que conhecemos vagamente pelo nome de **DEUS**.

A figura da uma idéia da interação ESPÍRITO-MATÉRIA, do Livro o Homem Deus e o Universo I. K. Taimni Editora Pensamento.

"E o céu era visível em sete círculos e os planetas apareceram com todos os seus signos, na forma de astros, e os astros foram divididos e numerados com os seus guias que estavam neles e o seu curso *rotatório* foi limitado *pelo ar* e mantido num curso circular pela ação do ESPÍRITO divino."

O Sr. Proctor fala-nos de uma casca líquida não-congelada que envolve um "oceano plástico viscoso" em que "há um outro *globo sólido* interior em rotação". Nós, por nosso turno, tomamos o *Magia adâmica* de Eugênio Filaletes, publicado em 1650, e à p. XII encontramo-lo citando Trimegistro nos seguintes termos: "Hermes afirma que no *início* a Terra era um *lamaçal*, ou uma espécie tremelicante de *gelatina*, feita de nada mais a não ser *água congelada* pela *incubação* e pelo *calor* do Espírito Divino; *cum adhuc* (diz ele) *terra tremula esset, lucente sole compacta est*".

Na mesma obra, Filalettes, falando em sua maneira estranha e simbólica, diz [*Magia Adâmica, p. xi-xii*] "(...) a Terra é invisível (...) por minha Alma, ela o é além disso, o *olho* do *homem* nunca *viu* a *Terra*, nem pode ela ser *vista* sem a *arte*. Tornar este *elemento visível é o maior segredo da Magia*. (...) Quanto a este *corpo* grosseiro, *feculento*, sobre o qual *caminhamos*, ele é um *composto*, e não *terra*, mas há *terra* nele. (...) Numa palavra, todos os *elementos* são *visíveis* exceto *um*, a saber a *Terra*, e quando atingirdes um grau de *perfeição*, como saber por que *Deus* colocou a *Terra in abscôndito*, tereis um *excelente meio* de conhecer o próprio *Deus* e como Ele é *visível*, como é *invisível*".

A INQUIETAÇÃO DA MATÉRIA. (L. 1. pág. 311).

A contínua atividade da matéria está indicada no dizer de Hermes: "A ação é a vida de Ptah"; e Orfeu chama a natureza de "a mãe que faz muitas coisas" - ou a mãe engenhosa, industriosa, inventiva.

O Sr. Proctor diz: "*Tudo o que está sobre a Terra e dentro dela, todas as formas vegetais* e todas animais, nossos corpos, nossos cérebros são formados de materiais que foram tirados dessas profundezas do espaço que nos cerca por todos os lados". Os herméticos, e posteriormente os Rosa-cruzes, afirmam que todas as coisas visíveis foram produzidas pela disputa entre a luz e a escuridão e que toda partícula de matéria contém em si mesma uma centelha da essência divina - ou luz, *espírito* - que, por meio da sua tendência a se libertar dos seus obstáculos e retornar à fonte central, produziu movimento nas partículas e, do movimento, forma.

A *luz* - (primeira criação segundo o Gênese) - é chamada pelos cabalistas de Sephirah, ou a *Inteligência* Divina, a mãe de todos os Sephiroth, ao passo que a *Sabedoria Oculta* é o pai. A luz é o primeiro elementos que nasceu e a primeira emanação do Supremo, e luz é vida, diz o evangelista. Ambos são eletricidade - o princípio vital, *anima mundi*, que penetra o universo, o vivificador elétrico de todas as coisas. A luz é o grande mágico Proteo; sob a ação da Vontade Divina do Arquiteto, as suas ondas multifárias, onipotente, dão origem a toda forma, bem como a todo ser vivo. Do seu seio avolumado, elétrico, procedem a *matéria e o espírito*. Nos seus raios repousam os começos de toda ação física e química e de todos os fenômenos cósmicos e espirituais; ela vitaliza e desorganiza; dá a vida e produz a morte, e do seu ponto primordial emergem gradualmente é existência as miríades de mundos, corpos celestiais visíveis e invisíveis. Foi no raio desta *Primeira* Mãe, uma em três, que Deus, segundo Platão, "acendeu um fogo, que agora chamamos Sol", e que *não* é a causa da luz nem do calor, mas apenas o foco, ou, como podemos dizer, a lente pela qual os raios da luz primordial se materializam e se concentram no nosso sistema solar e produzem todas as correlações de forças.

O ELEMENTO RADICAL DAS RELIGIÕES ANTIGAS. (L. 1. Pág. 314.)

O elemento radical das religiões mais antigas era essencialmente *sabeísta* (Povo bíblico Astrólatra, que habitava o pais de Sabá -S. da Arábia.); e afirmamos que os seus mitos e as suas alegorias, uma vez interpretados correta e completamente, concordarão perfeitamente com as mais exatas noções astronômicas dos nossos dias. Diremos mais: dificilmente haverá uma lei científica - pertencente ou à Astronomia física ou à Geografia física - que não possa ser facilmente apontada nas engenhosas combinações de suas fábulas. Eles interpretaram por meio de alegorias tanto as mais importantes quanto as mais insignificantes regras dos movimentos celestes; a natureza de todo fenômeno foi personificada; e, nas biografias míticas dos deuses e das deusas olímpicos, aqueles que estiver bastante familiarizado, com os últimos princípios da Física e da

Química encontrará as suas causas, os interagentes e as relações mútuas encarnadas no comportamento e no curso das ações das divindades caprichosas. A eletricidade atmosférica, nos seus estados neutro e latente, geralmente é simbolizada em semideuses e deusas, cuja esfera de ação é mais limitada à Terra e que, em seus vôos ocasionais para regiões divinas mais elaboradas, exibem a sua têmpera elétrica sempre *na proporção estrita do aumento da distância da superfície da Terra*; as armas de Hércules e de Thor nunca foram mais mortais do que quando os deuses ascenderam às nuvens. Devemos ter em mente que antes da época em que o Júpiter olímpico fosse antromorfizado pelo gênio de Fídias em Deus Onipotente, o *Maximus*, o Deus dos deuses, e então, abandonado à adoração das multidões, na primeira e abstrata ciência do simbolismo ele encarnou em sua pessoa e em seus atributos todas as forças cósmicas. O mito era menos metafísico e complicado, porém mais verdadeiro eloqüente como expressão da Filosofia Natural. Zeus, o elemento masculino da Criação, com Ctônia-Vesta (a terra) e Métis (a água), a primeira das Oceânidas (os princípios feminino), foi considerado, segundo Porfírio e Proclo, como o *zôon-ek-zôon*, o chefe dos seres vivos. Na teologia órfica, a mais antiga de todas, metafisicamente falando, ele representa tanto a *potentia* quanto o *actus*, a *causa* não-revelada e o Demiurgo, ou o criador ativo como uma emanação da potência invisível. Nesta última capacidade demiúrgica, em conjunção com os seus companheiros, encontramos nele todos os agentes mais poderosos da evolução cósmica - a afinidade química, a eletricidade atmosférica, a tração e a repulsão.

É seguindo as suas representações nesta idoneidade física que descobrimos quão familiarizados estavam os antigos com todas as doutrinas da ciência física em seu desenvolvimento moderno. Posteriormente, nas especulações pitagóricas, Zeus tornou-se a trindade metafísica; a Mônada que evolui do EU invisível, a causa *ativa*, o efeito, e a vontade inteligente, que, juntos, constituem a *Tetraktys* (O “Quatro”, o primeiro de tudo é sua Unidade ou o “UM” sob quatro aspectos diferentes; significa a Tríada primitiva (ou Triângulo) fundida na Mônada divina.). Mais tarde ainda encontramos os primeiros neoplatônicos abandonando a Mônada primitiva, em razão de sua incompreensibilidade pelo intelecto humano, especulando apenas sobre a *tríade demiúrgica* dessa divindade tão visível e inteligível em seu efeitos; e depois a continuação metafísica por Plotino, Porfírio, Proclo e outros filósofos, que consideram Zeus como pai, Zeus-*Poseidon*, ou *dynamis*, o filho e o poder, e o espírito ou *nous*. A Tríada também foi aceita em seu todo pela escola irenaica do século II; a diferença mais substancial entre as doutrinas dos neoplatônicos e dos cristãos consiste apenas na amalgação forçada por estes últimos da Mônada incompreensível com a sua trindade criativa realizada.

OS DEUSES DOS PANTEÕES APENAS FORÇAS DA NATURAIS. (L. 1. pág. 321).

As leis de Manu são as doutrinas de Platão, Filo, Zoroastro, Pitágoras e da Cabala. O esoterismo de toda religião pode ser solucionado com o auxílio desta última. A doutrina cabalista do Pai e do Filho alegóricos, ou IIayos e Aóyos, é idêntica ao fundamento do Budismo. Moisés não podia revelar à multidão os segredos sublimes da especulação religiosa, nem a cosmogonia do Universo; tudo isto repousando sobre a *Ilusão* Hindu, uma máscara engenhosa a velar o *Sanctum Sanctorum* e tudo o que espantava muitos comentadores teológicos.

As heresias cabalísticas receberam um apoio inesperado nas teorias heterodoxas do Gen. Pleasonton. De acordo com suas opiniões (que ele apoia em fatos muito mais incontestáveis do que os cientistas ortodoxos as suas), o espaço entre o Sol e a Terra está preenchido por um agente material que, tanto quanto podemos julgar a partir de suas opiniões, corresponde à nossa Luz Astral cabalística. A passagem da Luz por meio dele deve produzir enorme fricção. A fricção gera eletricidade e são esta eletricidade e o seu magnetismo correlativo que formam aquelas extraordinárias formas da Natureza que produzem no nosso Planeta, e sobre ele e ao seu redor, as várias alterações que encontramos por toda parte. Ele prova que o calor terrestre *não pode* derivar diretamente do Sol, pois o calor *ascendente.* A força pela qual o calor é produzido é repelente, diz ele, e, como está associado à eletricidade positiva, é atraído para a atmosfera superior por sua eletricidade negativa, sempre associada ao frio, que se opõe à eletricidade positiva. Ele fortalece a sua opinião mostrando que a Terra, que quando coberta pela neve, não pode ser afetada pelos raios de Sol, é mais quente onde a neve é mais espessa. Peasonton explica este fato pela teoria de que a radiação do calor do interior da Terra, positivamente eletrificada, encontrando-se na *superfície* da Terra com a neve que está em contato com ela, negativamente eletrificada, produz o calor.

Ele mostra, assim, que não é de maneira alguma ao Sol que devemos a luz e o calor; que a luz é uma criação *sui generis*, que passou a existir no instante em que a Divindade *quis* e pronunciou o seu fiat: "Faça-se a luz"; e que é este agente material independente que produz o calor *por ficção*, em virtude da sua velocidade enorme e constante. Em suma, é a primeira emanação cabalística que o Gen. Pleasonton nos apresenta: a

Sephirah ou *Inteligência* Divina (o princípio feminino), que, unida ao *Ain-Soph* ou sabedoria divina (o princípio masculino), produziu tudo que é visível e invisível. Ele se ri da teoria corrente da incandescência do Sol e da sua substância gasosa. A reflexão da fotosfera do Sol, diz ele, passando pelos espaços planetários e estrelar, deve ter então criado uma vasta soma de eletricidade e magnetismo. A eletricidade, pela união das suas polaridades opostas, emite calor e fornece magnetismo a todas as substâncias capazes de recebê-lo. O Sol, os planetas, as estrelas e as nebulosas são, todos eles, Imãs.

Se este corajoso cavalheiro chegar a provar a sua tese, as gerações futuras estarão pouco inclinadas a rir de Paracelso e da sua luz sideral ou astral e da sua doutrina da influência magnética exercida pelas estrelas e pelos planetas sobre toda criatura viva, vegetal ou mineral do nosso globo. Além disso, se a hipótese de Pleasonton for reconhecida como exata, a gloria transcendente do Prof. Tyndall será grandemente obscurecida. De acordo com a opinião pública, Pleasonton efetua uma investida violenta contra o eminente físico que atribuiu ao Sol efeitos caloríficos experimentados por ele uma excursão pelos Alpes, e que era, devidos apenas à sua própria eletricidade vital.

Platão reconhece que o homem é o joguete de necessidade a que está submetido desde a sua entrada no mundo da matéria; a influência externa das causas é semelhante à do *daimonia* de Sócrates. Segundo Platão, feliz é o homem corporalmente puro, pois a pureza do corpo físico determina a do astral, que, embora seja suscetível de se extrair por impulsos próprios, sempre se alinhará com a razão contra as predisposições animalescas do corpo físico. A sensualidade e outras paixões provêm do corpo carnal; e ainda que opina que há crimes *involuntários,* porque procedem de causas externas, Platão faz distinção entre elas. O fatalismo que ele concede à Humanidade não exclui a possibilidade de os evitar, pois embora a dor, o temor, a cólera e outros sentimentos sejam dados aos homens por necessidades, "se triunfa sobre eles, vive-se corretamente, e se é vencido por eles, vive-se incorretamente". O homem *dual* divino desapareceu deixando apenas a forma animal e o corpo astral (a alma *mortal* mais elevada de Platão), é abandonada apenas aos seus *instintos*, pois ele foi dominado por todos os males vinculados à matéria; em conseqüência, ele se torna um instrumento dócil nas mãos dos *invisíveis* - seres de matéria sublimada, que pairam em nossas atmosferas e estão sempre prontos a inspirar aqueles que foram justamente abandonados por seu conselheiro *imortal*, o espírito divino, chamado de "gênio" por Platão. Segundo este grande filósofo e iniciado, "quem viveu bem durante o tempo que lhe foi atribuído poderá voltar a habitar *a sua estrela* e daí levará uma existência abençoada e de acordo com a sua natureza. Mas se ele não a conseguir nesta segunda geração, ele passará *para uma mulher* [tornando-se indefeso e fraco como uma mulher], e, se não puser fim ao mal nesta condição, será transformado em algo bruto, que se parecerá com ele nos maus dias, e os seus tormentos e as suas transformações não cessarão até que, seguindo o princípio original de igualdade e de semelhança que nele existe, ultrapasse, com a ajuda da razão, as secreções últimas dos *elementos* turbulentos e irracionais (demônios elementares) compostos de fogo e ar, e de água e terra, e retorne à forma da sua primeira e melhor natureza".

"A ciência verdadeira não tem crenças", diz o ,Dr. Fenwick, em *A Strange Story,* de Bulwer-Lytton; "a verdadeira ciência (...) apenas três estados da mente: negação, convicção e o vasto intervalo entre as duas, que não é a crença, mas *suspensão de juízo".* Essa, talvez, fosse a ciência verdadeira na época do Dr. Fenwick, mas a ciência dos nossos tempos modernos procede de outra maneira; ou nega sem rodeios, sem qualquer investigação preliminar, ou colocar-se à distância prudente entre a negação e a afirmação e, dicionário na mão, inventa novos termos greco-latinos para espécies não-existentes de histeria!

Quão amiúde clarividentes poderosos e adeptos de Mesmerismo descrevem epidemias e manifestações *físicas* (embora fossem invisíveis para outros) que a ciência atribui à epilepsia, a distúrbio hematonervosos e, que sei eu, de *origem somática,* como a sua lúcida visão os viu na luz astral. Eles afirmam que as "ondas elétricas" estavam num estado de violenta perturbação e que eles percebiam uma relação direta entre esses distúrbios etéreos e a epidemia mental ou física que então reinava. Mas a ciência não os ouviu, e continuou o seu trabalho enciclopédico de maquinar nomes novos para coisas velhas.

AS PROVAS DOS PODERES MÁGICOS DE PITÁGORAS. (L. 1. pg. 331).

Um dos poucos comentadores dos velhos autores gregos e latinos que se mostraram equivalentes aos antigos do ponto de vista do seu desenvolvimento mental é Thomas Taylor. Na sua tradução da *Vida de Pitágoras*, de Jâmblico, encontramos a seguinte observação: "Dado que Pitágoras, como Jâmblico nos informa (...) era iniciado em todos os mistérios de Biblos e de Tiro, nas operações sagradas dos sírios e nos mistérios dos fenícios, e também (...) havia passado 22 anos nos áditos dos templos do Egito, reunido com os magos da Babilônia, e que fora instruído por eles em seu venerável conhecimento - não é nada surpreendente

que ele fosse muito versado em Magia ou teurgia, e fosse capaz de fazer que ultrapassam *o mero poder humano* e que parecem ser absolutamente incríveis ao vulgo".

O éter universal não era, aos seus olhos, simplesmente algo que se expandia, sem ocupante, pela extensão do céu; era um oceano sem limites povoado como os nossos mares por monstros e criaturas menores e que possuía em cada uma das suas moléculas os germes da vida. Como as tribos aquáticas que formigam nos nossos oceanos e nos mínimos corpos de água, cada espécie que vivia em seu *hábitat* curiosamente adaptada ao seu lugar, algumas amigáveis e outras inamistosas ao homem, algumas agradáveis e outras espantosas de se ver, algumas procurando o refúgio de um esconderijo tranqüilo e de enseadas abrigadas, e algumas correndo através de grandes áreas de água - as várias raças de espíritos *elementais* habitavam, segundo eles, as diferentes regiões do grande oceano etéreo e, para sermos exatos, adaptadas às suas respectivas condições. Se não perdemos de vista o fato de que o curso dos planetas no espaço deve criar uma perturbação tão absoluta nesse meio plástico e atenuado quanto a passagem de um tiro de canhão no ar ou de um barco a vapor na água, e isso em escala cósmica, podemos compreender que certos aspectos planetários, admitindo-se que nossas premissas sejam verdadeiras, podem produzir uma agitação muito violenta e ocasionar correntes muito fortes numa determinada direção do que outros. Aceitas essas mesmas premissas, também podemos perceber por que, dados os vários aspectos dos astros, bandos de "elementais" amigáveis ou hostis podem ser derramados em nossa atmosfera, ou algumas porção determinada dela, e aí fazer sentir a sua presença por meio dos efeitos que enseja.